

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

LETÍCIA AMARAL CARLAN

O SUJEITO COMUM NAS CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS

Porto Alegre

2012

LETÍCIA AMARAL CARLAN

O SUJEITO COMUM NAS CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação Social, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Escosteguy

Porto Alegre

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C278s Carlan, Letícia Amaral
O sujeito comum nas crônicas de Martha Medeiros /
Letícia Amaral Carlan. – Porto Alegre, 2012.
118 f.

Diss. (Mestrado) – Fac. de Comunicação Social, PUCRS.
Orientador: Profa. Dra. Ana Carolina Escosteguy.

1. Comunicação Social. 2. Gêneros Jornalísticos.
3. Crônicas Rio-grandenses – Crítica e Interpretação.
4. Medeiros, Martha – Crítica e Interpretação. 5. Sujeito.
6. Análise do Discurso. I. Escosteguy, Ana Carolina.
II. Título.

CDD 070.44

Bibliotecária Responsável: Dênira Remedi – CRB 10/1779

LETÍCIA AMARAL CARLAN

O SUJEITO COMUM NAS CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação Social, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: ____ de _____ de 2012.

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Escosteguy – PUCRS

Profa. Dra. Ivone Maria Cassol – PUCRS

Profa. Dra. Ângela Felippi – UNISC

Porto Alegre

2012

AGRADECIMENTOS

À professora Ana Carolina Escosteguy pela orientação e pelo período de aprendizado.

À minha família, ao meu namorado e aos meus amigos pelo incentivo, ajuda e compreensão.

RESUMO

A presente dissertação busca compreender como as crônicas de Martha Medeiros representam o sujeito comum. Para tanto, é apresentado um panorama da construção do conceito de sujeito ao longo da história, bem como o papel da crônica no Brasil e na América Latina. Dessa forma, apresenta o cenário para situar a análise. O estudo utiliza como corpus a produção de Martha Medeiros, publicada no caderno Donna do jornal Zero Hora de setembro de 2011 a fevereiro de 2012. A metodologia utilizada é a análise de conteúdo, norteadas por um caminho formulado por Nísia Martins do Rosário (2006) constituído por quatro etapas: Quais os elementos da linguagem da crônica que estão sendo usados nos textos em análise?, Como esses elementos estão sendo usados?, Que sentidos estão sendo produzidos nos textos selecionados? e Como se apresenta o processo de significação?. De modo geral, a pesquisa conclui que as crônicas de Martha Medeiros representam o sujeito comum ao abordar temas e utilizar uma linguagem capaz de produzir sentidos pertinentes para os leitores. É possível perceber que o sentido produzido pelos textos diz respeito a algo que acontece com a maioria das pessoas, ou com o sujeito comum. Isto é capaz de explicar por que as crônicas de Martha Medeiros têm tido esse grande alcance.

Palavras-chave: Crônica. Martha Medeiros. Sujeito.

ABSTRACT

This dissertation seeks to understand how Martha Medeiros' chronicles represent the common subject. To do so, it is given an overview of the construction of the subject's concept throughout history, as well as the role of the chronicle in Brazil and Latin America. Thus, the scenario is described to situate the analysis. The study uses as corpus the production of Martha Medeiros, published in the Donna's pages in the Zero Hora newspaper from September 2011 to February 2012. The methodology used is the content analysis, guided by a path made by Nísia Martins do Rosário (2006) consisted of four steps: Which chronicle languages are used in the analyzed texts? How these elements are being used? Which senses are being produced in the selected texts? and How the signification process is presented?. Generally, the research concludes that the chronicles of Martha Medeiros represent the common subject by addressing issues and using a language capable of producing meanings relevant to readers. It is possible to notice that the sense given by the texts refers to something that happens to most of the people, or to the common subject. This can explain why Martha Medeiros' chronicles have reached this level.

Keywords: Chronicle. Martha Medeiros. Subject.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PREÂMBULO – HISTÓRIA E CONTEXTO	12
2.1 MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE.....	12
2.2 O SUJEITO COMUM.....	15
2.2.1 A origem do conceito de sujeito.....	15
2.2.1.1 <u>Sujeito do Iluminismo</u>	16
2.2.2 O conceito de sujeito ao longo da história.....	18
2.2.2.1 <u>Sujeito Sociológico</u>	19
2.2.3 O Sujeito Pós-Moderno.....	24
2.3 A CENTRALIDADE DA CULTURA.....	30
3 A CRÔNICA	33
3.1 OS GÊNEROS JORNALÍSTICOS.....	33
3.2 A CRÔNICA DENTRO DO CONTEXTO LATINO-AMERICANO E BRASILEIRO.....	37
3.3 A CRÔNICA E OS ESTUDOS CULTURAIS.....	43
4 MARTHA MEDEIROS E SUA OBRA	46
4.1 DESDOBRAMENTOS DE SUA OBRA.....	51
4.2 METODOLOGIA.....	53
5 O SUJEITO COMUM NAS CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS	57
6 CONCLUSÕES	87
REFERÊNCIAS	90
ANEXO A – Crônica “Tempos de amnésia obrigatória”	94

ANEXO B – Crônica “Onde você estava quando...?”	95
ANEXO C – Crônica “A farra dos sentidos”	96
ANEXO D – Crônica “O medo de errar”	97
ANEXO E – Crônica “Carla Bruni e o rock’n’roll”	98
ANEXO F – Crônica “Medianeras”	99
ANEXO G – Crônica “Artistas anônimos”	100
ANEXO H – Crônica “Nadir, Euripedes e Yuri”	101
ANEXO I – Crônica “Mamografia”	102
ANEXO J – Crônica “O dono do livro”	103
ANEXO L – Crônica “Adeus ao general”	104
ANEXO M – Crônica “Alguém quem?”	105
ANEXO N – Crônica “De vestido de oncinha e plumas”	106
ANEXO O – Crônica “O que acontece no meio”	107
ANEXO P – Crônica “Sem querer interromper, mas já interrompendo”	108
ANEXO Q – Crônica “A vida da gente”	109
ANEXO R – Crônica “Natal para ateus”	110

ANEXO S – Crônica “2012, me surpreenda”	111
ANEXO T – Crônica “Esquecimento e memória”	112
ANEXO U – Crônica “Vinte segundos de insanidade: por que não?”	113
ANEXO V – Crônica “Não canse quem te quer bem”	114
ANEXO X – Crônica “fakebook”	115
ANEXO Z – Crônica “Empregadas ou secretárias?”	116
ANEXO AA – Crônica “A geladeira e o livro”	117

1 INTRODUÇÃO

A trajetória da gaúcha Martha Medeiros como cronista do jornal Zero Hora iniciou em 1993 e perdura até hoje. Soma-se a isso, a veiculação de uma coluna semanal no jornal O Globo, do Rio de Janeiro, a publicação de diversos livros de ficção, infantil e coletâneas de crônicas, a adaptação do romance **Divã** para o teatro, o cinema e uma série de televisão exibida na Globo. Em 2010, outros dois livros de Martha Medeiros foram adaptados para o teatro: **Doidas e santas** e **Tudo que eu queria te dizer**. Mais recentemente, em 2012, sua obra foi adaptada para a televisão e exibida em uma série na RBS TV, intitulada **Mulheres em Transe**. Frente a esse fenômeno midiático, o presente estudo teve como intuito compreender o porquê desta trajetória crescente.

O objeto de reflexão escolhido para desenvolver este estudo está composto pelas crônicas publicadas no caderno Donna do jornal Zero Hora de setembro de 2011 a fevereiro de 2012, totalizando 24 textos. O interesse deste trabalho é contribuir para os estudos sobre comunicação no âmbito da análise sobre como o sujeito é representado na mídia, especificamente, nas crônicas de Martha Medeiros. Busca-se também compreender o fenômeno sociológico deste gênero jornalístico.

Na literatura, as pessoas precisam se identificar com aquilo que lêem e os livros de Martha Medeiros, por apresentarem grandes números de vendas, mostram que há uma identificação entre os leitores e a escritora. A representação que ela faz da sociedade e de seu tempo é significativa. Por esse motivo, acredita-se ser importante entender as razões pelas quais determinado assunto rende comentários e conquista leitores.

Nessa perspectiva, cabe lembrar ainda o que diz Jésura Lopes Chaves, no texto **Compreensão leitora e estrutura argumentativa no gênero crônica**:

[A crônica] atua como portadora do *espírito do tempo*, tanto por suas características formais como por seu conteúdo, pela relação que nela se instaura entre ficção e história, pelos aspectos aparentemente casuais do cotidiano, como também pela complexa trama de tensões e relações sociais que entremeiam sua composição. Importante ainda é a cumplicidade lúdica que se estabelece entre o autor e o leitor, sempre ancorada na contemporaneidade (CHAVES, 2009, p. 36).

A crônica, enquanto gênero jornalístico, reflete a sociedade de uma época e, por esse motivo, necessita que se dê importância e se analise profundamente seus conteúdos. Uma sociedade que entende o período pelo qual está passando, com seus comportamentos e formas de agir, é capaz de refletir sobre o seu momento atual e evoluir nas suas ideias.

Os meios de comunicação só existem porque o público os mantém. Deste fato vem a importância que os veículos e editoras dão para a análise de sua audiência. O que está interessando o leitor do jornal, o telespectador dos telejornais ou os leitores de livros e *blogs*? É certo que o público só se interessa pelo que lhe toca. Ele gosta de ler um caderno de moda, apesar de não poder pagar por roupas de grife. Ou seja, aquelas fotos despertam nele um desejo de consumo. E mais, a partir de uma grande vontade, ele pode até mesmo decidir que vai economizar para comprar a roupa que o periódico mostrou. Portanto, é fundamental saber até que ponto os veículos de comunicação representam o seu público leitor e suas necessidades e quais os mecanismos que eles usam para gerar essa identificação. O jornalista que escreve a matéria sobre moda, possivelmente sabe que a maioria de seus leitores não terá dinheiro para comprar aquela roupa, mas mesmo assim publica, porque também sabe que aquilo pode gerar um certo desejo no leitor. A imprensa é capaz de influenciar a opinião pública através do que publica.

Cabe ainda questionar sobre por quê o público consome determinado conteúdo. Ele leu uma crônica que fala sobre o dia das mães e ficou emocionado. Ele não tem mais mãe, mas lembrou de quando a tinha e ela o colocava para dormir. Percebe-se, portanto que, em uma rápida análise, pode parecer que determinado leitor se identificou com a crônica sem nenhum motivo aparente. Apenas gostou do texto. Mas, se pararmos e colocarmos luz à questão, é possível verificar se o público leitor em geral também se sente identificado com o que lê e por quais razões.

No entanto, aqui o foco é outro: considera-se a necessidade de compreender as formas de representação do sujeito comum na mídia. O trabalho propõe fazer essa análise, focado nas crônicas de Martha Medeiros publicadas no jornal Zero Hora. As crônicas mencionadas merecem ser objeto de registro e reflexão porque são lidas por um número significativo de pessoas.

O presente estudo busca, portanto, compreender quais são os valores e padrões de comportamento associados ao sujeito comum que aparecem nas crônicas de Martha Medeiros. Para tanto, é necessário identificar de que modo as crônicas de Martha Medeiros representam esses valores e padrões de comportamento associados ao sujeito comum. Outra questão importante para o andamento da pesquisa é entender em que contexto cultural as crônicas de Martha Medeiros estão inseridas, que elementos culturais estão ali presentes e de que forma a cultura é apresentada por ela em sua crônica.

O objetivo geral desta análise, assim sendo, é estudar a representação do sujeito comum nas crônicas de Martha Medeiros. A pesquisa tem como objetivos específicos identificar os valores e padrões de comportamento associados ao sujeito comum que aparecem nas crônicas de Martha Medeiros, descrever de que modo as crônicas de Martha Medeiros representam os valores e padrões de comportamento associados ao conceito de sujeito comum e elucidar em que contexto cultural as crônicas de Martha Medeiros estão inseridas e de que forma a cultura é apresentada por ela em sua crônica.

Para realizar o estudo proposto, parte-se de uma revisão bibliográfica a cerca da construção do conceito de sujeito, passando por sua origem e evolução, até chegar ao sujeito pós-moderno e sua centralidade na cultura. Em um segundo momento, a crônica é descrita enquanto gênero jornalístico e seu desenvolvimento na América Latina e no Brasil é recuperado. A relação da crônica com os estudos culturais também é abordada. Na terceira parte, que precede a análise final, é realizado um resgate histórico da obra de Martha Medeiros e seus desdobramentos. Para finalizar, a metodologia utilizada é a análise de conteúdo, norteadas por um caminho formulado por Nísia Martins do Rosário (2006) constituído por quatro etapas: Quais os elementos da linguagem da crônica que estão sendo usados nos textos em análise?, Como esses elementos estão sendo usados?, Que sentidos estão sendo produzidos nos textos selecionados? e Como se apresenta o processo de significação?.

Com todos esses elementos articulados, foi possível concluir que as crônicas de Martha Medeiros representam o sujeito comum ao abordar temas e utilizar uma linguagem capaz de produzir sentidos pertinentes para os leitores.

PREÂMBULO – HISTÓRIA E CONTEXTO

Antes de analisar a representação do sujeito comum nas crônicas de Martha Medeiros é necessário compreender em que contexto social e histórico essa produção encontra-se e, mais do que isso, entender como se chegou ao cenário atual em que a cronista está inserida. Para isto, faz-se uma recuperação histórica da modernidade e pós-modernidade, onde se constitui o sujeito e, por consequência, sua identidade. A cultura tem papel fundamental na formação da identidade. A transformação da identidade se relaciona, portanto, na modernidade com a centralidade da cultura no mundo de hoje.

2.1 MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE

O processo de mudança da modernidade, conhecido como globalização, teve forte impacto na identidade cultural. A pós-modernidade estendeu ainda mais os efeitos dessa transformação social e cultural. Enquanto o mundo tornava-se pequeno e todos os locais próximos, com o advento da internet e outras formas tecnológicas, as relações pessoais e sociais também mudaram. É possível dizer que a forma como o sujeito relacionava-se com o outro se modificou e com isso alterou a maneira como as identidades eram constituídas. O fato do longe estar cada vez mais perto afetou a disseminação das diferentes culturas. Antes do modernismo, cada país tinha sua própria tradição bem delimitada e respeitada. A partir do momento em que as passagens aéreas tornaram-se mais acessíveis e a internet foi introduzida em alguns lares, a conexão entre as pessoas e suas formas de agir e se expressar também mudaram. Agora é praticamente impossível dizer que uma pessoa usa para se vestir, por exemplo, determinada influência. O sujeito não precisa influenciar-se apenas por uma etnia ou crença. É possível misturar o que cada um se identifica e com isso criar seu próprio estilo. Na modernidade, as identidades tornam-se maleáveis. As pessoas passaram a interagir com o diferente e desconhecido. Essa relação permitiu criar culturas e identidades híbridas. Atualmente, é possível encontrar na cidade de Porto Alegre, por exemplo, pessoas que praticam yoga, pilates, reiki, krav maga e outras diversas formas de exercitar o corpo e a mente.

Cada uma delas vinda das mais diferentes regiões da Terra: Índia, Alemanha, Japão e Israel, respectivamente. É possível perceber essa ruptura de fronteiras também na esfera religiosa. Há alguns anos, a maior parte da população brasileira era constituída por católicos. Hoje, o espiritismo, religiões africanas, como candomblé, o budismo e etc estão presentes nas crenças das pessoas. Por tudo isso, é possível perceber que, algo que, inicialmente, era uma mudança social e política, gerou uma imensa mudança nas relações entre as pessoas alterando assim suas identidades. As transformações oriundas da modernidade mostraram-se mais profundas das que as sofridas nos períodos anteriores.

Sobre o plano extensional, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intensionais, elas vieram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana (GIDDENS, 1991, p. 14).

É possível citar algumas características marcantes do período moderno. A primeira delas é a rapidez das mudanças. Outra característica é o escopo da mudança. “Conforme diferentes áreas do globo são postas em interconexão, ondas de transformação social penetram através de virtualmente toda a superfície da Terra” (GIDDENS, 1991, p. 16). A terceira característica é a natureza intrínseca das instituições modernas. As formas sociais modernas, como o urbanismo moderno, não eram encontradas em períodos anteriores.

A modernidade, porém, não é apenas representada por mudanças rápidas, mas também por uma forma altamente reflexiva de vida. “As práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter” (GIDDENS, 1991, p. 37).

Outro aspecto importante da modernidade é o que Giddens chama de “desalojamento do sistema social”. O que caracteriza o deslocamento das relações sociais dos contextos locais de interação e sua reestruturação ao longo de escalas indefinidas de espaço-tempo.

A sociedade moderna traz a ideia, contrária ao que diversos sociólogos acreditaram durante um longo período, de que “está constantemente sendo ‘descentrada’ ou deslocada por forças fora de si mesma” (HALL, 1992, p. 17). Essas

novas comunidades são atravessadas por diferentes padrões sociais e produzem diferentes sujeitos e, conseqüentemente, identidades. A partir desse momento, portanto, é importante compreender esse sujeito moderno. “Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias ser conjuntamente articulados” (HALL, 1992, p. 17).

Nesse momento, é importante apresentar a ideia na qual este trabalho irá basear-se, as tribos pós-modernas de Michel Maffesoli. Essas diferentes identidades descritas por Hall, são para Maffesoli as tribos, em que cada sujeito tenta inserir-se para ter o sentimento de pertencer a algo. Os elementos estão distribuídos em diversas identidades. Uma pessoa não precisa mais ter somente uma característica. Ficou claro na modernidade que os indivíduos são seres complexos e que, portanto, não podem ser enquadrados em padrões restritivos. O sujeito pode ensaiar balé clássico a tarde e ir a um show de heavy metal de noite. É possível pertencer a diversas tribos sendo um só sujeito.

Como já foi dito anteriormente, a modernidade traz com ela novas maneiras de constituir as identidades dos sujeitos. O rompimento das barreiras sociais e físicas transforma culturas em redes interligadas. Para o filósofo Zygmunt Bauman, à medida que o ser humano se depara com as incertezas e as inseguranças da “modernidade líquida”, nossas identidades sociais, culturais, profissionais, religiosas e sexuais sofrem um processo de transformação contínua, que vai do perene ao transitório, com todas as angústias que esta situação traz consigo.

Bauman afirma que existem dois tipos de comunidades: “existem comunidades de vida e de destino, cujos membros (segundo a fórmula de Siegfried Kracauer) ‘vivem juntos numa ligação absoluta’, e outras que são ‘fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios” (BAUMAN, 2005, p. 17). Na modernidade, esse segundo tipo de comunidade cresceu vertiginosamente.

Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’ (BAUMAN, 2005, p. 17).

A partir do momento em que isso ocorre, ou seja, a percepção de que o sentimento de pertencer a algo e a criação da identidade não é algo pré-determinado pelo local em que se nasceu ou viveu, ou pelas pessoas com as quais se convive, é necessário compreender esse novo sujeito, que pode escolher entre tantas identidades que flutuam no universo para criar a sua própria. A seguir, o trabalho apresenta as transformações no conceito de identidade ao longo da história: do conceito ligado ao sujeito do Iluminismo para o conceito sociológico e, por último, para o sujeito pós-moderno.

2.2 O SUJEITO COMUM

Esta dissertação tem como objetivo compreender a representação do sujeito comum nas crônicas de Martha Medeiros. A autora escreve sobre diversos assuntos e, com isso, acaba gerando uma identificação por parte do público leitor. Para fazer a análise proposta, é necessário esclarecer o que se entende por sujeito comum e, antes disso, como o sujeito estabeleceu-se ao longo da história.

2.2.1 A origem do conceito de sujeito

As primeiras definições de sujeito estão relacionadas com a ideia de que o homem era concebido à imagem e semelhança de Deus. “O homem está sujeito a forças impessoais ou a um destino sobre o qual não pode interferir” (TOURAINÉ, 1995, p. 217). A concepção de homem era a de que, portanto, ele representava e era guiado por Deus. O sujeito medieval era a ação sobre o controle de Deus.

Mas Nietzsche anuncia, em **A gaia ciência**, 1882, a morte de Deus:

Deus está morto! Deus permanece morto! E quem o matou fomos nós! Como haveremos de nos consolar, nós os algozes dos algozes? O que o mundo possuiu, até agora, de mais sagrado e mais poderoso sucumbiu exangue aos golpes das nossas lâminas. Quem nos limpará desse sangue? Qual a água que nos lavará? Que solenidades de desagravo, que jogos sagrados haveremos de inventar? A grandiosidade deste acto não será demasiada para nós? Não teremos de nos tornar nós próprios deuses, para parecermos apenas dignos dele? Nunca existiu acto mais grandioso, e,

quem quer que nasça depois de nós, passará a fazer parte, mercê deste acto, de uma história superior a toda a história até hoje! (NIETZSCHE, 1882, §125).

O filósofo ilustra o momento histórico pelo qual o mundo estava passando: as ideias religiosas não representavam mais o centro do pensamento. A razão, a história e o progresso tomavam o lugar do sagrado. “A ideia de modernidade substitui Deus no centro da sociedade pela ciência, deixando as crenças religiosas para a vida privada” (TOURAINÉ, 1995, p. 18).

Segundo Stuart Hall, “as transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Antes se acreditava que essas eram divinamente estabelecidas; não estavam sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais” (HALL, 1992, p. 25). A ordem secular e divina estava acima do sentimento de que a pessoa fosse um indivíduo. “O dilaceramento do sagrado rompe a ordem religiosa como todas as formas de ordem social e liberta o sujeito encarnado na religião” (TOURAINÉ, 1995, p. 226).

2.2.1.1 **Sujeito do Iluminismo**

A ideia de indivíduo soberano nasceu entre o Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII, representando uma ruptura com o passado. A Reforma e o Protestantismo libertaram a consciência individual das instituições religiosas e a expuseram diretamente aos olhos de Deus. O Humanismo Renascentista colocou o Homem no centro do universo. As revoluções científicas conferiram ao Homem a faculdade e as capacidades para inquirir, investigar e decifrar os mistérios da Natureza. O Iluminismo trouxe a imagem do Homem racional, científico, libertado do dogma e da intolerância, e diante do qual se estendia a totalidade da história humana, para ser compreendida e dominada.

O filósofo Descartes, refletindo a dúvida que acometeu a humanidade após o deslocamento de Deus do centro do Universo, postulou duas substâncias distintas: a espacial, representada pela matéria, e a pensante, representada pela mente. No centro da mente, ele colocou o sujeito individual, constituído pela capacidade de raciocinar e pensar, e lançou o célebre silogismo: “Penso, logo existo”. É o sujeito cartesiano, este ser que tem a capacidade de racionalizar os acontecimentos.

Naquele momento, é a razão que deve governar a vida em sociedade, já que ela é capaz de criar conceitos e princípios universais. Esta hegemonia da razão resulta na instrumentalização dos desejos.

Conforme escreve Touraine, “a modernidade é a antitradição, a derrubada das convenções, dos costumes e das crenças, a saída dos particularismos e a entrada no universalismo, ou ainda a saída do estado natural e a entrada na idade da razão” (TOURAINÉ, 1995, p. 216). Fica clara a quebra de paradigma a que o mundo assiste. Se, antes, a vida e o destino do homem estavam nas mãos de Deus, agora o homem é responsável por desenvolver o mundo em que vive, através da razão e do pensamento.

A concepção de sujeito entende o pensamento racional e sua capacidade de resistir ao desejo, para seguir somente o governo da razão. A modernidade pode ser definida, segundo Touraine, pela eficácia da racionalidade instrumental, a dona do mundo que se tornou possível pela ciência e a técnica. Mas não só por isso. Ela também pode ser representada pela emergência do sujeito humano como liberdade e criação.

Não existe uma figura única na modernidade, mas duas figuras voltadas uma para a outra cujo diálogo constitui a modernidade: a racionalização e a subjetivação. (...) Os sucessos da ação técnica não devem fazer com que se esqueça a criatividade do ser humano (TOURAINÉ, 1995, p. 218).

Mas o sujeito individual acaba enredado nas máquinas burocráticas e administrativas do Estado moderno e, como consequência, acaba perdendo essa liberdade recém-conquistada para cumprir com o seu papel na sociedade. Emerge a partir daí o sujeito social.

A burguesia é a classe dos que empregam o trabalho assalariado:

Existe burguesia onde a propriedade dos meios de produção social se concentrou nas mãos de uma classe, isto é, depois que essa propriedade foi arrancada dos elementos de outras classes e camadas sociais, depois que se gerou o capital, por via dessa concentração da propriedade dos meios de produção social, depois que se gerou o trabalho assalariado, que possibilita o aparecimento do capital (SODRÉ, 1967, p. 2).

Quando as relações feudais acabam, ocorre a emergência da burguesia:

A luta da burguesia contra a nobreza feudal é a luta da cidade contra o campo, da indústria contra a propriedade da terra, da economia baseada no dinheiro contra a economia natural, e as armas decisivas dos burgueses nessa luta foram os recursos, constantemente reforçados, do poder econômico, pelo desenvolvimento da indústria, primeiro artesã e depois manufatureira, e pela difusão do comércio (ENGELS, 1960, p. 129).

Na França, o processo ocorreu pela derrocada da antiga classe dominante, a nobreza. Com o passar do tempo, devido à pressão que sofreu das outras classes que a apoiaram na Revolução Burguesa, os franceses aliam-se com a nobreza. Já na Inglaterra, a nobreza perdeu seus poderes, mas conservou suas honras. Os ingleses subordinaram a nobreza aos seus desígnios mantendo “a monarquia, a câmara dos lords e outras aparências de poder” (SODRÉ, 1967, p. 4).

Os burgueses “sonhavam com mudanças na sociedade e queriam que o dinheiro e os bens móveis fossem reconhecidos como valores mais importantes do que os privilégios do *sangue azul*” (KONDER, 2000, p.11). No século XVIII, o homem burguês já podia se reconhecer com clareza no plano das ideias. Contudo, foi no século XIX “que a burguesia como classe conseguiu se firmar no poder, conseguiu assegurar em escala ampliada o funcionamento do modo de produção que lhe convinha e passou a exercer plenamente sua hegemonia sobre o conjunto da sociedade” (KONDER, 2000, p.18). Essa hegemonia burguesa representou para a sociedade a exaltação das competências individuais. A competição emergiu “como processo social em várias situações que se configuravam como nucleares para o desenvolvimento de um estilo ‘moderno’ de vida social urbana” (FERNANDES, 1975, p. 166).

2.2.2 O conceito de sujeito ao longo da história

Em decorrência da ascensão da burguesia e da extrema valorização das competências individuais e, por conseqüência, do estímulo à competição, começam a ocorrer revoluções ligadas à estrutura da sociedade. A partir de 1750, desenvolve-se um processo econômico e social profundo na Europa: a Revolução Industrial. Neste período, há a introdução de novas culturas, ampliação de superfícies

cultivadas, progressos nas relações comerciais e nas invenções. A ascensão da burguesia tem seu momento culminante com a Revolução Francesa, em 1789, “com a derrocada da aristocracia e o estabelecimento de um novo sentido de vida, baseado na livre iniciativa, na livre concorrência e na destruição das barreiras rígidas entre as classes sociais” (GONZAGA, 1998, p. 38).

Após esta revolução, o Século das Luzes, em que a visão teocêntrica é abandonada, dá lugar ao Romantismo, onde o indivíduo é caracterizado por ser

fantasioso, imprevisível, de alta complexidade psicológica, centrado na sua imaginação e sensibilidade gênio intuitivo investido de missão por lance do destino ou impulso inerente à sua personalidade, que é herói romântico encarnação de uma vontade antes social do que pessoal, apesar da forma caprichosamente subjetiva de seus motivos e decisões (GUINSBURG, 1993, p. 15).

O Romantismo reflete a nova ordem social e centra-se “na glorificação do particular, do singular, do íntimo, daquilo que diferencia uma pessoa da outra” (GONZAGA, 1998, p. 39).

Outra característica do Romantismo é o sujeito psicológico, que pode ser definido como uma “condição de conflito interior, na dilaceração do sentimento que nunca se sente satisfeito, que se encontra em contraste com a realidade e aspira a algo mais, que, no entanto, se lhe escapa continuamente” (REALE e ANTISERI, 2005, p. 11).

Ou seja, o surgimento da biologia darwiniana e das novas ciências sociais, entre elas a psicologia e sociologia, influenciaram no surgimento de uma nova concepção do sujeito. As teorias da socialização mostram um sujeito participando das relações sociais de uma forma mais ampla.

2.2.2.1 **Sujeito Sociológico**

O compromisso social acaba fazendo com que o sujeito e seu espírito livre se choquem com suas novas obrigações, com a necessidade de sua contribuição para o progresso da ciência e da tecnologia. “A modernidade se identifica com o espírito

de livre iniciativa e se choca sempre com o espírito doutrinário e com a defesa dos aparelhos de poder” (TOURAINE, 1995, p. 215).

Segundo Hall, “à medida que as sociedades modernas se tornavam mais complexas, elas adquiriam uma forma mais coletiva e social” (HALL, 1992, p. 29). As teorias clássicas liberais de governo tiveram que ser adaptadas para incluir em seus preceitos as estruturas do Estado-nação e as grandes massas. O sujeito passou a ser visto dentro dessa nova estrutura social.

Os estudos de sociologia e de psicologia tiveram um papel importante na definição de sujeito nesse novo contexto social. A sociologia desenvolveu uma explicação da maneira como os indivíduos são formados subjetivamente, através da participação em relações sociais. Ocorre a *internalização* do exterior no sujeito e a *externalização* do interior, através da ação no mundo social. Porém, na mesma época, metade do século XX, surge a figura do indivíduo isolado, colocado contra o “pano de fundo da metrópole anônima e impessoal” (HALL, 1992, p. 32). No ramo da psicologia, a descoberta do inconsciente, por Freud, traz a ideia de que a identidade do sujeito é algo que vai sendo construído ao longo de sua vida. Nascermos e vamos preenchendo nossa identidade através das experiências com o mundo exterior. A ideia que se tinha do sujeito racional, provido de uma identidade fixa e estável, é neste momento contestada.

Um conceito importante, no que diz respeito ao sujeito, é a ideia do poder simbólico. Neste novo cenário em que o indivíduo está em constante contato com a sociedade, transformando-se através dessas novas experiências, como nos mostra a sociologia e a psicologia, é preciso atentar para o fato de que essa nova organização social trouxe, não só o conceito do indivíduo liberto da religião, mas também significou prendê-lo, de outra forma, nesse papel de ator social. O sujeito é responsável por mudar o mundo em que vive, mas precisa trabalhar para isso. Esse poder simbólico caracteriza um poder invisível que opera sem ser notado. Ele não precisa da ação objetiva das pessoas, mas sim, de sua legitimação. Pierre Bourdieu desencana esta ideia em **O poder simbólico**:

O poder sobre o grupo que se trata de trazer à existência enquanto grupo é, a um tempo um poder de fazer o grupo impondo-lhe princípios de visão e de divisão comuns, portanto, uma visão única da sua identidade, e uma visão idêntica da sua unidade (BOURDIEU, 2000, p. 117).

Esse sujeito, ao cumprir um papel de ator social, acaba se tornando mais politizado e, com isso, surgem as opiniões. O autor que representou um marco na teoria sociológica e na psicologia social foi Gabriel Tarde. O pensador foi responsável pelos primeiros elementos de uma ciência focada na opinião pública. Tarde explica que é através do público que surgem as correntes de opinião. “A formação de um público supõe, portanto, uma evolução mental e social bem mais avançada do que a formação de uma multidão” (TARDE, 1958, p.33).

Quando nasce a imprensa é a ideia de um público que se organiza, formando um fragmento ordenado da multidão que se afirma. A imprensa dá a pauta para as conversas e ela e o público geram as opiniões. A imprensa é, portanto, a grande fomentadora de opiniões. Tarde vê no jornal o ápice da difusão de opiniões:

Não se saberá, não se imaginará jamais até que ponto o jornal transformou, enriqueceu e nivelou ao mesmo tempo, unificou no espaço e diversificou no tempo as conversações dos indivíduos, mesmo dos que não lêem jornais, mas que, conversando com os leitores de jornais, são forçados a seguir a trilha de seus pensamentos de empréstimo (TARDE, 1958, p. 89).

No entanto, mesmo com a existência dos jornais, se não houvesse conversação, as opiniões não circulariam:

se não se conversasse, ainda que os jornais surgissem – e não se concebe nessa hipótese sua publicação – não exerceriam sobre os espíritos nenhuma ação duradoura e profunda, seriam como uma corda vibrante sem base de harmonia (TARDE, 1958, p.94 e 95).

Sem a conversação, as pessoas não seriam capazes de mudar de opinião:

O papel político da conversação não é menor que seu papel linguístico. Há um vínculo estreito entre o funcionamento da conversação e as mudanças da opinião, de que dependem as vicissitudes do poder. Onde a opinião muda pouco, lentamente ou permanece quase imutável, as conversações costumam ser raras, tímidas, girando num círculo estreito de mexericos. Onde a opinião é móvel, agitada, onde passa de um extremo a outro, as conversações são freqüentes, ousadas, emancipadas (TARDE, 1958, p. 134).

De acordo com José Ortega y Gasset, em **A rebelião das massas**, quem tem uma opinião, tem poder. E mais: quem tem uma opinião e consegue passá-la, a ponto de atingir muitas pessoas que não a tinham e acabam indo atrás de opiniões alheias, tem mais poder ainda: “a opinião pública é a força radical que nas sociedades humanas produz o fenômeno de mandar é coisa tão antiga e perene como o próprio homem” (GASSET, 1958, p.175).

Ele explica que a massa tem um pensamento único que não é, necessariamente, a soma ou o amálgama dos pensamentos de cada um dos seus participantes. A massa tem um pensamento próprio, como se todos os cérebros se fundissem em um só, minimizando todos os demais pensamentos individuais: “a massa faz sucumbir tudo o que é diferente, egrégio, individual, qualificado e especial. Quem não for como todo mundo, quem não pensar como todo mundo, correrá o risco de ser eliminado” (GASSET, 1958, p. 48). Aqui, cabe refletir: o homem, que na antiguidade tinha sua vida e seu destino designados por Deus, na modernidade tem sua vida dominada pelos pensamentos e ideias da massa. Para não sucumbir ao destino que as outras pessoas lhe oferecem, é necessário que o sujeito desenvolva sua própria opinião. Gasset já nos diz que, “sem opiniões, a convivência humana seria o caos; menos ainda: o nada histórico. Sem opiniões, a vida dos homens careceria de arquitetura, de organicidade” (GASSET, 1958, p. 177).

A partir do século XVI, a humanidade experimentou um processo de unificação. Isso ocorreu em um crescendo e hoje já não há ilhas de humanidade. Quem manda no mundo, diz Ortega, exerce sua influência autoritária sobre ele como um todo. O grupo homogêneo, formado pelos povos europeus, durante três séculos mandou no globo. É a chamada Idade Moderna, época da hegemonia européia.

Convém que se faça uma distinção entre um fato ou um processo de agressão e uma situação de mando. O mando é exercício normal da autoridade, o qual se fundamenta sempre na opinião pública – sempre, hoje ou há dez mil anos, entre os ingleses ou entre os botocudos. Jamais alguém mandou na Terra baseando seu mando essencialmente em outra coisa que não a opinião pública (GASSET, 1958, p. 162).

Ou seja, o mando existe a partir da opinião pública e não a opinião pública a partir do mando. Ortega constata que mandar está ligado à opinião pública: “não se pode mandar contra a opinião pública” (GASSET, 1958, p. 164).

Dentro dessa perspectiva de que o homem exercia a conversação e era capaz de mudar de ideia sobre algo, cabe verificar o que nos diz Alain Touraine sobre o Sujeito ser reconhecido como ator social:

O mundo moderno é cada vez mais ocupado pela referência a um Sujeito que está libertado, isto é, que coloca como princípio do bem o controle que o indivíduo exerce sobre suas ações e sua situação e que lhe permite conceber e sentir seus comportamentos como componentes da sua história pessoal de vida, conceber a si mesmo como ator. O Sujeito é a vontade de um indivíduo de agir e de ser reconhecido como ator (TOURAINÉ, 1995, p. 220).

O homem pré-moderno, como já vimos, buscava a sabedoria, porém, sentia-se impedido a isso, pelas forças impessoais, por seu destino, pelo sagrado e pelo amor. A sociedade moderna buscou acabar com este problema através da integração social. Antes de ser ator de sua vida pessoal, era preciso desempenhar papéis para tornar-se agente de uma obra coletiva. A construção de um sujeito individual em um primeiro momento é reprimida.

O sujeito individual só aparece quando o indivíduo reconhece nele mesmo a sua presença e a vontade de ser sujeito. Alan Touraine define os termos *indivíduo*, *Sujeito* e *ator*. Acredito ser importante esclarecer estes papéis porque repercutem um conceito diferente de sujeito.

Para o autor, o indivíduo é “a unidade particular onde se misturam a vida e o pensamento, a experiência e a consciência” (TOURAINÉ, 1995, p. 220). O Sujeito

é a passagem do id ao Eu, controle exercido sobre o vivido para que tenha um sentido pessoal, para que o indivíduo se transforme em ator que se insere nas relações sociais, transformando-as, mas sem jamais identificar-

se completamente com nenhum grupo, com nenhuma coletividade (TOURAINÉ, 1995, p. 220).

É necessário, portanto, que o indivíduo faça essa transição entre o id, inconsciente, e o Eu, consciente, para que consiga transformar em ações o que até então ficaria somente no campo das ideias, do subconsciente.

O ator não age de acordo com as leis do papel que ocupa na rede social, mas modifica o meio material e social em que está inserido, modificando as relações de poder. Passa-se a falar em *ator social*. O ator não se define mais por sua utilidade junto ao corpo social nem por seu respeito aos mandamentos divinos e, sim, por sua constituição, enquanto sujeito livre. O sujeito criaria o ator, seriam noções indissociáveis. Porém, na atualidade, não é bem assim que as coisas funcionam. Enquanto que, por um lado, vivemos um individualismo narcisista, por outro, queremos voltar ao mundo religioso e estético, e, por um terceiro lado, desempenhamos os papéis da maneira que a sociedade espera que o façamos. Ocorre o que Touraine chama de *subjetivação*: “a subjetivação é a penetração do Sujeito no indivíduo e, portanto, a transformação – parcial – do indivíduo em Sujeito” (TOURAINÉ, 1995, p. 222). No mundo moderno, o homem “se torna o fundamento dos valores, já que o princípio central da moralidade se torna a liberdade, uma criatividade que é seu próprio fim e se opõe a todas as formas de dependência” (TOURAINÉ, 1995, p. 222). Esta oposição às formas de dependência faz com que o homem, assim como após livrar-se da ideia de Deus no centro do universo, queira atingir um ideal de liberdade. Mas o cenário neste momento é outro, o da pós-modernidade, e permite que o sujeito possa atingir a liberdade através das diversas identidades que ele puder e quiser assumir.

2.2.3 O Sujeito Pós-Moderno

Michel Maffesoli traz uma importante contribuição para este trabalho, no que diz respeito à questão do sujeito comum, porque tem-se dedicado a compreender o homem comum. Segundo Eduardo Portanova Barros (2008), existe a passagem de

uma forma de *identidade* para uma forma de *identificação*. A *identidade* representa uma característica da modernidade, enquanto que a *identificação* o é da pós-modernidade:

Se antes nós podíamos, seguramente, ter um perfil delineando uma profissão segura, um projeto de vida, isso já não acontece mais. Agora, o perfil é mutante, a profissão (quase) não existe, o projeto é ocasional e o futuro, incerto. O que vale é o presente (presenteísmo) (BARROS, 2008, p. 182).

Na concepção do sujeito pós-moderno, não se fala em uma só identidade, mas sim, em várias. Segundo Maffesoli, o que importa é a identificação. Para que essa identificação aconteça, é necessário trazer novamente o conceito de heterogeneidade para a sociedade.

Assim, [ocorre] a reafirmação da diferença, os *localismos* diversos, as especificidades das línguas e culturas, as reivindicações étnicas, sexuais, religiosas, as múltiplas coisas parecidas em torno de uma origem comum, real ou mitificada (MAFFESOLI, 2007, s/p).

Na atual sociedade, a pós-moderna, existe uma gama imensa de culturas, línguas e comportamentos, o que é capaz de gerar identificações diferentes nos sujeitos. Cada sujeito se identifica com aquilo que lhe toca, que lhe diga algo sobre determinado aspecto da sua vida. A bagagem que a pessoa possui também influencia essa identificação. A partir dos signos que ela já conhece, com os quais ela teve contato ao longo da sua trajetória, ela desenvolve um repertório para compreender a realidade e, assim, sentir-se identificada. Por exemplo, alguém que vive em comunidades carentes no Rio de Janeiro está acostumado a ouvir determinados tipos de música. O mais tradicional deles é o *funk* carioca. Se esta mesma pessoa for levada ao Teatro Municipal para assistir a um concerto de música clássica, provavelmente, ela não sentirá a mesma empolgação que tem ao ouvir o *funk* produzido na sua comunidade. E por que isso acontece? Porque ela está ligada à sua comunidade. As letras das músicas fazem sentido para ela, pois falam da

realidade que conhece de perto. Ao contrário de uma obra erudita, que ela não possui uma bagagem ou história, em sua vivência anterior, para reconhecer aquela música como algo que lhe toque. A identificação, portanto, é gerada a partir de situações pregressas, que permitem às pessoas compreender algo e dar significado àquilo.

Para o ser humano, que vive em sociedade, é importante estar inserido em uma comunidade. Desde a época da escola maternal, passando pelo colégio e pela faculdade, até o trabalho, as pessoas formam grupos de amigos com os quais sentem alguma afinidade. Esse sentimento de pertencimento é fundamental para que o sujeito se sinta realizado. Afinal, o homem é um animal social.

O sujeito comum, agora, quer se sentir parte de algo maior, quer pertencer a algum grupo:

Tudo serve para celebrar um estar junto, cujo fundamento é menos a razão universal que a emoção partilhada, o sentimento de pertencença [sic]. É assim que o corpo social se difrata em pequenos corpos tribais. Os corpos, em sua teatralidade, se tatuam, se furam. As cabeleiras se eriçam ou se cobrem de lenços, de kipas, de turbantes ou de outros acessórios, tal como griffe Hermès (MAFFESOLI, 2007, s/p).

Os grupos são identificados de acordo com características físicas e psicológicas. Cada década teve suas tribos. Nos anos 1950, por exemplo, foi a vez dos *surfistas* e *motoqueiros*. Nos anos 1960, os *hippies*, *skatistas* e *skinheads* espalharam pelo mundo suas ideologias. Já nos anos 1990, surgiram as *patricinhas* e os *mauricinhos*. Se trouxermos esse pensamento para o contexto atual, podemos citar algumas *tribos* modernas. Os chamados *emos* constituem uma das tribos mais identificadas em Porto Alegre. São caracterizados pelos cabelos pretos, com franjas, *piercings*, tatuagens e roupas pretas. Gostam de se reunir em praças e saídas de *shoppings* para tocar violão e conversar. Outra tribo identificada na capital é a dos *geeks*. Eles são popularmente conhecidos também como *nerds*. São caracterizados pela forte ligação com a tecnologia. Gostam de jogos de computadores, de videogames e também de estudar. Normalmente, são os melhores alunos da classe. Vestem-se de maneira comum: camiseta, tênis e calças *jeans*. Cabe salientar que,

geralmente, quem é de uma determinada tribo não pode ser também ligada a outra, pois cada uma tem suas características peculiares e que diferem das demais.

O sociólogo define o que caracteriza como o tempo das tribos: “sejam sexuais, musicais, religiosas, esportivas, culturais, e até políticas, elas [as tribos] ocupam o espaço público. É uma constatação que é pueril e irresponsável de negar. Não leva a nada as estigmatizar” (MAFFESOLI, 2007, s/p). E vai além: questiona por que o público não pode aceitar essas tribos eletivas, reconhecê-las e admitir que o consenso social deve se dar com a partilha de sentimentos diversos:

Desde que elas estão ali, por que não aceitar as diferenças comunitárias, ajudar a encaixá-las e aprender a compor com elas? O jogo da diferença, longe de empobrecer, enriquece. Após tudo, uma tal composição pode participar de uma melodia social, ao ritmo talvez um pouco mais *coaligido*, mas não menos dinâmico. O ajustamento dos diversos teclados da música *techno* traduz, também, uma forma de cultura (MAFFESOLI, 2007, s/p).

Essa falta de reconhecimento e, mais do que isso, aceitação das diversas tribos, está sendo capaz de trazer à sociedade graves transtornos. Atualmente, existe um movimento denominado *homofobia*, que é a perseguição, por parte de algumas pessoas, aos *gays*, às lésbicas e aos bissexuais. Esses grupos usam de extrema violência para *punir* essas pessoas por sua escolha sexual. Os casos começaram a se tornar tão freqüentes que até mesmo a novela de maior audiência da televisão brasileira na época em que foi transmitida, em 2011, **Insensato Coração**, da Rede Globo, abordou o assunto, em diversos capítulos. As cenas mostravam um grupo de rapazes que perseguia *gays* pela noite carioca. Os capítulos chamaram a atenção da sociedade para este movimento de violência gratuita.

Maffesoli entende que é

perigoso, em nome de uma concepção um pouco retrógrada da unidade nacional, não reconhecer a força do pluralismo. O centro da união pode se viver na conjunção, a *posteriori*, de valores opostos. À harmonia abstrata de um unanimismo, digamos, de fachada, está se sucedendo, por meio de

múltiplos ensaios-erros, um equilíbrio conflitual, causa e efeito da vitalidade das tribos (MAFFESOLI, 2007, s/p).

Pelo que os últimos fatos indicam, ainda há um grande caminho pela frente, para que a sociedade entenda que a força está no pluralismo e no respeito aos diferentes tipos de comportamento. Somente no momento em que as pessoas aprenderem a respeitar as diferenças é que a vitalidade das tribos estará garantida.

Faz-se importante, para o andamento deste trabalho, compreender que o *sujeito comum* analisado será representado, portanto, por estas tribos pós-modernas, descritas por Maffesoli, “permitindo entender que, em oposição à solidariedade puramente mecânica que foi a marca da modernidade, o ideal comunitário das tribos pós-modernas repousa sobre o retorno de uma sólida e rizomática solidariedade orgânica” (MAFFESOLI, 2007, s/p).

O que será investigado, nesta dissertação, é justamente o que diz o sociólogo,

Procurar o essencial no inaparente das aparências. Estas da vida cotidiana. Estas desses prazeres miúdos e de pouca importância, constituindo o humano onde cresce o estar-junto. Não será isso a cultura? *Os aspectos os mais importantes para nós estão escondidos por causa de sua banalidade e de sua simplicidade* (Wittgenstein) (MAFFESOLI, 2007, s/p).

Busca-se descobrir de que forma Martha Medeiros representa e dá voz a esse sujeito comum, o sujeito das tribos pós-modernas de Maffesoli.

É necessário deixar claro que Maffesoli entende que a formação dessas tribos ou grupos, assim como ocorre de maneira rápida, também pode desfazer-se de forma fugaz. Os sujeitos se identificam com muitos elementos ao mesmo tempo, e essa liberdade dá ao sujeito pós-moderno esse caráter efêmero de identificação com as tribos:

É preciso estar em franca ruptura com os modos de análise tradicionais, constar dos insurretos do pensamento, para sentir a cadência original que está marcando o ritmo atual da vida social e para compreender a relação cínica ou astuta que as diversas tribos estabelecem com os valores institucionalizados (MAFFESOLI, 2005, p. 74).

Martha Medeiros representa, através de suas crônicas, padrões de comportamento e, conseqüentemente, as diferentes tribos existentes. Por exemplo, quando a cronista fala sobre uma peça de teatro a que foi assistir, ela está dialogando com as pessoas que também têm o hábito de ir ao teatro, ou seja, com a tribo das pessoas que gostam desse tipo de entretenimento. Se Martha Medeiros escreve sobre o dia dos namorados, mostrando o quanto é bom estar apaixonado, mas também que o mais importante é saber viver sozinho, ela está conversando com tribos distintas: a das pessoas que têm namorados e as que não têm. Aqui, é possível identificar, portanto, com maior nitidez, o conceito de *tribo pós-moderna* de Maffesoli:

Progressivamente, esquecendo-se do choque cultural que lhe deu nascimento, a civilização moderna se homogeneizou, se racionalizou ao extremo. E sabe-se que o enfado nasceu da uniformidade. A intensidade de ser se perdeu quando a domesticação se generalizou (MAFFESOLI, 2010, p. 5).

A partir desse pensamento de Maffesoli, é preciso compreender que as tribos pós-modernas representam um novo momento na sociedade, em que há a ruptura de uma homogeneização. Ao longo das últimas décadas, o ser humano, pelo avanço de questões políticas e religiosas, conquistou uma liberdade maior. Essa liberdade se manifestou através do comportamento. As tribos pós-modernas puderam assumir suas atitudes e convicções para o mundo. Cada tribo, com seu modo de vestir, seus gostos musicais e literários, mostra suas crenças e sua visão de mundo.

As crônicas, portanto, concretizam os diversos tipos de sujeito, na medida em que representam as angústias de muitos. Os leitores compreendem as mensagens dos textos de Martha Medeiros porque fazem uso das mesmas formas simbólicas utilizadas por ela, como, por exemplo, no trecho em que ela escreve: *“Eu não gosto de montanha-russa, o brinquedo, mas gosto de montanha-russa, a vida”* (MEDEIROS, 2003, p.21). Se o leitor não compreendesse essa forma simbólica, a montanha-russa, utilizada por ela, não entenderia o que ela quer dizer. Como bem disse o pesquisador, “tudo serve para celebrar um estar junto, cujo fundamento é menos a razão universal que a emoção partilhada, o sentimento de pertencença

[sic]. É assim que o corpo social se difrata em pequenos corpos tribais” (MAFFESOLI, 2010, p.8).

2.3 A CENTRALIDADE DA CULTURA

A cultura é uma parte importante da sociedade porque é o conjunto de sistemas ou códigos de significado e que permitem interpretar e dar sentido as ações alheias. Com as mudanças que ocorreram na modernidade, a forma como a cultura se constitui mudou.

A síntese do tempo e do espaço que estas novas tecnologias possibilitaram — a compressão tempo-espaço, como denomina Harvey (1989) —, introduz mudanças na consciência popular, visto que vivemos em mundos crescentemente múltiplos e — o que é mais desconcertante — “virtuais” (HALL, 1997, p. 2)

As transformações tecnológicas, por exemplo, encurtaram a velocidade com que notícias são compartilhadas ao redor do mundo. As revoluções culturais decorrentes dessas mudanças causam grande impacto no modo e no sentido que as pessoas dão a vida. A vida local passa a ser deslocada para o global. Exemplo deste deslocamento é a homogeneização cultural. As fronteiras entre os países deixam de existir. As fronteiras que importam agora são as virtuais. E essas através da internet são facilmente rompidas. Um exemplo que pode ser citado é a soberania no mercado de roupas de marcas como Adidas, Puma, Nike, entre outras. As mulheres orientais que passaram a pintar o cabelo de loiro e a vestirem-se como as ocidentais. Porém, Hall não acredita em uma homogeneização extremada:

A cultura global necessita da ‘diferença’ para prosperar — mesmo que apenas para convertê-la em outro produto cultural para o mercado mundial (como, por exemplo, a cozinha étnica). É, portanto, mais provável que produza ‘simultaneamente’ novas identificações ‘globais’ e novas identificações locais do que uma cultura global uniforme e homogênea (HALL, 1997, p. 3).

Algumas alternativas a essa homogeneização, positivas e negativas, têm ocorrido em diversas sociedades. A mistura de influências de diversas culturas está criando sociedades multiculturais. Por outro lado,

o crescimento do fundamentalismo cristão nos EUA, do fundamentalismo islâmico em regiões do Oriente Médio, do fundamentalismo hindu na Índia, o ressurgimento dos nacionalismos étnicos na Europa Central e Oriental, a atitude anti-imigrante e a postura euro-cética de muitas sociedades do ocidente europeu, e o nacionalismo cultural na forma de reafirmações da herança e da tradição, embora tão diferentes entre si, podem ser considerados como reações culturais conservadoras, fazendo parte do retrocesso causado pela disseminação da diversidade efetuada pelas forças da globalização cultural (HALL, 1997, p. 3)

O local da cultura na contemporaneidade é central. Através dos diversos e difundidos meios de comunicação, como rádio, televisão e internet, a cultura permeia toda a vida em sociedade. Ao assistir a um filme, por exemplo, o sujeito está absorvendo a cultura que aparece na tela. O processo pelo qual as pessoas passam enquanto recebem essas influências culturais é inconsciente e, por este motivo, é para muitos imperceptível. A roupa que chama a atenção de uma mulher ao olhar uma vitrine pode ser aquele vestido balonê. Ela não sabe porque, só sabe que gostou do modelo. Ao chegar em casa, depara-se com um modelo parecido na capa da revista que tinha lido alguns dias atrás. A cultura é absorvida das mais diversas formas e nas mais variadas situações.

A expressão 'centralidade da cultura' indica aqui a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo. A cultura está presente nas vozes e imagens incorpóreas que nos interpelam das telas, nos postos de gasolina. Ela é um elemento chave no modo como o meio ambiente doméstico é atrelado, pelo consumo, às tendências e modas mundiais. É trazida para dentro de nossos lares através dos esportes e das revistas esportivas, que frequentemente vendem uma imagem de íntima associação ao 'lugar' e ao local através da cultura do futebol contemporâneo (HALL, 1997, p. 5).

A cultura tem, portanto, papel fundamental na formação da identidade. Segundo Hall, "a identidade emerge, não tanto de um centro interior, de um 'eu verdadeiro e único', mas do diálogo entre os conceitos e definições que são representados para nós pelos discursos de uma cultura" (HALL, 1997, p. 8). Sendo assim, o que é chamado de identidade pode ser, na verdade, algo da cultura com a qual o sujeito se identificou ao longo do tempo.

As descobertas a cerca do sujeito foram ampliando-se ao longo da história. É possível perceber, por exemplo, que as transformações nas identidades estão relacionadas com as modificações culturais. As identidades sociais, portanto, são formadas através da cultura e de sua evolução.

3 A CRÔNICA

3.1 OS GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Os gêneros jornalísticos não são uma questão universal, pois são determinados pelo modo como é realizada a produção jornalística e são influenciados pela cultura local. Será considerada, neste trabalho, a classificação feita por José Marques de Melo (1987). O autor

leva em conta dois parâmetros: em primeiro lugar, agrupa os gêneros em categorias que correspondem à intencionalidade determinante dos relatos e identifica duas vertentes – reproduzir o real e ler o real; depois busca identificar os gêneros a partir da natureza estrutural dos relatos observáveis. Aqui distingue duas categorias: o jornalismo opinativo e o jornalismo informativo. Na primeira, a estrutura da mensagem é determinada por variáveis controladas pela instituição jornalística e assume duas feições: autoria e angulação. Na segunda, os gêneros estruturam-se a partir de um referencial exterior à instituição jornalística: a eclosão dos eventos (GOMES, 1987, p. 16).

Os gêneros da categoria *jornalismo informativo* são: nota, notícia, reportagem e entrevista. Já os gêneros da categoria *jornalismo opinativo* são: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta.

O *editorial* expressa a opinião da empresa diante de determinado fato. O editorial não reflete apenas a “opinião de seus proprietários nominais, mas o consenso das opiniões que emanam dos diferentes núcleos que participam da propriedade da organização” (ARBEX JÚNIOR, 1987, p. 91).

O *comentário* “deve estar sempre ligado a alguma notícia ou reportagem de importância que mereça a opinião ou análise de pessoa abalizada (COELHO, 1987, p. 75)”. O comentário explica as notícias e suas conseqüências através da opinião de um especialista no assunto.

O *artigo* “representa a opinião de personalidades representativas da sociedade civil que buscam espaços jornalísticos para participar da vida política e cultural” (GOMES, 1987, p. 18). Trata-se de uma matéria jornalística em que

alguém apresenta uma ideia ou expressa sua opinião sobre algo. Um tipo de artigo é o ensaio, que se distingue do artigo “pelo tratamento dado à matéria e pelo teor da argumentação” (GOMES, 1987, p. 18).

A *resenha* “corresponde a uma apreciação das obras de arte ou dos produtos culturais, com a finalidade de orientar a ação dos fruidores ou consumidores” (MELO, 2002, p.129). A resenha constitui-se uma substituta da crítica. Os grandes intelectuais se recusaram à simplificação pretendida pela indústria cultural e passaram a escrever as suas críticas apenas para periódicos especializados. Esses ainda se autodenominaram críticos. Em contrapartida, aqueles que permaneceram nos meios de comunicação escreviam suas resenhas para a grande massa.

A *coluna* “é a seção especializada de jornal ou revista, publicada com regularidade, geralmente assinada, e redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum” (MELO, 1985, p. 104). Um dos tipos de coluna é a que

cumprir hoje uma função que foi peculiar ao jornalismo impresso antes do aparecimento do rádio e da televisão: o furo. Procura trazer fatos, ideias e julgamentos em primeira mão, antecipando-se à sua apropriação pelas outras seções dos jornais, quando não funciona como fonte de informação (MELO, 1994, p. 136).

Porém, existem outros diversos tipos de coluna, como a coluna editorial assinada (que no Brasil é chamada de comentário) e a coluna de leitores (que traz as contribuições do público para o veículo).

A *caricatura* pode aparecer através de textos ou de desenhos. É um gênero jornalístico de humor, cujo objetivo principal é a crítica e a sátira social e política.

A *carta* é a manifestação opinativa, reivindicatória, cultural ou emocional do leitor. A opinião do leitor encontra expressão através da carta, em espaço específico, na maioria das vezes repetido com o editorial e o artigo de fundo.

A *crônica* se encaixa na categoria de jornalismo opinativo porque costuma exprimir uma visão sobre determinado assunto. A categoria será apresentada em profundidade, por tratar-se do nosso objeto, a seguir.

O significado tradicional da palavra *crônica* decorre de sua etimologia grega (*khronos* - tempo): é o relato dos acontecimentos em ordem cronológica

(COUTINHO, 1999, p. 120). Em português, o termo adquiriu dois sentidos: o primeiro, de relato histórico, e o outro, de gênero literário em prosa. Para o segundo, importava menos o assunto e mais “as qualidades de estilo, a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas” (COUTINHO, 1999, p. 121).

A crônica nasceu como folhetim, um artigo de rodapé sobre as questões do dia. “Assim eram os da seção ‘Ao correr da pena’, título significativo a cuja sombra José de Alencar escrevia semanalmente para o Correio Mercantil, de 1854 a 1855” (CANDIDO, 1987, p. 15). Aos poucos, o tamanho do folhetim foi diminuindo até chegar à crônica de hoje. Na década de 1930, a crônica moderna se definiu e consolidou no Brasil. Autores como Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga, que se dedicou quase que exclusivamente ao gênero, consolidaram-se como cronistas brasileiros. Já nos anos de 1940 e 1950, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos surgiram como cronistas, misturando a tradição clássica com a prosa modernista.

Atualmente, os jornais vêm demonstrando maior abertura com relação ao modo como realizam suas coberturas jornalísticas e têm tentado incluir o leitor nas suas produções. Como mostra Andréa Guaraciaba,

percebe-se claramente a preocupação e a proposta de uma nova relação jornal/leitor, como se pode ver em afirmações como: ‘o desenvolvimento da Folha depende, hoje, menos da posição do jornal em relação ao mundo do que da forma pela qual ele trata o mundo e o incorpora à existência do leitor’ ou ‘o jornalismo é uma maneira de tornar o mundo diário transparente aos olhos do leitor-cidadão’ (GUARACIABA, 1987, p. 82).

Um dos modos de fazer com que o leitor sintam-se mais presente no texto e no universo retratado por ele é a publicação de crônicas. Nelas, o autor não só apresenta um fato ocorrido, como também esclarece o leitor sobre o assunto. A crônica está entre os gêneros jornalísticos opinativos. É possível aproximá-la da esfera do literário. A crônica situa-se

num espaço de superposição ao poético e ao jornalístico, como se ela se equilibrasse entre o efêmero do cotidiano, do evento miúdo, e o imortal do fato literário, em uma ambiguidade ímpar que acaba por transformá-la em um gênero difícil de ser produzido, classificado ou analisado, quer como texto jornalístico, quer como obra literária (GUARACIABA, 1987, p. 84).

É difícil classificar a crônica, se jornalismo ou literatura. Para o jornalismo, ela representa um gênero menor, um jornalismo leve. Para a literatura, ela é diminuída e até mesmo desprezada, se comparada ao romance e ao poema. Porém, essa tensão tem sua vantagem para o gênero: “implica reconhecê-la como um contraponto crítico a qualquer um dos dois pólos” (GUARACIABA, 1987, p. 85).

Cabe trazer esta discussão para o nosso objeto de estudo neste trabalho: o sujeito. O jornalismo persegue a objetividade e a imparcialidade e, para atingir essa meta, apela à ausência do sujeito narrador anônimo. Quanto mais o repórter não aparecer, melhor. Já na crônica, não só o sujeito autor, mas também o sujeito leitor são importantes. O cronista deve aparecer no texto. Até mesmo por isso atribui-se a este tipo de texto o caráter literário. O leitor também pode aparecer, pois ele ganha importância na crônica.

Segundo José Marques de Melo, a crônica não é, portanto, um gênero apenas jornalístico, mas sim um gênero literário *jornalístico* (GUARACIABA, 1987, p. 86). Apesar de lidar com informações jornalísticas da atualidade e ser publicada em um jornal, ela não participa do processo jornalístico convencional: apuração do fato, descrição, análise.

A crônica é, hoje, o avesso do jornalismo, é seu lado crítico, libertário, inovador e humanizado, o que vem sendo asfixiado pelo império da técnica industrializada. Como diz Diáféria, ‘a crônica é aquele pedaço da imprensa onde se cultiva a sensação de que o mundo continua livre como os pardais, as nuvens e os vagalumes (GUARACIABA, 1987, p. 86).

A crônica recebe nos jornais um espaço diferenciado, normalmente com uma página específica para cada autor, com uma fonte diferente e uma ilustração que remete ao texto do dia. O nome do cronista também costuma aparecer acima do título do texto, em destaque. Outra diferenciação que podemos notar é que o cronista é contratado como um colaborador e não frequenta necessariamente a redação, apenas envia os seus textos desde sua casa, de acordo com a periodicidade fixada no contrato.

Sobre o objeto de nossa análise, a representação do sujeito comum nas crônicas de Martha Medeiros, cabe o comentário:

Como são selecionados na empresa pela área de atuação, pode-se supor que funcionam como mediadores de grupos sociais informalmente organizados e que seu ponto de vista e seus comentários, ainda que absolutamente de cunho pessoal, reflitam um posicionamento do interior desses grupos (GUARACIABA, 1987, p. 88).

Ou seja, se o cronista deve refletir o posicionamento de seus leitores, é provável que esses leitores se identifiquem com o que lêem nas crônicas.

3.2 A CRÔNICA DENTRO DO CONTEXTO LATINO-AMERICANO E BRASILEIRO

As influências literárias dos países da América Latina são vastas. Primeiramente, os países hispânicos da Europa foram os que mais influenciaram os escritores latino-americanos. Porém, “as influências europeias não-hispânicas começam a deixar marca sensível nas letras hispano-americanas a partir da Independência” (COULTHARD, 1979, p. 57). A influência francesa predominou na literatura da América Latina de maneira quase absoluta. No Romantismo, os escritores latino-americanos escolheram entre os diversos traços os que mais lhes convinham: o nacionalismo e o historicismo. “O fato é que o escritor latino-americano, romancista ou poeta, com a exceção de alguns modernistas, queria criar uma literatura de cunho nitidamente nacional ou latino-americana” (COULTHARD, 1979, p. 58). Pode-se ainda afirmar que

deste cadinho de influências – autóctones, africanas, europeias e evidentemente espanholas – saiu uma literatura de caráter inconfundível. A prova é, como proclama talvez com excessiva arrogância Vargas Llosa, que esta literatura está sendo traduzida para quase todos os idiomas da cultura e, o que é ainda mais importante, que as obras de argentinos e mexicanos, cubanos e chilenos, está sendo lida com afeição em toda a América Latina e na própria Espanha (COULTHARD, 1979, p. 60).

Os autores da América Latina tinham um grande desejo: dar voz ao seu continente e as transformações sociais e culturais pelas quais passavam. Eles não queriam reproduzir culturas europeias e sim mostrar toda a efervescência da sua própria cultura e povo. “Na história literária da América Latina, tanto durante a colônia como depois da independência, não existe nenhum outro movimento literário

como o que se chamou modernismo, que seja uma prova tão evidente da unidade e originalidade das letras desta parte do mundo” (MARTÍNEZ, 1979, p.69).

A partir dos anos 20, os artistas da América Latina começaram a ir para a Europa

mas já não iam para o outro continente com a intenção de se expatriarem. Embora a situação política de muitos dos nossos países fosse lamentável, os seus intelectuais ausentavam-se deles agora com a firme vontade de regressar. Tínhamos de fazer algo por nós próprios [...] Em toda parte se assistia a um renascer da consciência nacional (CARPENTIER, 1969, p. 51).

A crônica surge nos países latino-americanos com esta missão: dar voz própria ao continente. No modernismo, os autores contam com um público real, integrado, sobretudo, por uma consciente classe média. Poucos livros modernistas desfrutam de ampla difusão “mas uma imprensa de qualidade, desenvolvida naquela época, dá a conhecer estes autores de um extremo a outro do continente” (RETAMAR, 1979, p. 327). As crônicas do cubano José Martí eram difundidas em cerca de vinte periódicos, entre eles o La Nación, de Buenos Aires, El Partido Liberal, do México, La Opinión Nacional, de Venezuela, e La Opinión Pública, do Uruguai.

Martí “utilizou-se da crônica jornalística como arma de combate para introduzir um discurso novo que apontasse para outra modernidade, onde os grupos subalternos e esquecidos pudessem transformar-se em atores sociais, protagonistas da história latino-americana” (VELOSO, 2011, p. 133). O cronista chegou a criar uma ética do homem americano na obra **Nuestra América**, em que

havia classificado de setemesinhos os que não tinham fé na sua terra; havia assinalado com dedo acusador ‘os delicados que eram homens e não queriam fazer o trabalho de homens’, e, profético como o fora muitas vezes, vislumbrou a abjeta traça dos ‘desertores que pedem fuzil nos exércitos da América do Norte (CARPENTIER, 1969, p. 50).

José Martí nasceu em Cuba, mas foi exilado com apenas 18 anos na Espanha. Morou em diversos países da América Latina até fixar-se nos Estados Unidos por 15 anos. Em sua primeira fase, escrevia a favor da criação de uma

identidade latino-americana. Em uma segunda parte de sua vida, já morando em Nova Iorque, suas crônicas versavam sobre o anti-imperialismo norte-americano. Se antes o “inimigo” era a Europa, posteriormente passou a ser os Estados Unidos.

O pensador atuou como cônsul em Nova Iorque, representando vários países latino-americanos. Foi presidente da Sociedade Literária Hispano-Americana, também em Nova Iorque, fundador do Partido Revolucionário Cubano (1892) e articulador político e cultural dos imigrantes latino-americanos na América do Norte. Além de enfatizar e discutir, a realidade latino-americana, Martí buscou construir um discurso mais abrangente que pudesse ser endereçado a outros países, em outros continentes, que tinham experimentado a condição de colonizado.

A literatura acompanha o processo social vivido na América Latina, onde ocorre um crescimento das capitais e despovoamento do campo. Com a modernidade, o povo quer ler nos livros não mais as histórias românticas, mas sim a sua própria história. Augusto Roa Bastos é o outro nome que surge na América Latina que utilizava a crônica, entre outros gêneros, para mostrar a realidade: “Augusto Roa Bastos deixava escrita a melhor rapsódia da vida violenta e sofrida do Paraguai, que lança mão dos recursos do realismo clássico, da crônica, da poesia, do diário de guerra, da lenda popular e etc” (OVIÉDO, 1979, p. 445).

No Brasil, a crônica surge ligada à ideia da grande imprensa no século XIX e sob a atmosfera do Romantismo, o que contribuiu para o acento lírico das publicações.

Quem percorrer os jornais desse período observará que, no seu bojo, atenuando as exuberâncias da paixão política, insinuava-se algo que tinha principalmente um objetivo: entreter. Era a crônica destinada a condimentar de maneira suave a informação de certos fatos da semana ou do mês, tornando-se assimilável a todos os paladares. Quase sempre visava sobretudo o mundo feminino, criando, em consequência, um ambiente de finura e civilidade, na imprensa, que exerceu sensível efeito sobre o progresso e o refinamento da vida social brasileira (COUTINHO, 1999, p. 123).

Nesta época, a mistura de crônica e folhetim desdobrados em romance tornou-se uma prática comum entre os escritores. O romance com características de crônica mais conhecido é **Memórias de um sargento de milícias**, de Manuel Antônio de Almeida. Mas a crônica brasileira propriamente dita iniciou com

Francisco Otaviano de Almeida Rosa em folhetim no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro e no Correio Mercantil do Rio de Janeiro. O cronista foi substituído por José de Alencar, que imprimiu à crônica a mais alta categoria intelectual transformando a vida real em imagens ideais e encantadoras. “As crônicas de Alencar tinham o título de ‘Ao correr da pena’, comentando com vivacidade e juventude, como diz Artur Mota, ‘os fatos da semana, desde um simples incidente policial até os acontecimentos da guerra do Oriente” (COUTINHO, 1999, p. 125).

Machado de Assis foi outro grande cronista do Brasil. O autor deixou um bom número de crônicas, que refletiam acontecimentos do mundo e episódios da sociedade fluminense a partir de 1859.

A crônica exigia naturalmente participação direta e movimentada na vida mundana, de que era um eco ou o espelho na imprensa. Quando principiou a exercê-la, Machado de Assis frequentava todos os círculos, onde ia colher de visu a matéria-prima de suas crônicas: as reuniões da sociedade, o teatro, o parlamento (COUTINHO, 1999, p. 126).

Alguns de seus romances também tinham um pouco de crônica. O criador de Brás Cubas contribuiu para a evolução da literatura brasileira ao escrever um total de seiscentas e quatorze crônicas.

O Brasil teve ainda diversos talentosos cronistas como Joaquim Manuel de Macedo, Quintino Bocaiúva, França Junior, Melo Moraes Filho e Araripe Júnior. Raul Pompéia foi o responsável pelo que chamou de “crônica de saudades” com a qual produziu sua obra máxima de ficção: *O Ateneu*, escrito no decorrer de três meses de publicações na *Gazeta de Notícias*.

O gênero crônica contou com alguns renovadores, como foi o caso de Olavo Bilac, o substituto de Machado de Assis na *Gazeta de Notícias*. “A novidade que Bilac introduziu foi concentrar os seus comentários em determinado fato, acontecimento ou ideia, o que concorreu para dar a algumas de suas crônicas a feição de ensaios” (COUTINHO, 1999, p. 127).

Paulo Barreto, jornalista que tornou-se popular com o pseudônimo João do Rio, foi o iniciador da crônica social moderna no Brasil no período de nossa *Belle Époque* tardia, que vai aproximadamente do final do século XIX até os primeiros decênios do século XX. “A obra desse trepidante cronista representa a mais ousada

tentativa para elevar a crônica à categoria de um gênero não apenas influente, mas também dominante. Tinha ele a impressão de que a crônica podia ser ‘o espelho capaz de guardar imagens para o historiador do futuro’ (COUTINHO, 1999, p. 128).

Segundo Coutinho, os livros de João do Rio despertam “um interesse nada desdenhável, por serem um espelho coruscante da sociedade contemporânea, com as mudanças sucessivas de hábitos, costumes e ideias que se operavam, em sua época” (COUTINHO, 1999, p. 129). O autor era capaz de conciliar em suas crônicas o jornalismo e a literatura adaptando-as ao acelerado ritmo da vida contemporânea.

João do Rio dá forma ao imaginário da época em que o Brasil estava passando pelo surto ferroviário nacional. Ele observava cada detalhe daquele novo mundo e transmitia para os seus leitores.

Aos nossos olhos, diríamos que o fenômeno social, cultural, econômico e político vivido por João do Rio é aquilo que estamos habituados a chamar, hoje, de mundialização ou globalização. Grosso modo, os efeitos dessa política de desenvolvimento planetário são extremamente nocivos às economias mais atrasadas tecnologicamente (CARDOSO, 2006, p. 88).

Essa época de transformações pela qual passavam os brasileiros era atentamente descrita nas crônicas de João do Rio.

Assim, vai ele acompanhar os novos “vícios” que se incorporavam, as chegadas extravagâncias mundanas de Paris, o *chic* dos novos modos de viver, de se vestir, de flertar, de figurar nas altas rodas sociais, enquanto documenta a decadência das velhas profissões e seus tipos sociais, que tombavam como os antigos casarões coloniais, com a abertura de um *boulevard* ou de um *cinematógrafo* (BULHÕES, 2007, p. 80).

O autor tentava, ainda, entender de que maneira ocorria a formação da identidade nacional.

Adotando a perspectiva de João do Rio, nossa identidade se fortaleceria a partir do momento que compreendêssemos simbolicamente a nossa formação como o resultado de um imbricamento de duas civilizações soberanas, ou seja, o brasileiro é substrato da cultura atlântica-ocidental (CARDOSO, 2006, p. 89).

Na mesma época de João do Rio, outros escritores tiveram atuação destacada no cenário da crônica. Como João Luso, pseudônimo usado por Armando Erse, José do Patrocínio Filho, Humberto de Campos, Orestes Barbosa e Álvaro Moreira. Após a Semana de Arte Moderna, em 1922, a crônica adquiriu uma feição moderna correspondente com o ritmo atual. Neste momento, quem se destacou foi Antônio de Alcântara Machado, que “introduziu um estilo antiacadêmico na crônica que pôs em alarme os setores do alexandrinismo nacional” (COUTINHO, 1999, p. 130). O autor deixou a marca de uma vocação literária muito humana em seus livros.

Outros cronistas desta fase contemporânea são: Berilo Neves, Osório Borba, Genolino Amado, Benjamin Costallat e Henrique Pongetti. A atmosfera de renovação pós-1930 provocou uma renovação no gênero com Ribeiro Couto, Mário de Andrade, Peregrino Júnior, Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira, Marques Rebelo, Carlos Drummond de Andrade, Aníbal Machado, Rubem Braga, Odilo Costa Filho, Raimundi Nagalhães Jr., Luís Martins, Pedro Dantas, Guilherme Figueiredo, Sérgio Milliet, Joel Silveira, José Lins do Rego, Brito Broca, Rachel de Queiroz, Eneida, Elsie Lessa, Lúcia Benedetti, Cecília Meireles, Helena Silveira, Dinah Silveira de Queirós, Adelson Magalhães, Gustavo Corção.

Nas gerações mais recentes, aparecem nomes como Fernando Sabino, Ledo Ivo, Paulo Mendes Campos, José Condé, Almeida Fischer, Saldanha Coelho, Antônio Olinto, José Carlos Oliveira, Antônio Maria, Sérgio Porto, Carlos Eduardo Novaes, Oto Lara Resende e Affonso Romano de Sant’Anna.

É importante salientar que os nomes citados representam apenas uma parte do grande grupo de cronistas brasileiros.

Aliás, se existe problema embaraçoso é de querer-se estar em dia com todos os cronistas, notadamente com os que assinam crônicas diárias, dada a superabundância de publicações periódicas no país. Só um vespertino do Rio de Janeiro chegou a manter cerca de vinte espécies de crônica em cada edição! (COUTINHO, 1999, p. 132).

Dos cronistas contemporâneos, Rubem Braga é o escritor que entrou para a história literária exclusivamente como cronista. Ele utilizava algum fato da vida real apenas como um ponto de partida para fazer suas divagações pessoais. Note o que Coutinho apresenta sobre ele:

É seguramente o mais subjetivo dos cronistas brasileiros. E o mais lírico. Muitas de suas crônicas são poemas em prosa. Apresentando a originalidade de uma imaginação poética e erradia, Rubem Braga, em seu lirismo, escreve sem ornatos e alcança às vezes a simplicidade clássica, numa língua despojada, melodiosa, direta (COUTINHO, 1999, p. 133).

Apresentados os cronistas que maior importância tiveram na evolução do gênero crônica no Brasil, é possível perceber também o papel de destaque alcançado pelos textos no país, seja através dos jornais, livros ou revistas. As crônicas são responsáveis por retratar a sociedade e o tempo em que são escritas. Os cronistas brasileiros cumpriram tão bem este papel que elevaram a crônica a um gênero literário.

Assim, a partir do Romantismo, a crônica (a princípio folhetim) foi crescendo de importância, assumindo personalidade de gênero literário, com características próprias e cor nacional cada vez maior. Foi esta última, aliás, a sua mais típica feição. É dos gêneros que mais se abrigaram, no estilo, na língua, nos assuntos, na técnica, ganhando proporções inéditas na literatura brasileira (COUTINHO, 1999, o. 135).

O gênero alcançou sua importância ao tratar de assuntos mais amplos do que apenas as notícias corriqueiras, já retratadas pelas outras editoriais dos jornais:

Como salientou Eduardo Portela, o fundamental na crônica é a superação de sua base jornalística e urbana em busca da transcendência, seja construindo 'uma vida além da notícia', seja enriquecendo a notícia 'com elementos de tipo psicológico, metafísico' ou com o *humour*, seja fazendo 'o subjetivismo do artista' sobrepor-se 'à preocupação objetiva do cronista (COUTINHO, 1999, p. 136).

A crônica, ao alcançar tal expressividade, pode também incorporar o sujeito comum como um dos seus tipos. O gênero ao longo dos anos se atualizou e, presente nos jornais, incorporou os sujeitos contemporâneos.

3.3 A CRÔNICA E OS ESTUDOS CULTURAIS

A crônica tem como objetivo e papel representar os fatos de seu tempo. Os cronistas mais conhecidos faziam isso não apenas através de simples relatos da vida cotidiana, mas também por uma análise subjetiva das impressões que a

sociedade de sua época lhe causava. Marx tinha a preocupação com as “formas sociais através das quais os seres humanos produzem e reproduzem sua vida material” (JOHNSON, 2006, p. 28).

Os Estudos Culturais “dizem respeito ao lado subjetivo das relações sociais” (JOHNSON, 2006, p. 25) e têm como projeto “abstrair, descrever e reconstituir, em estudos concretos, as formas através das quais os seres humanos ‘vivem’, tornam-se conscientes e se sustentam subjetivamente” (JOHNSON, 2006, p. 29).

Uma das formas do sujeito tomar consciência do que acontece ao seu redor é pela mídia. As notícias dos jornais retratam os acontecimentos de determinada cidade, estado ou país. As crônicas publicadas nesse veículo são responsáveis por discutir questões ligadas ao cotidiano da vida social, mas também por mostrar o lado subjetivo que diversas situações vividas em sociedade acarretam. Portanto, as crônicas tem papel importante na construção da subjetividade coletiva. Os estruturalistas destacam a “existência real de formas sociais que exercem suas pressões através do lado subjetivo da vida social” (JOHNSON, 2006, p. 29).

Além disso, as crônicas, por configurarem uma prática social, realizam um trabalho subjetivo na sociedade.

Todas as práticas sociais podem ser examinadas de um ponto de vista cultural, podem ser examinadas pelo trabalho que elas fazem – subjetivamente. Isto vale, por exemplo, para o trabalho fabril, para organizações sindicais, para a vida nos – e em torno dos – supermercados, assim como para alvos óbvios, como ‘a mídia’ (unidade enganadora?) e seus modos (principalmente domésticos) de consumo (JOHNSON, 2006, p. 30).

Como esse trabalho é realizado de forma subjetiva? Todos os produtos culturais, explica Johnson, “exigem ser produzidos, mas as condições de sua produção não podem ser inferidas simplesmente examinando-os como ‘textos’. De forma similar, os produtos culturais não são ‘lidos’ apenas por analistas profissionais, mas pelo público em geral (se fossem lidos apenas pelos analistas, haveria pouco lucro em sua produção)” (JOHNSON, 2006, p. 34).

A compreensão de um texto depende, portanto, não da condição de sua produção ou da análise do próprio autor e sim das características de seu consumo e leitura. Aqui o poder material e cultural do leitor é determinante para direcionar o seu entendimento do material recebido, no caso específico da crônica.

Os Estudos Culturais não enxergam o texto como texto e sim como um meio a partir do qual certas formas podem ser abstraídas. O objetivo último dos Estudos Culturais é “a vida subjetiva das formas sociais em cada momento de sua circulação” (JOHNSON, 2006, p. 75). Trazendo o objeto deste estudo para esta questão, o que importaria seria a maneira como a crônica de Martha Medeiros é produzida, toda a operação que está por trás dela: qual é o público do jornal em que seu texto é publicado, que notícias esse veículo costuma trazer, qual a orientação editorial e etc.

Uma das dificuldades da teoria seria, portanto, “tratar a leitura não como recepção ou assimilação, mas como sendo, ela própria, um ato de produção” (JOHNSON, 2006, p. 88) em que o texto não seria mais apenas um meio e sim o objetivo. O que dá sentido à crônica é a compreensão que o leitor faz dela e ele só consegue isso a partir de sua bagagem de vida e suas experiências.

Outro problema dessa teoria seria simplificar a complexidade do leitor. “Não existe nenhuma análise daquilo que predispõe o leitor a usar esses textos produtivamente ou de quais condições, além daquelas das próprias formas textuais, contribuem para conjunturas revolucionárias em suas dimensões subjetivas” (JOHNSON, 2006, p. 92). Entende-se até o momento que o leitor das crônicas de Martha Medeiros, assim como os leitores de outras obras, é um ser complexo dotado de inúmeras vivências passadas e que isso é importante no momento da compreensão de um texto. Acredita-se que a partir da leitura de uma crônica é possível que o leitor faça inúmeras ligações com situações já vividas. No entanto, este enfoque não é implementado na presente investigação.

Johnson sugere, enfim, uma análise “pós-pós-estruturalista” que “envolve levar a sério aquilo que me parece ser a indicação teórica mais interessante: a noção de uma autoprodução discursiva dos sujeitos, especialmente na forma de histórias e memórias” (JOHNSON, 2006, p. 95).

Os Estudos Culturais, portanto, preocupam-se com o lado subjetivo das relações sociais, que pode ser expresso nas crônicas. Esses textos são lidos pelo público em geral e sua compreensão depende da bagagem que ele traz consigo. O sujeito, a partir das leituras realizadas ao longo de sua vida, e através de suas memórias, é capaz de dar significado às obras lidas.

4 MARTHA MEDEIROS E SUA OBRA

O *site*¹ da editora L&PM descreve Martha Medeiros como “uma das escritoras de maior sucesso da atualidade. Paradoxal, ambígua e filha do seu tempo, a obra de Martha Medeiros traz a marca do grande escritor”.

Martha Medeiros nasceu em Porto Alegre, a 20 de agosto de 1961, e é formada em Comunicação Social. Iniciou sua carreira profissional na área de Publicidade e Propaganda, onde trabalhou como redatora e diretora de criação em diversas agências da capital. Martha Medeiros ingressou paralelamente na carreira de escritora com livros de poesia. **Strip tease** (Brasiliense, 1985), **Meia-noite e um quarto** (L&PM, 1987) e **Persona non grata** (L&PM, 1991). Em 1993, a literatura fez com que a autora deixasse de lado a carreira de publicitária e se mudasse para Santiago do Chile, onde ficou por oito meses apenas escrevendo poesia.

Quando voltou para o Brasil, ainda em 1993, Martha Medeiros começou a colaborar com crônicas para o jornal Zero Hora, de Porto Alegre, em que até hoje mantém uma coluna no caderno Donna, que circula aos domingos, e outra — às quartas-feiras — no Segundo Caderno. A cronista escreve atualmente também uma coluna semanal veiculada aos domingos para o caderno Revista O Globo, do Rio de Janeiro.

Como poeta, ainda publicou os seguintes livros²: **De cara lavada** (L&PM, 1995), **Poesia reunida** (L&PM, 1999), que é uma seleção de poesias feita a partir dos livros Strip-Tease (1985), Meia-Noite e um Quarto (1987), Persona Non Grata (1991) e De Cara Lavada (1995), e **Cartas extraviadas e outros poemas** (L&PM, 2001). Em maio de 1995, editou seu primeiro livro de crônicas, **Geração bivolt** (Artes & Ofícios), em que reuniu artigos publicados em Zero Hora e textos inéditos. Em 1996, lançou o guia **Santiago do Chile - Crônicas e dicas de viagem**, fruto dos oito meses em que viveu na capital chilena. Este livro revela para os brasileiros a alma dos chilenos, seus costumes, seus principais pontos turísticos, tudo com o estilo que os leitores estão acostumados a encontrar nos textos da cronista.

¹ Site da L&PM: <http://www.lpm-editores.com.br/site/default.asp>

² Informações dos livros extraídas do site da L&PM: <http://www.lpm-editores.com.br/site/default.asp>

Demonstrando desenvoltura ao trilhar pelas ruas da cidade, a autora revela, com bom humor, algumas intimidades dos santiaguinos, ensina a escapar das armadilhas do portunhol, traz dicas de sobrevivência no trânsito e entrega segredos de alcova: lugares que só os nativos conhecem e que não constam nos guias oficiais. Traz, ainda, mapas, endereços e comentários sobre restaurantes, bares, hotéis, shoppings, parques e museus.

Seu segundo livro de crônicas, **Topless** (L&PM, 1997), que ganhou o Prêmio Açorianos de Literatura, reúne 54 crônicas em uma amostra do trabalho que a consagrou como uma das mais importantes cronistas em atividade no país.

Contudo, seu *best-seller* no gênero é a coletânea **Trem-bala**, adaptado, com sucesso, para os palcos, sob direção de Irene Brietzke. O livro reúne mais de uma centena de textos de Martha Medeiros. Neles, a autora reflete sobre o que querem as mulheres, sobre relacionamentos virtuais, o fim da paixão nos tempos modernos, seus escritores, livros e neuras preferidas.

No livro de crônicas **Non-stop/Crônicas do cotidiano** (2001), o tema de Martha Medeiros é o cotidiano. Vive-se um tempo de manchetes espetaculares explodindo nos jornais; a vida passa ao vivo pela TV e todos acabam por compartilhar planetariamente os dramas do mundo. E se por um lado há o grande mundo que todos vêem pela televisão, por outro, há o pequeno e anônimo mundo de cada um. O cotidiano dos milhares de pessoas que circulam pela cidade grande com suas incertezas, alegrias, dúvidas, paixões, dramas e esperanças.

Em **Montanha-russa** (2003, segundo lugar no Prêmio Jabuti e vencedor do Prêmio Açorianos), a maioria das crônicas foram publicadas no jornal Zero Hora e no site Almas Gêmeas entre setembro de 2001 e agosto de 2003. Martha Medeiros oferece aos leitores cem crônicas, cem pequenos flashes da vida cotidiana e moderna. Montanha-russa é como a autora vê a vida, com suas engrenagens à mostra, provocando-nos vertigens e frio na barriga, mas sempre dando vontade de dar mais uma volta. O leitor é convidado a dar um passeio pelo sincero, franco e irreverente texto da autora, que pousa o olhar sobre as coisas mais corriqueiras, traz à luz o inusitado e faz confissões politicamente incorretas e inconfessáveis reflexões.

Coisas da vida (2005) reúne textos publicados nos jornais Zero Hora e O Globo, entre setembro de 2003 e setembro de 2005. Martha Medeiros analisa e

descreve as manias, as delícias, sofreguidões e anseios de homens e mulheres urbanos e modernos, fazendo um retrato da época. Com a franqueza e com o texto dinâmico que lhe são característicos, relata e explica grande parte das taras, neuras e outros produtos mais e menos louváveis da sociedade consumista e, por vezes, conformista – tudo sempre visto de dentro, pois ela nunca se exclui de suas considerações. Nas crônicas de Martha Medeiros há espaço para todas as normalidades e todas as “esquisitices” que caracterizam o Homo sapiens modernus: o sentimento de frustração, o tic-tac do relógio biológico feminino, a necessidade de dinheiro versus a necessidade de sossego, mulheres que decidem não ter filhos, o progressivo apagamento das fronteiras entre um e outro sexo, máquinas de provocar choros, filmes, livros e músicas, a delícia e a tragédia de amar duas pessoas ao mesmo tempo, a delícia e a tragédia de não amar ninguém e tantas outras coisas da vida.

O romance **Divã**, editado pela Objetiva, já vendeu mais de 50.000 exemplares. Neste livro, Mercedes conta sua história: uma mulher com mais de 40 anos, casada, com filhos, que resolve fazer análise pela primeira vez, inicialmente por brincadeira, mas que acaba se transformando em um ato de libertação. Por meio de uma narrativa simples, mas envolvente, os leitores acabam cúmplices das loucuras, dos conflitos e das questões existenciais da personagem que representa a mulher divertida, inteligente, feminina, corajosa que parece muito segura de si, porém que também tem suas angústias, dúvidas e vontades.

Martha Medeiros ainda escreveu um livro infantil, **Esquisita como eu**, para a editora Projeto. Nele, a autora fala das esquisitices de cada um, pela voz de uma menina que se pergunta por que todos acham que ela é diferente. Numa narrativa em versos, divertida e como muito ritmo, a autora aborda o cotidiano das crianças e as faz pensar sobre o comportamento das pessoas.

Em seu segundo livro de ficção, **Selma e Sinatra**, quando a personagem Guta – 41 anos, jornalista, três livros publicados nenhum sucesso literário – decide escrever a biografia de Selma, acredita ter encontrado a grande chance de sua vida. Selma, algo em torno de 70 anos, cantora que marcou época, certamente terá muito o que contar. Guta não tem dúvidas: alguns meses de trabalho e o reconhecimento, a fama. Os primeiros encontros, porém, são bem menos promissores do que ela

imaginou. Selma teve uma infância feliz, uma carreira maravilhosa, uma vida cor-de-rosa: como será possível escrever um livro intenso e apaixonante, se tudo mais parece uma bela comédia romântica da sessão da tarde? O impacto dos encontros repercute nas duas mulheres, de forma diferente, com um andamento sutil e ao mesmo tempo profundo, impressionante – como a passagem do tempo, quando parece que não passa, mas corre mais rápido do que nos damos conta. A prosa de Martha Medeiros remete às armadilhas deste encontro com sutileza, como se aparentemente apenas contasse histórias sobre duas mulheres.

Doidas e santas, nova coletânea de crônicas, foi lançado em agosto de 2008, também pela L&PM. *Doidas e Santas* reúne cem crônicas que falam direto ao coração de suas leitoras e seus leitores. Nelas, Martha Medeiros expõe os anseios de sua geração e de sua época. As alegrias e as decepções, os dramas e as delícias da vida adulta, as neuroses da vida urbana, o prazer que se esconde no dia a dia, o poder transformador do afeto, os mistérios da maternidade, enfim, o cotidiano de cada um tornou-se o principal tema da autora.

Em **Fora de mim**, livro de ficção de 2010, a autora vai ainda mais fundo na descrição de sentimentos universais provocados pela perda, comparada por ela a um acidente de avião, em que os sobreviventes "percebem a perda de altitude, a potência enfraquecida das turbinas e o desastre iminente, até que acontece a parada definitiva da aeronave, (...) e sobe do chão um silêncio absoluto, (...) a quietude amortizante de quem não respira, não pensa, não sente nada ainda" (MEDEIROS, 2010, p.9). A autora inicia sua narrativa visceral no instante da despedida, da queda, do fim trágico, nem além nem aquém da dor maior: quando se tem a certeza de que não há mais volta. Aos poucos, o leitor vai compreendendo como tudo aconteceu, como tudo afinal foi ficando fora de controle. Recém-separada de um casamento longo e pacífico, a protagonista se apaixona loucamente, embora não cegamente, por um outro homem, de personalidade conturbada, com quem vive uma intensa paixão. Consciente do mergulho, a mulher pressente que no fundo daquela relação só acabaria encontrando a escuridão da dor. Mesmo assim, dá o salto. E perde. A entrega aqui é um vício sem saída.

"Dentro de um abraço é sempre quente, é sempre seguro. Dentro de um abraço não se ouve o tic-tac dos relógios e, se faltar luz, tanto melhor. Tudo o que

você pensa e sofre, dentro de um abraço se dissolve” (MEDEIROS, 2011, p. 12). É com a força transformadora de um abraço que Martha Medeiros abre o seu novo livro de crônicas, **Feliz por nada**, de 2011, e é com a mesma singeleza e olhar arguto para o cotidiano que a escritora ilumina algumas das questões mais urgentes do século XXI. A cronista fala aos leitores com a sinceridade de um amigo e materializa as angústias e os anseios da sociedade pós-tudo, que vive acuada sob o grande limitador do tempo. Nesta coletânea de mais de oitenta crônicas, Martha Medeiros aborda temas muito diversos e ao mesmo tempo muito próximos do leitor. A autora tem o dom para aproximar assuntos por vezes fugidios – como é próprio do cotidiano – de questões universais, como o amor, a família e a amizade, e criar lugares de reconhecimento para o leitor, como ao falar de Deus, dos romances antigos e novos, da mulher, de escritores e cineastas que são imortais, de se perder e se reencontrar, do que a vida oferece e muitas vezes se deixa passar. “Feliz por nada”, afirma Martha Medeiros, é fazer a opção por uma vida conscientemente vivida, mais leve, mas nem por isso menos intensa.

O jornal Zero Hora tem como prática realizar anualmente uma pesquisa para medir o grau de satisfação dos assinantes com relação ao produto em geral, às imagens, à cor da impressão, aos cadernos, aos colunistas, etc., chamadas de “Índice de Satisfação do Assinante”. Nos últimos quatro anos, de 2007 a 2010, nunca Martha Medeiros ficou abaixo do segundo lugar ³na preferência dos leitores sobre colunistas de Zero Hora (atualmente, o jornal tem um total de 76, entre colunistas e articulistas). Nos últimos três anos, 2008, 2009 e 2010, o “Índice de Satisfação do Assinante” (chamado de ISA) de Martha Medeiros vem crescendo, o que é considerado por Ricardo Stefanelli, diretor de redação de Zero Hora, muito difícil de ocorrer, “pelo fato de ela já ter partido de uma base alta, de um alto nível de aceitação. Posso dizer que é um nível de aceitação espetacular o dela”.

A cronista escreve semanalmente no caderno “Donna”, de Zero Hora, que tem circulação dominical. O caderno passou por diversas atualizações editoriais.

³ Dados obtidos com Ricardo Stefanelli, diretor de redação de Zero Hora, em entrevista concedida à autora, em 11 de agosto de 2011.

Recentemente, ganhou um *site* na internet, para ampliação de seu conteúdo⁴. Um dos fatores responsáveis por esse sucesso foi a revelação da cronista Martha Medeiros. Suas crônicas, publicadas no jornal, foram compiladas em livros que se tornaram campeões de venda. Elas falam sobre assuntos muito variados, desde experiências pessoais da escritora, até assuntos mais abrangentes, como o casamento, o amor, o cinema e os relacionamentos.

4.1 DESDOBRAMENTOS DE SUA OBRA

O romance **Divã**, lançado pela editora Objetiva, já vendeu mais de 50.000 exemplares. **Divã** foi o seu primeiro livro de ficção. “Não é exatamente um romance... Na verdade, é uma novela curta, uma transição entre a crônica e a ficção. Cada capítulo é uma consulta”, conta a escritora⁵. O pedido de Lilia Cabral para que ela autorizasse a adaptação do livro para os palcos veio como uma grande notícia. “Alguns autores ficam apreensivos, mas eu levei na boa. São novas leituras, várias sensibilidades funcionando. A peça ganhou em agilidade. Quando vem a voz do Gustavo e da Mônica, o texto se enriqueceu, ganhou dinamismo. O livro tem momentos mais introspectivos”, diz a autora⁶. A adaptação da obra para o teatro foi vista por mais de 175 mil pessoas, ao longo de 150 apresentações.

Em 2009, após o sucesso da peça de teatro, **Divã** se transformou em filme⁷, com direção de Daniel Filho, tendo Lilia Cabral no papel principal. A película levou 1,8 milhão de espectadores ao cinema.

Em maio de 2011, o livro **Divã** serviu de base para uma série televisiva⁸ de mesmo nome, na Rede Globo. O novo produto, no entanto, cria uma espécie de continuação do livro, partindo de onde a autora parou. A série se baseia apenas nas

⁴ Site do caderno “Donna”: www.clicrbs.com.br/donna

⁵ Press book do filme Divã: <http://globofilmes.globo.com/GloboFilmes/Imprensa/download/0,,4695-1,00.pdf>

⁶ Press book do filme Divã: <http://globofilmes.globo.com/GloboFilmes/Imprensa/download/0,,4695-1,00.pdf>

⁷ Site do filme Divã: www.divaofilme.com.br

⁸ Site da série Divã: www.globo.com/diva

características dos personagens e no tema central da trama - uma mulher na faixa dos 40 anos, que muda sua vida após consultar um psicanalista - para apresentar novas situações. Quem farejou a oportunidade foi o diretor de núcleo da emissora, Jayme Monjardim. Ele convidou a trinca responsável pelo filme para produzir algo na mesma linha: o diretor José Alvarenga Jr., o roteirista Marcelo Saback e a atriz Lilia Cabral. A série teve uma média de 20 pontos no Ibope e 40% de participação no horário.

Em 2010, outros dois livros de Martha Medeiros foram adaptados para o teatro: **Doidas e santas**, protagonizada e produzida pela atriz Cissa Guimarães, e o monólogo **Tudo que eu queria te dizer**, interpretado por Ana Beatriz Nogueira.

Em abril de 2012, foi ao ar na RBS TV a série Mulheres em Transe, baseada nas crônicas de Martha Medeiros.

O *blog*⁹ criado pela autora, em 22 de abril de 2008, no clicRBS, é um importante canal a ser considerado em relação à popularização da obra de Martha Medeiros, pois, ao contrário dos livros e crônicas veiculadas em jornais e revistas, é um espaço mais informal, onde ela expressa suas opiniões de maneira mais intensa e variada. Outro fator importante neste tipo de mídia é a possibilidade que os leitores têm de expressar suas opiniões a respeito do que lêem, através dos comentários deixados nos *posts*. Como disse Gasset, “até quem pretende governar com os janízaros depende da opinião destes e da que tenham sobre estes os demais habitantes” (GASSET, 1958, p. 175). Sendo assim, as opiniões de seus leitores certamente são importantes para Martha Medeiros e podem, até mesmo, servir de termômetro sobre o que está produzindo. Pode-se também ter uma ideia do número de leitores da cronista através dos dados de audiência de seu *blog*, que chega a 33.806 visitas por mês (dados do mês de agosto de 2009).

O *blog*, no entanto, foi encerrado em 24 de março de 2011. A escritora justifica a atitude pela sua falta de tempo para seguir abastecendo com frequência o *blog*, mas não exclui voltar a produzi-lo. Diz que pode ser apenas um *até breve*.

⁹ *Blog* Martha Medeiros: www.clicrbs.com.br/marthamedeiros

Acredita-se que o blog, apesar de ser um canal importante, torna-se dispensável porque a produção da cronista escoia nos jornais para os quais escreve. O contato com o público também pode ser mantido através de e-mail.

4.2 METODOLOGIA

Para organizar a trajetória desta pesquisa, através da análise de conteúdo, o presente estudo seguirá um caminho formulado por Nísia Martins do Rosário. A ideia fundamental que norteará esta análise é a proposta da autora:

Ao se refletir pelo ponto de vista da significação, não parece adequado enquadrar todos os textos em um molde padrão, mas, trabalhar sobre características comuns na construção de sentidos e da significação. Também não parece adequado vincular a análise do corpus a regras básicas, estanques e invariáveis, mas à construção de um roteiro de análise que seja coerente e pertinente aos objetivos da pesquisa e que, portanto, permita desvendar os sentidos e a significação dos textos, buscando o auxílio dos autores que compõem a fundamentação teórica (ROSÁRIO, 2006, p. 53).

Com o propósito de seguir esta orientação, escolheu-se como metodologia para desenvolver esta pesquisa a *análise de conteúdo*. A *análise de conteúdo* caracteriza-se por não fazer uma leitura simples do real, aceitar o caráter provisório de hipóteses e definir planos experimentais ou de investigação. Segundo Bardin, “a análise de conteúdo é um método empírico, dependente do tipo de fala a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo” (BARDIN, 1977, p.38). Para a autora, “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 1977, p.38). Esta análise foi escolhida para este trabalho, pois faz o pesquisador tirar partido do tratamento das mensagens que manipula, para inferir conhecimentos sobre o emissor da mensagem ou sobre o seu meio. Esta técnica caracteriza-se, segundo Bardin, pela *descrição* (enumeração das características do texto), *inferência* (deduzir de maneira lógica) e *interpretação* (significação concedida a estas características).

O tipo de análise escolhida para interpretar as crônicas de Martha Medeiros, enfim, traz a necessidade do uso de *pesquisa qualitativa*, pois é através da interpretação que se desenvolverá o trabalho de interpretar e reinterpretar o objeto

de estudo. Para fazer essa interpretação, é necessário analisar elementos de maneira subjetiva. Segundo Bardin, a pesquisa qualitativa constitui um procedimento intuitivo, maleável e adaptável a índices não previstos ou na evolução das hipóteses. “Este tipo de análise deve ser então utilizado nas fases de lançamento das hipóteses, já que permite sugerir possíveis relações entre um índice da mensagem e uma ou várias variáveis do locutor (ou da situação de comunicação)” (BARDIN, 1977, p. 115).

Seguindo as orientações de Bardin para compor o estudo, o esquema de análise a ser seguido será composto por quatro itens, explicitados a seguir.

1 – Quais os elementos da linguagem da crônica que estão sendo usados nos textos em análise?

Em um primeiro momento, o que é levado em conta é a estrutura da crônica, as expressões e gírias utilizadas. É necessário verificar quais elementos do corpus escolhido têm os termos selecionados e quais componentes estão presentes. Por exemplo, em uma crônica sobre o dia das mães, quais palavras que remetem ao tema aparecem: mãe, mulher, coração, sentimento e etc.

2 – Como esses elementos estão sendo usados?

Através de categorias pré-estabelecidas será possível compreender de que maneira esses elementos da linguagem da crônica estão sendo usados.

Categoria mulher (quem fala): Quais tipos de mulher são apresentados nas crônicas de Martha Medeiros. Os textos podem abordar a mulher de meia idade, casada, separada, com filho, sem filho, dona de casa e que trabalha fora de casa. Identificar qual padrão, estereótipo de mulher é apresentado na crônica analisada. Qual desses diferentes perfis de mulher pôde ser encontrado na análise.

Categoria ser emocional (do que fala): Quais sentimentos são apresentados nas crônicas. Martha Medeiros costuma falar sobre diversos sentimentos como o amor de mãe e filho, o amor de marido e mulher, o amor por um ídolo, o amor presente nas amizades, o amor por uma cidade e outros. Identificar e analisar qual tipo de sentimento está presente na crônica analisada.

Categoria cultural (do que fala): É necessário compreender em que contexto cultural as crônicas de Martha Medeiros estão inseridas, que cultura ela representa e de que forma a cultura é apresentada por ela em sua crônica. A representação

dessa cultura pode ser feita através de diversas manifestações como música, cinema, livros e viagens. É possível a partir da identificação da cultura que ela representa verificar também quem ela representa. Pois os gostos culturais dizem algo a respeito da pessoa. Se a cultura é representada por uma música de funk, está falando de um tipo de público, mas se o tema abordado é uma viagem para a Grécia, é possível perceber um outro sujeito, um nível cultural mais elevado.

Categoria padrões de comportamento (a quem fala): Os variados padrões de comportamento fazem com que as pessoas sejam inseridas em grupos sociais distintos. O sentimento de pertencer a um desses grupos é de suma importância para que as pessoas sintam-se bem na sociedade. Segundo Maffesoli, as tribos pós-modernas agrupam-se de acordo com seus gostos e desejos:

Através de sedimentações sucessivas, se forma um ambiente estético. E é no interior desses ambientes que regularmente podem ocorrer estas *condensações instantâneas*, frágeis, mas que naquele momento são objeto de um grande investimento emocional (MAFFESOLI, 1998, prefácio).

A crônica de Martha Medeiros representa esse sujeito pós-moderno que busca um processo de identificação com os demais membros da tribo. A cronista, ao abordar variados assuntos, é capaz de falar a diferentes tribos, pois manifesta diferentes padrões comportamentais. Dependendo do padrão de comportamento retratado por Martha Medeiros ela está falando para uma determinada tribo.

3 – Que sentidos estão sendo produzidos nos textos selecionados?

Para compreender que sentidos estão sendo produzidos a partir das crônicas, é necessário levar em consideração o nível relacional-interpretativo. É possível fazer esta análise a partir da inferência das temáticas predominantes, da profundidade da abordagem, da forma da reprodução da realidade, do nível de dificuldade das mensagens e dos usos da racionalidade e subjetividade.

4 – Como se apresenta o processo de significação?

A partir do processo de significação é possível compreender os sentidos que estão sendo produzidos nos textos analisados. O processo de significação é constituído a partir da determinação de valores, normas, padrões, temáticas, consensos, diferenças, padrões técnicos, regras gramaticais e símbolos. Neste caso,

a análise não é interpretativa, como na identificação do sentido do texto, e sim mais objetiva. Por exemplo, quantas vezes a temática mulher apareceu no corpus analisado. O processo de significação identificaria quantas vezes a temática apareceu no corpus. Já o sentido produzido no texto analisaria de forma interpretativa de que maneira essa temática foi abordada e como deu um sentido para a mensagem (ROSÁRIO, 2006, p. 62).

5 O SUJEITO COMUM NAS CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS

Conforme citado no início do trabalho, o estudo utilizará como corpus para análise a produção de Martha Medeiros no caderno Donna do jornal Zero Hora de setembro de 2011 a fevereiro de 2012, totalizando 24 crônicas. A opção pelos meses de publicação dos textos deve-se ao fato de constituir um corpus com atualidade temporal. Por este motivo, as crônicas escolhidas foram as publicadas mais recentemente. A escolha por uma análise de seis meses de textos deve-se ao fato do período representar um número de crônicas suficiente para gerar uma análise consistente.

Martha Medeiros tem diversos livros citados, inclusive elucidados nas páginas anteriores deste texto. A escolha pelas crônicas publicadas no jornal Zero Hora de domingo, no caderno Donna, deve-se ao fato de que estamos trabalhando com o conceito do sujeito comum representado na mídia atual. Dessa forma, o corpus do trabalho foi composto abrigando as publicações da autora em um veículo (jornal Zero Hora, caderno Donna) de grande circulação (o jornal Zero Hora tem aos domingos uma tiragem média de cerca de 270 mil exemplares).

A seguir, o corpus do trabalho é descrito de forma mais detalhada. Apresenta-se as seguintes informações das crônicas que serão analisadas: a data, o título e o tema predominante no texto.

Data: 4 de setembro de 2011

Título: Tempos de amnésia obrigatória

Tema: psicologia

Data: 11 de setembro de 2011

Título: Onde você estava quando...?

Tema: memória

Data: 18 de setembro de 2011

Título: A farra dos sentidos

Tema: cultura

Data: 25 de setembro de 2011

Titulo: O medo de errar

Tema: sentimentos

Data: 2 de outubro de 2011

Titulo: Carla Bruni e o rock'n'roll

Tema: comportamento

Data: 9 de outubro de 2011

Titulo: Medianeras

Tema: comportamento

Data: 16 de outubro de 2011

Titulo: Artistas anônimos

Tema: cultura

Data: 23 de outubro de 2011

Titulo: Nadir, Euripedes e Yuri

Tema: cultura

Data: 30 de outubro de 2011

Titulo: Mamografia

Tema: saúde

Data: 6 de novembro de 2011

Titulo: O dono do livro

Tema: cultura

Data: 13 de novembro de 2011

Titulo: Adeus ao general

Tema: viagem

Data: 20 de novembro de 2011

Titulo: Alguém quem?

Tema: comportamento

Data: 27 de novembro de 2011

Titulo: De vestido de oncinha e plumas

Tema: comportamento

Data: 4 de dezembro de 2011

Titulo: O que acontece no meio

Tema: vida

Data: 11 de dezembro de 2011

Titulo: Sem querer interromper, mas já interrompendo

Tema: comportamento

Data: 18 de dezembro de 2011

Titulo: A vida da gente

Tema: televisão

Data: 25 de dezembro de 2011

Titulo: Natal para ateus

Tema: religião

Data: 1º de janeiro de 2012

Titulo: 2012, me surpreenda

Tema: cotidiano

Data: 8 de janeiro de 2012

Titulo: Esquecimento e memória

Tema: saúde / memória

Data: 15 de janeiro de 2012

Titulo: Vinte segundos de insanidade: por que não?

Tema: comportamento

Data: 22 de janeiro de 2012

Titulo: Não canse quem te quer bem

Tema: cotidiano

Data: 29 de janeiro de 2012

Titulo: fakebook

Tema: internet

Data: 5 de fevereiro de 2012

Titulo: Empregadas ou secretárias?

Tema: cotidiano

Data: 12 de fevereiro de 2012 – Férias da cronista

Data: 19 de fevereiro de 2012 – Férias da cronista

Data: 26 de fevereiro de 2012

Titulo: A geladeira e o livro

Tema: comportamento

A partir daqui, realiza-se a análise das 24 crônicas descritas acima, conforme a metodologia apresentada no trabalho.

Texto “Tempos de amnésia obrigatória”, publicado no dia 4 de setembro de 2011 (Anexo A).

Conforme dito anteriormente neste trabalho, a crônica caracteriza-se por ser um texto opinativo e de fácil compreensão. Os cronistas costumam tratar de temas

ligados ao cotidiano das pessoas, como acontecimentos e sentimentos. As crônicas publicadas em jornais, como é o caso analisado, costumam, por tratar de temas cotidianos, ter uma pequena perenidade. Esse gênero também apresenta a característica da análise, do pensar sobre determinado fato, que passa despercebido algumas vezes pela correria do dia a dia, e um estilo ligado a escrita literária e alguma vezes poética.

No texto “Tempos de amnésia obrigatória”, Martha Medeiros utiliza claramente a linguagem da crônica: narra uma história cotidiana ocorrida e conta que, a partir de um episódio corriqueiro, passou a pensar em algo maior. A linguagem usada é coloquial e segue a ordem de pensamentos da cronista, como no trecho: “A partir daí não ouvi mais nada, pois considere marcante essa expressão: tempos de amnésia obrigatória”.

A primeira categoria de análise, a mulher, não aparece nesta crônica, a não ser pelo fato da mesma ser escrita por uma mulher. Por este motivo, o que é possível verificar é um olhar sensível de uma mulher para um assunto, porém que chama a atenção e fala para todos os gêneros. Fica claro que ela fala para homens e mulheres no trecho: “Esquecer é uma estratégia de sobrevivência. Somos todos uns esquecidos crônicos”. Assim, é possível identificar uma nova categoria em quem fala: a que inclui os dois gêneros (masculino e feminino).

Na segunda categoria, o ser emocional, é possível compreender por que Martha Medeiros fala para ambos os sexos: porque o assunto abordado é universal. Nesta crônica, o que está sendo exposto é o quanto todos esquecem de coisas importantes como um mecanismo de defesa. A memória seria seletiva e esqueceria tudo aquilo que, se fosse lembrado, causaria dor ou desconforto.

Esta crônica está inserida em um contexto cultural específico: pessoas que conhecem ou já ouviram falar do escritor uruguaio Eduardo Galeano. Porém, Martha Medeiros faz o que é comum em seu trabalho: explica o contexto para quem não o conhece. Conta que os vídeos citados por ela estão no site YouTube e conta que: “Num dos vídeos, Galeano aparece lendo seu texto “El Derecho al Delírio”, em que descreve como seria um mundo ideal, e aproveita para homenagear aqueles que insistem em não esquecer a própria história (a exemplo das mães da Plaza de Mayo) nesses tempos de amnésia obrigatória”.

Martha Medeiros mostra nesta crônica que está falando para as pessoas que, assim como ela, esquecem de determinadas situações quando lhes é conveniente. A autora não está acusando o leitor, está mostrando que este processo ocorre de forma inconsciente. Ela termina a crônica assim: “Obrigada, Galeano, por nos fazer lembrar: a amnésia é uma opção, não é obrigatória”.

O sentido produzido neste texto, portanto, é a tomada de consciência de que existem certos assuntos que não devem ser esquecidos, sob pena de fazer com que uma pessoa perca um fato importante para o seu autoconhecimento e até mesmo para o seu desenvolvimento. Martha Medeiros tenta com este texto compartilhar com os leitores algo que ela mesmo admite ter se dado conta: que o esquecimento de situações difíceis não é obrigatório. É possível, por mais que seja mais dolorido do que esquecer, utilizar um momento que não tenha sido bom para crescer.

Este processo de significação é construído pelas análises e alertas feitos pela cronista. Como na parte final do texto em que ela afirma: “E esquecemos, principalmente, de quem somos. Dos nossos ideais, das nossas vontades, dos nossos sonhos, das nossas crenças, tudo em prol de uma adaptação ao meio, de uma preguiça em desfazer o combinado e buscar uma saída alternativa, de uma covardia que gruda na alma e congela os movimentos. Esquecer de nós mesmos é assinar um contrato com a resignação”.

Texto “Onde você estava quando...?”, publicado no dia 11 de setembro de 2011 (Anexo B).

A crônica segue a estrutura tradicional do gênero. Na primeira parte do texto, Martha Medeiros conta três histórias que viveu para, logo em seguida, fazer uma análise de uma situação maior: o atentado sofrido pelos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001. Ela escreve sempre em primeira pessoa: eu, nós.

A categoria mulher não aparece neste texto. Por tratar de um assunto universal, ela não se dirige especificamente para o seu público leitor feminino. A categoria que inclui os dois gêneros (masculino e feminino) aparece novamente.

Os sentimentos apresentados na crônica analisada são as lembranças e a capacidade de lembrar o que estava fazendo no momento em que determinado fato aconteceu sem que estivesse previsto. Os acontecimentos relatados no texto

(acidentes com aviões) retrata um sentimento de impotência das pessoas diante da vida. Isto faz com que elas percebam que mesmo o que acontece longe delas faz com que sejam tocadas de alguma maneira: pelas notícias na televisão, jornais e rádio, ou até mesmo por um livro, caso citado na crônica.

Martha Medeiros cita quatro acidentes com aviões e não explica muito cada um deles. As pessoas que não conhecessem as histórias conseguem compreender o texto. Porém, certamente, quem tem uma leitura assídua de jornais ou acompanha as notícias pela televisão e rádio teria uma maior compreensão da crônica. A autora ainda cita a morte de Kennedy e Lennon e o livro *Perda Total* de Ivan Sant'Ana. Ela não explica quem foi cada uma dessas pessoas. Novamente aqui, se a pessoa tiver uma bagagem cultural compreenderá melhor o que a cronista quis passar em seu texto.

Nesta crônica, é possível perceber que Martha Medeiros fala para um público mais seletivo. O assunto escolhido por ela já segmenta mais a compreensão. Quando fala sobre o livro de Sant'Ana, ela afirma: "É uma leitura emocionalmente difícil, mas que relata algo que faz parte da rotina de um número crescente de pessoas – voar". No final, a autora faz uma análise mais ampla e que cabe a maioria das pessoas: "Recordar onde estávamos é entender que fazemos parte até do que não nos acontece diretamente".

O sentido produzido é o entendimento de que quando algo maior acontece, pode ser uma catástrofe natural, como um tsunami, a morte de alguém famoso, como Kennedy e Lennon, ou o atentado das torres gêmeas, não só a região em que aquele fato aconteceu é afetada, mas também aqueles locais em que a notícia chegou. Martha Medeiros quis mostrar que todos fazem parte de uma única tribo chamada mundo.

O processo de significação é construído pela autora neste texto através dos exemplos usados por ela para mostrar que, em acontecimentos marcantes, as pessoas sempre lembram onde estavam e o que estavam fazendo. Com isso, comprova o sentido produzido no texto de que, apesar de algo não afetar diretamente a vida de uma pessoa, de alguma maneira (emotiva ou psicologicamente) ela é impactada.

Texto “A farra dos sentidos”, publicado no dia 18 de setembro de 2011 (Anexo C).

A estrutura de falar sobre algo pontual, a Bienal do Mercosul e o Em Cena, para então desencadear uma análise mais ampla se repete no texto. Os temas principais desta crônica são a cultura, a vida e o cotidiano.

O tema tratado não é somente do universo feminino. Por esta razão, a categoria mulher não aparece. A categoria que inclui os dois gêneros (masculino e feminino) novamente é identificada.

Os sentimentos apresentados por Martha Medeiros são os decorrentes de alimentar o espírito com viagens, música e arte. A autora deixa claro que, para ela, a sociedade atual está equivocada ao nutrir um consumo desenfreado e esquecer do que realmente importa: a alma. “Qual o sentido de acordar de manhã sem paz de espírito, caminhar por uma casa que não sorri de volta, passar o dia em frente ao computador sem olhar uma única vez pro céu?”, escreve no final.

O ser cultural é defendido por Martha Medeiros no momento em que ela deixa claro que a cultura não é necessariamente algo caro. Mas ela respeita quem não pode pagar por isso e demonstra que, justamente por isso, quem pode arcar com os custos de uma vida cultural deve fazê-lo sem desculpas: “O Em Cena traz ingressos populares, na Bienal a entrada é franca, na Feira do Livro há os descontos e os sebos: ainda assim, nem todos podem. Então, quem pode, deve. Pelo privilégio que tem”.

A cronista fala para todos que podem ter acesso a cultura, da maneira que for. Sejam aqueles que podem pagar por viagens internacionais e apreciar obras de arte no museu do Louvre, em Paris, seja com as que podem ir na Feira do Livro de Porto Alegre e desembolsar poucos reais por livros em promoção.

O sentido produzido no texto é a compreensão de que somente o ter não é suficiente e, principalmente, não é tão legítimo quanto o ser. A autora faz um alerta para os leitores: “Qual o sentido de correr tantos riscos (violência, desamor, frustração, doenças) se não se tem uma vida interior protegida da miséria existencial?”.

O processo de significação ocorre mais uma vez pela análise que a cronista faz da realidade e por seus exemplos que fazem com que o leitor capte o sentido do

texto. Como no trecho: “Estou falando do tom com que colorimos a nossa história. Lamento por quem vive em sépia, deixando-se desbotar”.

Texto “O medo de errar”, publicado no dia 25 de setembro de 2011 (Anexo D).

Martha Medeiros mais uma vez parte de um assunto micro para analisar o macro. Ela lembra de uma frase durante as compras no supermercado e a partir disso faz uma análise sobre as inúmeras opções de escolha que a atualidade oferece. E o quanto isso faz com que a probabilidade de errar ao fazer escolhas aumente. Os temas principais da crônica são a vida, os sentimentos e a felicidade.

Novamente, a categoria que inclui os dois gêneros (masculino e feminino) aparece. “Para ser feliz, bastava estudar (magistério para as moças), fazer uma faculdade (Medicina, Engenharia ou Direito para os rapazes), casar (com o sexo oposto), ter filhos (no mínimo dois) e manter a família estruturada até o fim do dias”. As escolhas que a autora aborda são as de homens e mulheres.

O sentimento abordado pela cronista é o medo de errar ao fazer determinada escolha. Como as opções no mundo moderno aumentaram em uma escala assustadora, as dificuldades na hora de escolher ir por um caminho e não por outro também cresceram.

A cultura que esta crônica retrata é a moderna. Na qual os jovens têm medo de fazer escolhas devido a uma enormidade de opções. É a cultura do conflito da modernidade em que estar preparado para tomar decisões parece ser impossível.

Martha Medeiros acredita que essa cultura de inúmeras escolhas, fez com que as pessoas por medo de escolher, tivessem adiado a maturidade. “Adolescentes prorrogam suas escolhas porque querem ter certeza absoluta – errar lhes parece a morte”.

O sentido produzido no texto é justamente mostrar para os leitores que a certeza absoluta não chega nunca. A cronista deixa claro que o erro faz parte da vida e que todos têm que sobreviver a ele e seguir em frente aprendendo com ele para quem sabe no futuro fazer escolhas melhores. “Ao entender que é normal morrer várias vezes numa única existência, perdemos o medo – e finalmente crescemos”.

O processo de significação ocorre mais uma vez através de imagens claras e de exemplos. “Adultos sabem que nunca terão certeza absoluta de nada, e sabem também que só a morte física é definitiva. Já “morreram” diante de fracassos e frustrações, e voltaram pra vida”.

Texto “Carla Bruni e o rock’n’roll”, publicado no dia 2 de outubro de 2011 (Anexo E).

A cronista neste texto não dá um exemplo próximo seu ou de algo que aconteceu com ela. Martha Medeiros cita uma declaração da primeira dama da França, Carla Bruni, em que diz que seu casamento com o presidente Nicolas Sarkozy foi muito rock’n’roll. Essa é outra característica do gênero crônica: aliar uma análise a um fato noticiado. Os temas que se sobressaem são cultura e comportamento.

A categoria que inclui os dois gêneros (masculino e feminino) aparece novamente. A cronista fala para homens e mulheres interessados em compreender sua análise sobre a declaração da primeira dama.

Martha Medeiros fala neste texto sobre o amor e o sentimento de não fazer algo somente porque é aceito socialmente. Ela explica o que seria hoje a rebeldia proposta pelo rock: "A liberdade de fazer o que se quer, a despeito do que os outros vão pensar. Criar música não só para a alma, mas para o corpo. Provocar reações físicas, despertar os ânimos, desafiar o silêncio. Acordar".

A cultura representada fortemente nesta crônica é a da música e do rock. A cronista cita Eric Clapton, Mick Jagger, Chuck Berry e Elvis Presley, ícones do rock de suas gerações. E escreve: "O rock’n’roll deixou de ser apenas um gênero de música". Ela explica que se tornou uma cultura, uma atitude.

A cronista fala, portanto, para as pessoas que têm um conhecimento e até mesmo identificação com o rock. Porém, também explica para quem não tem esse entendimento o porquê de Carla Bruni ter falado que seu casamento era rock’n’roll.

O sentido produzido no texto é a explicação de por que o rock é, além de um gênero musical, uma atitude. "Um casamento rock’n’roll nada mais é do que um compromisso entre um homem e uma mulher com facilidade em aceitar mudanças, coragem para sair das zonas de conforto, capacidade de surpreender e

autoconfiança para ser quem verdadeiramente são, estejam no palco em que estiverem. É por isso que o rock, até então um substantivo que designava um estilo musical, expandiu-se. Analisado como postura de vida, foi promovido a adjetivo".

O processo de significação é constituído a partir de exemplos e das citações de nomes de lendas do rock e, principalmente, da declaração de Carla Bruni sobre seu casamento.

Texto “Medianeras”, publicado no dia 9 de outubro de 2011 (Anexo F).

Novamente, Martha Medeiros parte de uma história particular, o filme argentino *Medianeras*, para tratar de assuntos maiores. O estilo do gênero também se repete: uma narrativa com exemplos e cheio de opiniões pessoais. Os temas predominantes são o comportamento e a solidão.

A categoria mulher não aparece. A cronista escreve o texto para os dois gêneros (masculino e feminino). Os temas abordados são universais e falam de homens e mulheres.

O sentimento presente na crônica é a solidão resultante de um afastamento causado pela modernidade e, mais especificamente, pelas grandes cidades e por tecnologias como a internet.

O contexto cultural explícito no texto é a modernidade vivida nas metrópoles. O tema das redes sociais também é apresentado como uma das razões pelas quais as pessoas se afastaram na vida real. “O isolamento virou tendência. E o ermitão deixou de ameaçar: agora, ele é cool”.

O padrão de comportamento existente na crônica é o das pessoas que deixaram-se levar pelas modernidades oferecidas, como a entrega de comida em casa, a televisão, a internet e acabaram por aprisionarem-se em suas casas, perdendo contato com o mundo.

O sentido produzido no texto analisado é o de pensar que basta simples gestos, como abrir uma janela em uma medianeira, para começar a viver a vida real novamente. Em decorrência dessa vida real, é possível ainda encontrar um novo amor. “De fato, encontrar alguém que seja o nosso número é mesmo uma espécie de “Onde está Wally?”. Mas com um pouco de romantismo, muita sorte e fazendo a

sua parte – quebrando a parede e inventando uma janela –, o happy end pode ser avistado lá embaixo, caminhando pela calçada”.

O processo de significação é constituído pelo uso dos temas comportamento e solidão e pelos exemplos dados ao longo do texto partindo sempre do filme *Medianeras*.

Texto “Artistas anônimos”, publicado no dia 16 de outubro de 2011 (Anexo G).

Martha Medeiros inicia a crônica falando a sua opinião sobre a importância da sorte na vida das pessoas e, especificamente, dos artistas. E faz um paralelo com um filme que assistiu para, na sequência, fazer uma relação com a análise inicial. Além de dar sua opinião, outra característica do gênero é fazer uma análise a partir de algo do cotidiano, como um filme e a carreira de alguém.

A categoria mulher aparece neste texto na história que Martha Medeiros conta que assistiu em um filme: uma atriz que após anos vivendo às margens do sucesso consegue atingir o estrelato.

Os sentimentos como as expectativas que as pessoas têm com relação às suas carreiras, as decepções e a euforia pelo sucesso estão presentes nesta crônica.

O contexto cultural apresentado é o do sucesso artístico. A autora fala sobre a busca pelo sucesso e o caminho que precisa ser trilhado até ele: “O que é que define a trajetória de um artista? Levando-se em conta que ele entende mesmo do riscado (daí o título do filme) e que é um sujeito responsável e de caráter, o que mais precisaria acontecer? É uma pergunta que milhares de candidatos ao reconhecimento se fazem, mas não há uma resposta exata”.

O padrão de comportamento representado na crônica é o artista que está iniciando a carreira e se pergunta o que precisa para ter sucesso.

O sentido produzido no texto é a busca pela resposta do que seria um fator decisivo para alcançar o sucesso e a conclusão de que nem sempre talento basta, é preciso também ter sorte. “Uma carreira sólida (não os 15 minutos de fama) se constrói com carisma, perseverança, presença de espírito, facilidade de se relacionar, inteligência, dedicação, disponibilidade, bagagem cultural e com um fator

aleatório que faz toda a diferença, mencionado lá no início do texto: sorte. A sorte de alguém colocar o olho em você e apostar. Loteria”.

O processo de significação é constituído a partir de uma opinião pessoal da autora, posteriormente, do relato de um filme e de exemplos que comprovem a opinião da cronista.

Texto “Nadir, Euripedes e Yuri”, publicado no dia 23 de outubro de 2011 (Anexo H).

Martha Medeiros conta uma história que se passou com ela para iniciar a crônica: uma pessoa lhe enviou um e-mail e assinou Nadir. Sem pistas de se era homem ou mulher ela apostou na mulher e errou. O leitor ficou bravo com ela. A partir disso, a cronista fala sobre os diversos nomes com origens diferentes e que são usados nos dois gêneros confundindo diversas pessoas.

O gênero feminino aparece no texto acompanhado pelo masculino. Inclusive sendo esse o próprio assunto da crônica.

O sentimento representado é o da dúvida. Os nomes usados para chamar mulheres e que acabam sendo dados à homens e vice-versa causam dúvida nas pessoas que não conhecem o dono do nome pessoalmente.

Através da citação de diversos nomes e suas origens a cronista dá uma aula para os seus leitores. Explica a origem de nomes a partir da cultura a qual pertencem.

Martha Medeiros atinge diversas tribos com seu texto: a tribo das pessoas que têm nomes incomuns e a tribo das pessoas que têm curiosidade para saber a origem de nomes pouco comuns até mesmo para não cometer erros de identificação caso encontre algum deles.

O sentido produzido no texto é o de facilitar a comunicação entre as pessoas através de exemplos de nomes que não são usuais.

O processo de significação ocorre através de diversos exemplos práticos de nomes de pessoas conhecidas da autora, de escritores e pessoas famosas.

Texto “Mamografia”, publicado no dia 30 de outubro de 2011 (Anexo I).

A cronista parte mais uma vez de um acontecimento pessoal, a realização de uma mamografia, para falar de um aspecto mais global e que interessa ao grande público: a prevenção do câncer de mama. Martha Medeiros usa uma linguagem coloquial e expressões com sentido diferenciado, como “é tudo isso” na frase: “É rápido e indolor, mas não é só isso. É tudo isso. Tudo o que uma mamografia significa: a diferença entre a vida e a morte, por mais dramática que essa frase possa soar”.

A categoria mulher aparece neste texto no próprio assunto: mamografia, exame realizado pelas mulheres para diagnosticar nódulos ou anormalidades nos seios. Martha Medeiros representa uma mulher do seu tempo, preocupada com a sua saúde e das demais mulheres. Por esse motivo, faz o alerta para a importância da realização do exame.

A cronista mostra o quanto é essencial que as mulheres tenham amor-próprio. Porque a realização de um exame nada mais é do que a demonstração de um cuidado consigo mesma.

A cultura da marcação de consultas periódicas ainda não é adotada por muitas pessoas. No Brasil, onde o acesso a saúde é um bem para poucos, a situação é difícil. A autora tenta mostrar o quanto é importante criar esta cultura de cuidado com a sua saúde. Para aqueles que têm acesso a planos de saúde não há desculpas. E para quem depende do SUS, é necessário que ajude a mobilizar a sociedade para cobrar dos governantes o acesso aos exames básicos, como a mamografia. O que deve prevalecer é a cultura da prevenção.

Martha Medeiros fala para todas as mulheres. Pois quem já tem idade para realizar a mamografia vai procurar os seus direitos e quem ainda não tem, vai começar a criar uma consciência de que é importante cuidar de seu corpo e da sua saúde.

O sentido produzido no texto é de uma utilidade pública: a preocupação da autora com todas as mulheres a leva a fazer este alerta. Quem tem planos particulares deve procurar o médico, não tem desculpa mesmo, e quem não tem acesso, deve reivindicar os seus direitos junto ao governo. O recado é simples e direto: “Mais importante do que ser identificada como uma mulher feminina é ser identificada como uma mulher inteligente. Faça já”.

O processo de significação do texto é formado pela própria experiência contada pela autora. Lendo a crônica, a pessoa vai compreender que, se até a cronista fez o exame e passou por isso, não há empecilho para não fazer. Seria neste caso a pedagogia do exemplo.

Texto “O dono do livro”, publicado no dia 6 de novembro de 2011 (Anexo J).

Mais uma vez, a estrutura da crônica se repete: Martha Medeiros fala de um fato que ela leu (o caso de um garoto que roubou o livro de uma menina para devolvê-lo ao seu ator) para, a partir dele, falar sobre o seu significado: o livro não é de quem o escreve, mas sim de quem o lê. A linguagem usada pela cronista é coloquial e direta e o tema tratado é a cultura.

O perfil de mulher apresentado no texto é o da mulher leitora. Da mulher que costuma ler muitos livros a ponto de pensar sobre a forma como o texto ganha significado: a partir de quem o lê e não de quem o escreveu.

O sentimento representado por esta crônica é o amor pela literatura, pelas letras, pela palavra. E mais do que isso: pelo conhecimento. Martha Medeiros mostra que, tão importante quanto o que o autor escreveu, é o uso que o leitor faz daquilo que está lendo. A literatura é mágica aos olhos dos apaixonados por ela.

A cultura exposta neste texto é a de quem tem uma extensa bagagem literária. Pois, somente quem tem uma história com a literatura é capaz de pensar a respeito dela própria. O interessante é que Martha Medeiros novamente explica de uma maneira simples a sua ideia de que o livro constitui-se no próprio leitor.

A cronista fala, a princípio, para os leitores de livros. Conversa com a tribo que está acostumada a ler e, por esse motivo, compreende a singularidade do que sua crônica quer transmitir: o autor do livro também é você. Algo que pode parecer estranho em um primeiro contato com a ideia, mas que ela explica e faz com que se torne algo compreensível.

O sentido produzido no texto é uma nova ideia lançada para aqueles que costumam ler livros: você também é autor deste livro. A autora explica o que isso significa: "São do leitor as sensações provocadas, a tristeza, a euforia, o medo, o espanto, tudo o que é transmitido pelo autor, mas que reflete em quem lê de uma

forma muito pessoal. É do leitor o prazer. É do leitor a identificação. É do leitor o aprendizado. É do leitor o livro".

O processo de significação ocorre, como costuma ser em suas crônicas, através de exemplos ilustrativos, como esse: "Dias atrás gravei um comercial de rádio em prol do Instituto Estadual do Livro em que falo aos leitores exatamente isso: os meus livros são os seus livros. E são, de fato. Não existe livro sem leitor. Não existe. É um objeto fantasma que não serve pra nada".

Texto “Adeus ao general”, publicado no dia 13 de novembro de 2011 (Anexo L).

A crônica segue o modelo visto nas anteriores: Martha Medeiros conta uma aventura pessoal, desta vez uma viagem para o Peru, e a partir disso discorre sobre o prazer de se dar folga de tomar decisões. Fala em primeira pessoa e conta casos: “Costumo estar no controle de tudo, é meu jeito. Não tenho agente, assessora, assistente, motorista, nenhum staff que faça as coisas por mim”.

A categoria mulher é representada pela maneira como Martha Medeiros gerencia sua vida. Sempre tomando conta de tudo. Muitas mulheres da vida atual fazem a mesma coisa. Estão sempre tomando decisões: ir na academia antes ou depois de pegar as crianças no colégio? Marcar aquela reunião importante para manhã ou tarde? As mulheres reais também precisam fazer escolhas o tempo inteiro.

Os sentimentos que a cronista retrata são semelhantes aos que muitas dessas mulheres acabam tendo: como conciliar tudo: vida pessoal, familiar e profissional? A sugestão é permitir-se “deixar o general de lado” em alguns momentos e aproveitar algumas coisas boas da vida, como uma viagem.

A cronista fala sobre algo com que muitas mulheres sofrem: a necessidade de tomar conta de tudo. Na modernidade, as mulheres são mães, esposas, trabalhadoras e elas mesmas. Para ter tempo para desempenhar esses diversos papéis é preciso muito jogo de cintura e disciplina. O que Martha Medeiros alerta é para o fato de que não precisa ser sempre assim. Em alguns momentos, mesmo que poucos, é saudável e até mesmo preciso dar-se uma folga da rotina.

Martha Medeiros fala nesta crônica para um público mais seletivo: as pessoas que podem fazer viagens e sair da rotina. Que podem tirar férias e ir para o exterior. O exemplo usado por ela não se aplica a realidade de muitas mulheres que são suas leitoras. Mas a lição pode valer para coisas simples do cotidiano, como não se cobrar demais por tudo. É possível deixar o general de lado em diversas situações.

O sentido produzido no texto analisado é a compreensão de que é preciso sair da rotina de vez em quando em nome da qualidade de vida e saúde mental. "Cá estou, de volta ao quartel, executando as atividades em que me reconheço: decidindo, escolhendo, experimentando, duvidando, dizendo sim, dizendo não, errando e acertando por conta própria. E, com secreto prazer, me concedendo a liberdade de me perder pelas ruas desse labirinto chamado vida real".

O processo de significação ocorre através dos exemplos, que fazem com que o leitor consiga visualizar claramente do que a cronista está falando. Como no trecho: "Descobri finalmente o significado da palavra mordomia. O mundo funcionando à perfeição sem minha ingerência".

Texto “Alguém quem?”, publicado no dia 20 de novembro de 2011 (Anexo M).

A estrutura da crônica segue inalterada: o texto de um blog, em que mãe e filha ajudam uma pessoa com sua bicicleta, faz com que a autora lembre de uma história pessoal, de um bebê no colo de uma mãe em um show de rock. Essas histórias levam a análise maior: por que as pessoas sempre esperam que alguém faça algo que precisa ser feito ao invés de fazer elas mesmas? A linguagem coloquial e intimista usada faz com que o leitor se sinta próximo da cronista.

A mulher representada nesta crônica é a que se preocupa com o seu semelhante. Está preocupada em fazer algo não só pelas pessoas que estão a sua volta, mas também pelo bairro, cidade, país em que vive.

Os sentimentos representados na crônica são os de solidariedade pelo próximo e de preocupação com o futuro da sociedade. Afinal, se todos sempre esperarem que alguém faça alguma coisa, ninguém tomará uma atitude. "Na hora de falar, nos anunciamos como muito capazes, mas quando a teoria necessita ser posta em prática, somos os primeiros a transferir responsabilidades".

A cultura representada nesta crônica é a comum na sociedade atual: alguém vai fazer algo. Quando na verdade, o pensamento deveria ser: todos têm que contribuir. É a cultura do depois alguém faz, do menor esforço ou ainda da acomodação.

A cronista fala para todos aqueles que enxergam algo de errado e não tomam nenhuma atitude. Na sociedade atual, diversas coisas que são importantes viraram banais. Virou banal as pessoas não terem atendimento médico pelo SUS, acesso a cultura e lazer, moradias dignas e até mesmo vizinhos não se darem bom dia. Porém, o pior deste cenário é a visão do futuro: quem vai mudar isso? Deveria ser cada um.

Martha Medeiros faz um alerta através desta crônica: as pessoas precisam acordar para chamar as responsabilidades para si. Se algo está errado, não espere que alguém vá até lá corrigir, vá você mesmo. "Abrimos mão do protagonismo em prol de uma coadjuvância acomodada e maléfica para a sociedade. Pois é, e agora? Alguém tem que fazer alguma coisa".

O processo de significação se dá através de diversos exemplos que fazem com que o leitor compreenda a importância de tomar uma atitude quando julgar necessário e não esperar que alguém tome em seu lugar.

Texto “De vestido de oncinha e plumas”, publicado no dia 27 de novembro de 2011 (Anexo N).

O texto revela um assunto pessoal que a cronista resolveu expor para compartilhar uma dúvida: "Temos o direito de ficar ressabiados por postarem nossas fotos pré-históricas sem nos consultar ou dá no mesmo se a foto foi tirada 27 anos atrás ou ontem à noite?". Ela usa uma situação que lhe aconteceu para tratar de um assunto atual: a exposição a que todos estão sujeitos através da internet.

O tipo de mulher apresentado é o de alguém que ainda, apesar dos dias atuais, se importa com sua imagem e tenta manter um nível mínimo de controle sobre a exposição de sua vida pessoal.

O sentimento da invasão de privacidade é algo sério. Ninguém gosta de sentir a sua vida exposta para pessoas que ela não conhece e que jamais irá conhecer. O

fato de compreender que sua intimidade pode cair nas mãos de pessoas que acham que podem julgar o que é bom para você ou não é assustador.

A sociedade, de uma maneira geral, parece ter perdido a noção de respeito ao privado e, mais do que isso, ao direito de cada um de decidir se quer se expor ou não em redes sociais e outros meios.

Essa amiga citada por Martha Medeiros, por exemplo, acredita que, apesar do pedido da autora, cabe somente a ela decidir se a outra está bem para aparecer em uma rede social ou não. Algo que, ao ver da cronista, deveria caber a ela própria decidir se quer ser vista em uma foto de 27 anos atrás ou não. Parece que alguns grupos, especialmente os usuários de internet, perderam a noção do que é público e o que é privado.

O sentido produzido no texto, portanto, é a discussão de que apesar de todos os recursos disponibilizados atualmente, algumas pessoas preferem manter a sua vida privada apenas na realidade, sem exibi-la em redes.

A cronista usa os exemplos para criar um processo de significação. Os exemplos utilizados, de sua foto vestida de oncinha com plumas pretas e o de uma amiga em seu chá de panela, fazem com que seja possível enxergar claramente o quanto a sociedade ultrapassou os limites do privado.

Texto “O que acontece no meio”, publicado no dia 4 de dezembro de 2011 (Anexo O).

A crônica utiliza uma estrutura diferente das demais analisadas até aqui. Martha Medeiros não parte ou dá algum exemplo ocorrido com ela. Também não cita nenhum acontecimento. Desde o início do texto, ela dá exemplos do que acontece no meio da vida. Parece resgatar um pouco da característica literária da crônica e até mesmo da época em que escrevia poemas.

Martha Medeiros apresenta uma mulher preocupada com a vida e que dá diversos conselhos para que seus leitores a aproveitem melhor.

O sentimento valorizado nesta produção é o amor pela vida, pela existência, por aprender mais sempre e por viver a vida da melhor maneira possível.

A cultura atual e simples da vida cotidiana está representada ao longo de todo o texto através de diversos exemplos como: "Que amar é lapidação, e não

destruição. Que certos riscos compensam – o difícil é saber previamente quais. Que subir na vida é algo para se fazer sem pressa".

O texto é muito amplo pelos inúmeros exemplos citados. Por este motivo, fala diretamente com homens e mulheres, de qualquer idade, que estejam interessados em compreender qual a melhor maneira de viver.

A cronista mostra que o mais importante de tudo é se autoconhecer: "No meio, a gente descobre que precisa guardar a senha não apenas do banco e da caixa postal, mas a senha que nos revela a nós mesmos".

O processo de significação ocorre através de muitos exemplos, como: "Que tocar na dor do outro exige delicadeza. Que ser feliz pode ser uma decisão, não apenas uma contingência".

Texto “Sem querer interromper, mas já interrompendo”, publicado no dia 11 de dezembro de 2011 (Anexo P).

Nesta crônica Martha Medeiros usa um fato pessoal e fala sobre ele durante o texto: a mania de falar o mesmo tempo do que as outras pessoas. O assunto do texto se amplia com a identificação do leitor, já que muitas pessoas fazem o mesmo. A cronista usa o tempo inteiro os seus exemplos, como no trecho: "Levei uns puxões de orelha das amigas, o que me salvou. Hoje, se não estou 100% curada, posso dizer que já consigo me conter um pouco".

A mulher representada através desta crônica é a que fala demais, quase sem conseguir ouvir o outro. A autora cita alguns exemplos: "Ouço o que o outro tem a dizer, mas ainda cometo o pecado de terminar a frase por ele. Basta que o coitado vacile na conclusão da sua argumentação, buscando uma palavra que não vem, e eu rapidamente encontro a palavra que ele procurava".

O sentimento que está presente neste texto é o da autoanálise e da vontade de melhorar. Martha Medeiros fala na maior parte do tempo que sabe que está errada, mas que, por alguns momentos, o ímpeto de concluir a frase de alguém é maior do que ela. Apesar disso, demonstra o sentimento de que deseja seguir melhorando esta atitude.

Martha Medeiros através de seu próprio exemplo fala de um costume comum, ainda mais entre famílias agitadas. Falar um por cima do outro demonstra a

ansiedade de querer compartilhar sua vida com as demais pessoas. Na correria do dia a dia, a impressão que se tem é que não há tempo a perder e as conversas devem acompanhar esse ritmo acelerado.

Porém, como a própria cronista relata em seu texto, existem algumas pessoas que não fazem parte do grupo “deixa que eu completo” e, por isso, sentem-se incomodadas quando alguém as interrompe.

O sentido produzido no texto é a percepção de que interromper a fala de alguém é errado e pode até mesmo ofender. O ideal em uma conversa é que as partes envolvidas estabeleçam um diálogo e não que ocorra um monólogo em que os outros acabam sendo apenas expectadores.

O processo de significação ocorre através dos inúmeros exemplos e relatos pessoais dados pela cronista. Essas histórias reais acabam por dar uma veracidade ao tema.

Texto “A vida da gente”, publicado no dia 18 de dezembro de 2011 (Anexo Q).

Martha Medeiros discute nesta crônica a novela da seis da Rede Globo, “A Vida da Gente”, transmitida na época. O texto segue uma das nuances do gênero: falar sobre aspectos cotidianos e atuais. É isso que a autora faz. Dá a sua opinião sobre a novela e analisa diversos fatos trazidos por ela.

A mulher presente nesta crônica é um dos estereótipos mais conhecidos: a que assiste e gosta de novela. Isso gera uma identificação por parte de uma grande parcela de seu público que, assim como ela, também acompanha as novelas.

O sentimento revelado nesta crônica é o desejo de se reconhecer na televisão. De ver sua vida ali exposta, discutida e, mais do que isso, representada. Ao chorar ou rir com os personagens diversas vezes as pessoas estão fazendo-o também por lembranças e histórias acumuladas que se parecem com as que estão assistindo.

Esta crônica retrata uma das culturas mais fortes existentes no Brasil: a das novelas. Desde seu início, essa tradição se incorporou nas famílias de tal maneira que virou um hábito. As novelas passaram a representar os modos de vida dos brasileiros.

Os “noveleiros” se identificaram com o texto porque compartilham com a autora os mesmos sentimentos de amor pela trama e pelos personagens que passam a acompanhar diariamente.

O sentido produzido no texto é a sensação de bem-estar ao perceber que uma trama está realmente cumprindo seu objetivo: representar as pessoas reais, com seus medos, anseios e tantas outras características.

O processo de significação ocorre através do relato que a cronista faz das características da novela. Ela explica os papéis e comemora que, após diversas novelas, a televisão levou ao ar uma mais verdadeira e que faz com que os telespectadores se sintam representados.

Texto “Natal para ateus”, publicado no dia 25 de dezembro de 2011 (Anexo R).

Martha Medeiros analisa nesta crônica o significado do Natal. Utiliza uma das características mais frequentes do gênero: a análise de fatos do cotidiano. Ela cita exemplos de sua própria vida e crença para debater o significado de fé.

A mulher que aparece neste texto é um tipo evoluído e que se libertou da crença católica na qual foi ensinada para viver a sua própria espiritualidade, que não está arraigada ao fato de ir à missa todo domingo.

Os sentimentos dos quais a cronista fala neste texto têm mais a ver com uma conduta de vida do que com a fé propriamente dita. Martha Medeiros defende a tese de que se a pessoa pratica o bem todos os dias e consegue fazer uma introspecção com frequência, ela tem uma fé que é diferente da praticada nas religiões, mas nem por isso menos importante e significativa.

A cronista tenta através de sua crônica mostrar para os seus leitores que a fé está em qualquer lugar que eles a coloquem: em um momento de prece e oração ou em um agradecimento pela vida. A fé não está necessariamente no altar de uma igreja.

Essa visão deve causar uma identificação por parte das pessoas que também corroboram desta ideia: a fé está no interior de cada um e não requer um nome. Porém, para religiosos mais fervorosos pode causar um estranhamento. O fato é que

o Brasil é um grande celeiro de religiões e crenças. O importante é que cada um respeite a maneira como o outro vive a sua fé.

O sentido produzido neste texto é chamar a atenção para a tolerância entre as religiões. Para a importância de crer em algo, não importa no que. E mais do que isso: praticar a sua “religião” não apenas nas datas comemorativas, mas em todos os dias do ano.

O processo de significação ocorre através da citação do livro *Religião para Ateus*, do escritor e filósofo suíço Alain de Botton. A partir das ideias apresentadas por este autor, Martha Medeiros discorre sobre o assunto.

Texto “2012, me surpreenda”, publicado no dia 1º de janeiro de 2012 (Anexo S).

Nesta crônica, Martha Medeiros analisa a chegada de um novo ano. Como é característica do gênero, o texto baseia-se em um fato do cotidiano.

A categoria mulher não aparece. A cronista escreve o texto para os dois gêneros (masculino e feminino). O tema abordado é universal.

O sentimento presente na crônica é a expectativa pelo que o próximo ano que está começando vai trazer para a sua vida.

O ano novo costuma ser recebido cheio de pedidos, desejos e novas promessas a cumprir. A cronista, porém, afirma que neste ano quer fazer as coisas de uma maneira diferente: "As melhores coisas do ano sempre foram aquelas que eu não previ. Então tomei uma decisão: nessa virada, não vou planejar coisa alguma e aguardar as resoluções que 2012 tomará para mim, à minha revelia". A cultura dos planos para o ano que se inicia é reinventada por ela.

Martha Medeiros traz nesta crônica a ideia de que as pessoas estão acostumadas a fazer diversos pedidos, mas que o destino sempre se encarrega de fazer surpresas. A cronista coloca no texto pedidos mais subjetivos do que objetivos e, por este motivo, que servem para o seu público: "Que lugares conhecerei que ainda não conheço? Que pessoas entrarão na minha vida que, quando cruzo com elas na rua, ainda não as identifico? Que boas notícias ouvirei das minhas filhas? Quantos shows terei o prazer de assistir? Estou curiosa para saber o que você está aprontando para incrementar os meses que virão".

O sentido produzido neste texto é a quebra de um ritual que a maioria das pessoas costuma fazer na véspera de ano novo: traçar objetivos a cumprir. Martha Medeiros sugere através desta crônica que as pessoas se deixem levar um pouco pelo acaso e aproveitem o que a vida lhes proporcionar. Isso faz com que as tensões e expectativas diminuam e que a vida possa ser mais apreciada.

O processo de significação ocorre através dos desejos que a cronista cita e do seu exemplo pessoal de que: "As melhores coisas do ano sempre foram aquelas que eu não previ".

Texto “Esquecimento e memória”, publicado no dia 8 de janeiro de 2012 (Anexo T).

A cronista parte de um ensaio sobre a arte de esquecer. A partir disso ela faz uma análise sobre a vantagem de se ter memória até o final da vida. Essa é uma característica do gênero crônica: a escritora parte de um livro, texto ou ensaio e faz sobre o assunto uma reflexão.

A categoria mulher não aparece. A cronista escreve o texto para os dois gêneros (masculino e feminino). O tema abordado é universal e vale para homens e mulheres. A memória é algo importante para ambos os sexos.

O sentimento presente no texto é a vontade de manter vivo na memória tudo o que foi vivido ao longo de sua existência e o medo de perder suas lembranças e referências.

Faz parte da cultura da sociedade saber que, com o passar dos anos, a memória já não funciona como na juventude. Por esta razão, o medo de esquecer os fatos está presente na vida das pessoas.

A questão da perda da memória é algo que pode afetar qualquer pessoa, independente de raça ou sexo. Todos os grupos estão sujeitos a ter problemas ocasionados por essa perda. Por isso, é que esta crônica serve de alerta para todos.

O sentido produzido no texto é a importância da memória no final da vida, momento em que as pessoas costumam fazer aquele balanço de tudo o que foi vivido. Sem a memória, essa reflexão torna-se impossível de ser feita e deixa a cronista com a sensação de que a vida passou em vão.

O processo de significação da crônica ocorre com o ensaio citado e com os relatos da autora que acredita que a memória dá sentido para a vida: "A integridade de uma vida está em seu reconhecimento, mesmo que se reconheça, junto às boas lembranças, a proximidade do fim. É o preço".

Texto “Vinte segundos de insanidade: por que não?”, publicado no dia 15 de janeiro de 2012 (Anexo U).

A estrutura da crônica é umas das mais tradicionais: a autora parte de um fato do cotidiano para escrever sobre o assunto e ampliá-lo. Neste texto, a partida é o filme *Compramos um zoológico*. Martha Medeiros conta a história do filme e destaca a seguinte frase de uma fala: "Vinte segundos de ousadia, por que não?".

A mulher que a cronista destaca neste texto é a que vive em uma vida cheia de previsões. Mas, a discussão que ela faz a partir do filme é que, em algum momento, pode ser interessante arriscar: "Qual é o problema de se aventurar? Mesmo os ponderados – dos quais sou representante de turma – reconhecem que chega uma hora em que o convite para arriscar merece ser atendido".

O sentimento apresentado na crônica é o da mudança. Mudar, em algumas circunstâncias e aspectos da vida, pode ser algo bom.

Este texto está inserido no contexto específico do cinema e, mais precisamente, no filme em questão. Porém, como é de praxe nas obras da autora, ela explica a história do filme para poder contar o que lhe chamou a atenção e propor uma reflexão.

O padrão de comportamento que pode ser identificado nesta crônica é o das pessoas que, assim como Martha Medeiros, vivem uma vida previsível e planejada.

O sentido produzido no texto é justamente pensar sobre esse planejamento e propor uma alternativa: o risco e a aventura. A cronista propõe este exercício não só para ela, mas também para seus leitores afirmando que: "O pior que pode acontecer é tudo dar errado. Pior em termos. Dar errado não é tão ruim diante da alternativa de nunca ter tentado".

O processo de significação foi construído a partir do exemplo do filme citado e dos exemplos pessoais que a autora contou.

Texto “Não canse quem te quer bem”, publicado no dia 22 de janeiro de 2012 (Anexo V).

Martha Medeiros usa nesta crônica o formato: história do cotidiano e análise. Neste caso, a história que ela conta é uma frase ouvida no programa Saia Justa, do canal GNT: “Não canse quem te quer bem”. A partir dela, a autora desenvolve sua análise com exemplos do que as pessoas costumam fazer que chateia os outros.

A mulher representada nesta crônica é a que tem noção do quanto os seus atos impactam na vida das outras pessoas.

O sentimento de querer pertencer a um grupo e agradá-lo é o que aparece neste texto. A autora é bem realista e dá dicas do que evitar fazer: "Não canse quem te quer bem. Evite repetir sempre a mesma queixa. Desabafar com amigos, ok. Pedir conselho, ok também, é uma demonstração de carinho e confiança. Agora, ficar anos alugando os ouvidos alheios com as mesmas reclamações, dá licença. Troque o disco".

A crônica retrata a cultura em que muitas pessoas estão inseridas: achar que somente porque são íntimas podem falar o que quiserem o tempo todo. Martha Medeiros mostra através de seu texto que ninguém é obrigado a conviver com pessoas desagradáveis.

A autora fala justamente para essas pessoas, que é preciso prestar atenção em suas falas e no que se está transmitindo. Martha Medeiros conta que é importante cada um fazer esta análise de si mesmo, se está sendo chato reclamando sempre das mesmas coisas, por exemplo.

O sentido produzido neste texto é mostrar para as pessoas que é preciso ter cuidado com as pessoas que as amam. A maneira que a autora mostra que é possível ter essa preocupação é através da fala, das reclamações e do convívio. E conclui: "Quem te quer bem vai te ouvir até o fim e ainda vai fazer de conta que está se divertindo. Coitado. Prive-o desse infortúnio. Ele não tem culpa de gostar de você".

A forma que a cronista encontrou para desenvolver o processo de significação foi através de diversos exemplos de coisas que as pessoas fazem que chateiam as demais e elas não percebem.

Texto “fakebook”, publicado no dia 29 de janeiro de 2012 (Anexo X).

Martha Medeiros utiliza nesta crônica uma estrutura característica do gênero: um fato do cotidiano gera uma análise sobre ele e a sociedade. Neste texto, ela escreve sobre o Facebook.

A mulher que Martha Medeiros representa nesta crônica é a que, apesar de todas as novas tecnologias, opta por permanecer fora delas. Manter suas formas tradicionais de comunicação.

A cronista aborda o sentimento de que, com as redes sociais, ela não é mais nem dona de sua memória. Pois pessoas que ela nem conhece dizem que foram suas colegas em colégios que ela jamais frequentou.

O que é retratado neste texto é a cultura digital atual, em que pessoas que nunca se viram na vida real podem ser grandes amigos na virtual.

Martha Medeiros escreve para as pessoas que fazem parte do grupo online e para as que fazem parte do grupo off-line. Ela deixa claro, porém, qual é a sua escolha: ser do off-line.

A cronista produz com seu texto uma reflexão: é preciso que exista toda essa tecnologia para que as pessoas lembrem umas das outras? "Aqui, de fora do mundo, meu beijo pra Zezé e pra todos que ainda conseguem lembrar dos amigos sem a ajuda de aparelhos", conclui.

O processo de significação ocorre através de diversos exemplos de sua vida pessoal.

Texto “Empregadas ou secretárias?”, publicado no dia 5 de fevereiro de 2012 (Anexo Z).

Nesta crônica, Martha Medeiros polemiza um assunto do cotidiano: o fato de que algumas pessoas começaram a chamar suas empregadas de secretárias.

A autora representa as mulheres que têm empregadas domésticas e que contam com elas para resolver as tarefas de casa.

O sentimento abordado no texto refere-se ao fato de que as empregadas acabam se tornando uma parte da família em que trabalham.

Essa cultura de chamar as empregadas de secretárias é criticada pela cronista. Segundo ela, "Se a palavra 'empregada' parece pejorativa, pode-se chamá-

la de funcionária, que é o que ela é também. Já chamá-la de secretária apenas expurga a culpa do patrão, que não quer parecer um senhor do engenho, do tipo que escravos".

Martha Medeiros, portanto, critica esse padrão de comportamento: "Ou seja, ele se utiliza de um eufemismo para provar que respeita todos os direitos trabalhistas da sua funcionária. Nem se dá conta de que esse pudor com a palavra empregada talvez desmereça as profissionais que tiveram a chance de estudar mais e que fizeram cursos preparatórios para trabalhar numa empresa, e não numa casa de família".

O sentido produzido neste texto é o de pensar a nomenclatura usada. Outro fato apresentado na crônica, é esclarecer o que as secretárias estão achando deste novo hábito. "Secretárias não fazem trabalho doméstico, e sim de escritório. Apesar de eu nunca ter lido nenhuma pesquisa a respeito, tenho a impressão de que elas devem se sentir desconfortáveis ao verem as duas funções confundidas".

O processo de significação ocorreu através da análise dos fatos: empregada não faz serviço de secretária e vice-versa.

Texto “A geladeira e o livro”, publicado no dia 26 de fevereiro de 2012 (Anexo AA).

No texto, é possível perceber que elementos da linguagem da crônica, como a estrutura e expressões, estão presentes. Na estrutura, percebe-se claramente a linguagem de uma narrativa. Nas expressões, é possível verificar o uso da primeira pessoa do singular. Diferentemente da reportagem jornalística, que determina que quanto menos o repórter aparecer melhor, na crônica, o sujeito autor é importante. O cronista deve aparecer na narrativa. Neste texto, por exemplo, Martha Medeiros narra algo que lhe aconteceu: “Fazia dois dias que minha geladeira havia entrado em pane. Não deixou de resfriar, mas as luzes do painel piscavam o dia inteiro, como se fosse uma bomba a ponto de explodir, e o alarme disparava de tempo em tempo, mesmo a porta estando bem fechada”. A estrutura da narrativa garante um ritmo ao texto e o tom de depoimento para o leitor.

Na primeira categoria a ser analisada, a mulher (quem fala), é possível perceber que nesta crônica a mulher representada é a mulher que é independente,

mas que apesar dessa situação conquistada, também quer ser amada. Aqui a autora trata de um dos maiores paradoxos do tempo atual. Martha Medeiros inicia o texto com a seguinte frase: “No fim das contas, tudo o que queremos é ser amados”. Com a expressão “queremos” ela inclui o leitor no seu pensamento e deixa claro que ela, a própria autora, está no texto. Ela quer e acredita que a pessoa que está lendo seu texto também tem o mesmo desejo que a própria cronista.

Na segunda categoria, o ser emocional, o sentimento apresentado, o tema da crônica, é essa necessidade que as pessoas têm de sentirem-se amadas. Para ilustrar o assunto, Martha Medeiros dá exemplos de sua própria vida. Como exemplo, ela cita o fato de que sempre quando alguém gosta muito de um filme essa pessoa pode até recomendar para um amigo, mas sempre tratando de fazer uma ressalva do tipo: “Olha, eu gostei, mas talvez não seja seu tipo de história. Vá sem expectativas. É meio longo. Tem uma partezinha devagar, mas, sei lá, acho que vale a pena”.

Ainda dentro do aspecto “do que fala”, chega-se a terceira categoria de análise: a cultural. A cultura que a cronista apresenta neste texto é vasta. Ela fala sobre cinema, sobre livros recomendados por um amigo e uma viagem a Machu Picchu. É possível perceber que Martha Medeiros está inserida em um nível alto de cultura. Porém, ao mesmo tempo, é possível compreender que a autora faz uma espécie de tradução para o leitor dessa cultura. A pessoa não foi para Machu Picchu, mas mesmo assim ela consegue compreender o que Martha Medeiros quer dizer. E aqui chega-se ao quarto e último nível de análise, os padrões de comportamento, ou a quem fala. Destaca-se no trabalho da cronista a capacidade de transformar um assunto banal, como o caso do texto analisado, o conserto de uma geladeira, em um tema maior. A temática da geladeira não representa mais o conserto do eletrodoméstico, mas sim todo o desenrolar apresentado a partir disso. Martha Medeiros transforma assuntos que podem ser comuns, como o caso estudado, ou uma viagem mais sofisticada, em uma análise de algo mais universal, que diz respeito ao sujeito comum. Como, no caso específico desta crônica, a necessidade de amar e ser amado. Neste texto, ela pode estar falando com todos aqueles que já fizeram viagens, que vão ao cinema e que tiveram que concertar uma

geladeira, mas mais do que isso, ela fala com quem tem, assim como ela, essa necessidade de ser aceito e amado pelas outras pessoas.

A partir desta análise é possível perceber que Martha Medeiros utiliza a estrutura padrão do gênero crônica, através da narração, da escolha de assuntos atuais para conceber seu texto e da utilização da primeira pessoa. Ela consegue incluir o leitor no seu texto, mas ao mesmo tempo inclui ela própria através de suas experiências. A primeira categoria de análise, a mulher, aparece nesta crônica. A mulher representada é a mulher que é independente, mas que apesar dessa situação conquistada, também quer ser amada. Na segunda categoria, o ser emocional, o sentimento apresentado é a necessidade que as pessoas têm de sentirem-se amadas. Na terceira categoria de análise, a cultural, percebe-se que a cultura da cronista é vasta e, por este motivo, diferentes aspectos culturais são apresentados em seus textos. No quarto e último nível de análise, os padrões de comportamento, ela fala com quem tem, assim como ela, a necessidade de ser aceito e amado pelas outras pessoas.

Sendo assim, o sentido produzido neste texto é o de pensar uma lógica presente na sociedade atual: a da aceitação. O processo de significação da crônica é constituído pela temática desta busca de aceitação e pela necessidade primordial de sentir um pertencimento a algum grupo.

6 CONCLUSÕES

Ao desenvolver a análise de cada uma das 24 crônicas que compõem o corpus deste trabalho de acordo com o procedimento metodológico estabelecido, é possível chegar a algumas conclusões.

No que diz respeito aos elementos da linguagem da crônica presentes nos textos, verifica-se que a maior parte do corpus analisado inicia com uma história cotidiana de Martha Medeiros para pensar algo maior, como a experiência de fazer uma mamografia. Das 24 crônicas analisadas, 14 seguem este modelo. Outras nove utilizam um fato ocorrido na sociedade para depois levantar alguma discussão a respeito, como as datas de Natal e Ano Novo. E apenas uma delas constitui-se um texto com uma estrutura mais próxima de um poema, em que um assunto é tratado como um todo, sem mencionar um acontecimento específico.

A categoria mulher apareceu em 15 crônicas. Nas outras nove, os assuntos abordados eram comuns a homens e mulheres. Porém, nos textos em que a categoria mulher predominou, mesmo assim, alguns assuntos poderiam interessar também os homens, como as pessoas que falam demais, que assistem à novela, que vivem sua espiritualidade ou que ficam de fora do Facebook por opção própria. Todos esses assuntos foram tratados pelo viés feminino, mas é possível que um homem ao ler também se identifique.

Através da categoria ser emocional, é possível perceber novamente que os sentimentos abordados nos textos rompem a barreira do gênero masculino e feminino. Os sentimentos que mais apareceram nas crônicas foram os ligados às expectativas com relação à vida, como o medo ao fazer escolhas, a importância de escolher uma profissão em que se faça o que se gosta, a solidão como decorrência da modernidade, a expectativa sobre a carreira. Também foram abordados assuntos como a solidão imposta pela modernidade, a importância do amor-próprio, do amor pela literatura e pela vida. Portanto, é possível perceber que não existe uma crônica que seja só para a mulher e que os homens podem se identificar com os assuntos tratados.

Na categoria cultural, é possível constatar que em todas as 24 crônicas a autora se preocupa em explicar o contexto cultural do que está falando. Como na

crônica “A Vida da Gente”, em que trata sobre a novela da Rede Globo. Ela explica para quem não acompanha a obra o essencial para que possa haver uma compreensão do que está sendo abordado. O mesmo ocorre no texto “Vinte segundos de insanidade: por que não?”, que fala sobre o filme “Comparamos um zoológico”. Martha Medeiros também explica a história do filme para que seja possível entender suas ideias. A cronista trata, ainda, de fatos culturais, como livros, artigos, filmes, viagens e novelas, mas na maior parte de seus textos os assuntos são mais universais, como a preocupação com o ritmo acelerado da vida ou com o pertencimento a algum grupo e a importância disso para a vida em sociedade.

Um aspecto que chama a atenção nos assuntos das crônicas é que apenas um tema aparece em mais de uma crônica, em duas: a preocupação em ser aceito na sociedade. Nos textos “A geladeira e o livro” e “Não canse quem te quer bem”, esse assunto é tratado. Conforme visto em Maffesoli, a sociedade é composta de tribos. E apesar dessa grande variedade de tribos, as pessoas buscam a aceitação por uma delas, ou várias. Portanto, o processo de aceitação está diretamente relacionado ao conceito atual de tribo proposto por Maffesoli. A partir do momento em que a sociedade é dividida em tribos, cabe aos integrantes dessa sociedade buscar acolhida em uma destas tribos. Essa acolhida é uma conquista e dá ao ser humano o sentimento de aceitação. O homem é um ser social e, por este motivo, para estar bem e viver feliz necessita viver em grupos ou tribos. Se essa aceitação por parte de alguma tribo não vier, o homem fica isolado da sociedade.

A categoria padrões de comportamento (a quem fala) é conclusiva para o presente estudo. Das 24 crônicas analisadas, apenas quatro falavam a um público mais restrito, que teria acesso a viagens de luxo e informações mais privilegiadas a respeito de cultura. Os outros 20 textos falavam para pessoas com padrões comportamentais comuns. É possível perceber isso através das próprias crônicas e seus assuntos. Pois, preocupações com a carreira e o trabalho, o medo diante das escolhas, o malabarismo para conciliar vida pessoal e profissional, a solidariedade para com o próximo, a invasão de privacidade sofrida nos tempos atuais, a importância de viver a sua fé independente de religião e a necessidade de pertencer a um grupo são assuntos que interessam a quem Martha Medeiros está escrevendo. É possível concluir, portanto, que a cronista escreve e, conseqüentemente,

representa o sujeito comum que tem preocupações quase que universais e contemporâneas com o tempo atual vivido.

Os sentidos produzidos nos textos analisados são pertinentes ao sujeito comum, como, além dos citados acima, a preocupação com a perda da memória quando a idade avança, a vontade de mudar e melhorar de vida, o desconforto causado pelas redes sociais onde cada um publica as fotos que quiser de todos, a importância do amor-próprio, pela vida e pelas artes e a solidão que a modernidade acabou causando com o avanço das tecnologias.

O processo de significação ocorre nas crônicas analisadas através de exemplos. A autora na maior parte dos textos, como já citado, parte de um exemplo pessoal vivido para então transformar o assunto em algo mais amplo e que interessa para o seu público leitor. Das crônicas estudadas, nove partiram de um evento ocorrido na sociedade, como o atentado ao World Trade Center, uma não partiu de um acontecimento específico, e 14 textos iniciaram com um evento particular vivido pela cronista, como a leitura de um artigo sobre determinado assunto, ou até mesmo o fato de uma geladeira ter estragado.

É possível perceber que, apesar do processo de significação ser construído na maior parte das crônicas a partir de um evento particular vivido pela cronista, o sentido produzido pelos textos diz respeito a algo que acontece com a maioria das pessoas, ou com o sujeito comum. Isto é capaz de explicar por que as crônicas de Martha Medeiros têm tido esse grande alcance.

Outra conclusão a que este estudo chega, é perceber a capacidade que o gênero crônica tem de se atualizar e de incorporar os tipos contemporâneos. O mundo feminino, por exemplo, é atualizado ao poder ser também masculino. É possível que um homem pegue o caderno Donna, leia a crônica de Martha Medeiros e se identifique com o que leu ou faça algum uso da mensagem contida no texto. A crônica segue, portanto, ao longo da história cumprindo o seu papel de não só retratar fatos do cotidiano como também expressar a contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **História da Filosofia – Do Romantismo ao Empirio-criticismo**. São Paulo, Paulus, 2005, v. 5.
- ARBEX JÚNIOR, José. “Editorial”. In MELO, José Marques de. **Gêneros jornalísticos na Folha de São Paulo**. São Paulo, EDUSP, 1987.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 2004.
- BARROS, Eduardo Portanova. “Maffesoli e a investigação do sentido – Das identidades às identificações”. In Ciências Sociais Unisinos, v.44, n. 3, p. 181 – 185, set/dez 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.
- Blog Martha Medeiros**. Disponível em <www.clicrbs.com.br/marthamedeiros>. Acesso em: 11 jun. 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.
- BULHÕES, Marcelo. “João do Rio e os gêneros jornalísticos no início do século XX”. In Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, n.32, p. 78-84, 2007.
- CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”. In CANDIDO, Antonio (org.). **A crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1992.
- CARDOSO, Sebastião Marques. “Escandalosamente paulista: um diálogo entre literatura e técnica (história) a partir de João do Rio”. In Analecta - Revista do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Guarapuava, v.7, n.1, p. 85-100, 2006.
- CARPENTIER, Alejo. **Literatura e Consciência – Política na América Latina**. São Paulo, Global, 1969.
- CHAVES, Jésura Lopes. “Compreensão leitora e estrutura argumentativa no gênero crônica”. In: Letrônica, v. 2, n. 1, p. 91 - 104, julho 2009.
- COELHO, Marco Flávio Simões. “Comentário”. In MELO, José Marques de. **Gêneros jornalísticos na Folha de São Paulo**. São Paulo, EDUSP, 1987.
- COULTHARD, George Robert. “A pluralidade cultural”. In MORENO, César Fernández. **América Latina em sua literatura**. São Paulo, Perspectiva, 1979.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. São Paulo, Global, 1999, v.6.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

FREIRE FILHO, João. "A sociedade do espetáculo revisitada". In Revista FAMECOS. Porto Alegre, nº 22, pp. 33-45, dezembro de 2003.

GUARACIABA, Andréa. "Crônica". In MELO, José Marques de. **Gêneros jornalísticos na Folha de São Paulo**. São Paulo, EDUSP, 1987.

GUINSBURG, J. **O romantismo**. São Paulo, Perspectiva, 1993.

GOMES, Pedro Gilberto. "Artigo". In MELO, José Marques de. **Gêneros jornalísticos na Folha de São Paulo**. São Paulo, EDUSP, 1987.

GONZAGA, Sergius. **Manual de literatura brasileira**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

HALL, Stuart. "The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time". In THOMPSON, Kenneth (ed.). **Media and cultural regulation**. London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University; SAGE Publications, 1997. (Cap. 5)

JOHNSON, Richard. **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

KONDER, Leandro. **Os sofrimentos do "homem burguês"**. São Paulo, SENAC, 2000.

MAFFESOLI, Michel. "A barbárie em face do humano". In Revista Z Cultural. Rio de Janeiro, v 02, Ano V, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção: Ensaio sobre comunicação, corpo e socialidade**. Porto Alegre, Sulina, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1998.

MARTÍNEZ, José Luis. "A pluralidade cultural". In MORENO, César Fernández. **América Latina em sua literatura**. São Paulo, Perspectiva, 1979.

MEDEIROS, Martha. **Feliz por nada**. Porto Alegre, L&PM, 2011.

MEDEIROS, Martha. **Fora de mim**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2010.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo**. Petrópolis, Vozes, 1994.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis, Vozes, 1985.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo – Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos de Jordão, Mantiqueira, 2002.

MORIN, Edgar. **O método 5: A humanidade da humanidade – A identidade humana**. Porto Alegre, Sulina, 2005.

ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. Rio de Janeiro, Livro Ibero-americano, 1958.

OVIEDO, José Miguel. "Uma discussão permanente". In MORENO, César Fernández. **América Latina em sua literatura**. São Paulo, Perspectiva, 1979.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. Biblioteca Central Ir. José Otão. **Modelo para apresentação de trabalhos acadêmicos, teses e dissertações elaborado pela Biblioteca Central Irmão José Otão**. 2011. Disponível em: <www.pucrs.br/biblioteca/trabalhosacademicos>. Acesso em: 19 jul. 2012.

Press kit filme O Divã. Disponível em <<http://globofilmes.globo.com/GloboFilmes/Imprensa/download/0,,4695-1,00.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2011.

RETAMAR, Roberto Fernández. "Intercomunicação e nova literatura". In MORENO, César Fernández. **América Latina em sua literatura**. São Paulo, Perspectiva, 1979.

ROSÁRIO, Nísia Martins do. "A via da complementariedade: reflexões sobre a análise de sentidos e seus percursos metodológicos". **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre, Sulina, 2006.

Site Divã – O Filme. Disponível em <www.divaofilme.com.br>. Acesso em: 11 jun. 2011.

Site Donna. Disponível em <<http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/donna/capa,136,100,0,1309,Capa.html>>. Acesso em: 11 jun. 2011.

Site L&PM. Disponível em <<http://www.lpm-editores.com.br/site/default.asp>>. Acesso em: 11 jun. 2011.

Site Série Divã. Disponível em <www.globo.com/diva>. Acesso em: 11 jun. 2011.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da burguesia brasileira**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.

STEFANELLI, Ricardo. **Sobre as crônicas de Martha Medeiros**. [11 ago. 2011]. Entrevistadora: Letícia Carlan. Porto Alegre.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, Vozes, 1995.

TOURAINE, Alain. **Crítica da modernidade**. Petrópolis, Vozes, 1995.

VELOSO, Mariza. "José Martí – Modernidade e Utopia". In Revista Sociedade e Estado. Brasília, V 26, nº 2, Maio/Agosto de 2011.

ANEXO A – Crônica “Tempos de amnésia obrigatória”



Martha Medeiros

Acompanhe a colunista
www.donna.zerohora.com.br/marthamedeiros
marthamedeiros@terra.com.br

Com diferença de poucos dias, uma amiga do Rio e um leitor aqui do Sul me enviaram vídeos protagonizados pelo escritor uruguaio Eduardo Galeano. Em um, ele dá uma entrevista e, no outro, lê os próprios textos. Ambos os programas estão acessíveis pelo YouTube. Respeito as coincidências: como é que eu ainda não havia me dedicado a esse grande pensador humanista?

Num dos vídeos, Galeano aparece lendo seu texto “El Derecho al Delirio”, onde descreve como seria um mundo ideal, e aproveita para homenagear aqueles que insistem em não esquecer a própria história (a exemplo das mães da Plaza de Mayo) nesses tempos de amnésia obrigatória.

Tempos de amnésia obrigatória

A partir daí não ouvi mais nada, pois considerei marcante essa expressão: tempos de amnésia obrigatória. O assunto mereceria um tratado. Amnésia. É o que explica tanta neurose e tanta infelicidade. A gente procura esquecer para poder ir adiante, mas que espécie de caminho trilhamos quando não enfrentamos a verdade?

Esquecer é uma estratégia de sobrevivência. Somos todos uns esquecidos crônicos. Pra começar, esquecemos de alguns descuidos que sofremos na infância, pois nos educaram para considerar pai e mãe infalíveis. Dessa forma, nossas dores internas acabam ganhando o apelido de fricotes, só que esses fricotes viram traumas, e esses traumas minam nossa confiança na vida e sustentam os consultórios psiquiátricos, já que esquecer é uma forma de impedir a compreensão absoluta de nós mesmos e alguém precisa nos ajudar a lembrar para nos libertarmos.

Esquecemos os desafios que tivemos que engolir durante um casamento ou namoro, tudo porque nos ensinaram que o amor deve ser forte o suficiente para aguentar

os revezes da convivência, e também por medo da solidão, que tem péssimo cartaz. Então, para nos enquadrarmos e nos sentirmos amados e estoicos, esquecemos as mentiras, as traições, os maus tratos, as indiferenças e mantemos algo que ainda parece uma relação, mas que deixou de ser no momento em que enfiamos a cabeça dentro do buraco.

Esquecemos em quem votamos, céticos de que em política nada muda, e em vez de investirmos nossa energia em manifestações de repúdio à corrupção, deixamos pra lá e seguimos em frente conformados com a roubalheira, desmemoriados sobre nossos direitos.

E esquecemos, principalmente, de quem somos. Dos nossos ideais, das nossas vontades, dos nossos sonhos, das nossas crenças, tudo em prol de uma adaptação ao meio, de uma preguiça em desfazer o combinado e buscar uma saída alternativa, de uma covardia que gruda na alma e congela os movimentos. Esquecer de nós mesmos é assinar um contrato com a resignação.

Obrigada, Galeano, por nos fazer lembrar: a amnésia é uma opção, não é obrigatória.

A gente procura esquecer para poder ir adiante, mas que espécie de caminho trilhamos quando não enfrentamos a verdade?



ANEXO B – Crônica “Onde você estava quando...?”



Martha Medeiros

Acompanhe a colunista
www.donna.zerohora.com.br/marthamedeiros
marthamedeiros@terra.com.br

Em 31 de outubro de 1996, eu trabalhava no *Jornal do Almoço*. Havia recém chegado ao estúdio quando soube que um Fokker havia caído segundos depois de decolar de Congonhas. Toda a pauta foi reformulada. A edição daquele dia virou um plantão, só se falou sobre o desastre. Quando saiu a lista de passageiros, descobri o nome de um amigo, mas não me apavorei, confiante na quantidade de homônimos que há no Brasil. Dei um telefonema e descobri que não era ele.

Em 29 de setembro de 2006, eu estava chegando a uma festa quando

soube que um jato da Gol havia sido atingido por outra aeronave em pleno ar e caído em Goiás. Senti um mal-estar, mas segui com os planos de me divertir.

Em 17 de julho de 2007, eu estava assistindo ao *Jornal Nacional* quando deram a notícia do voo da TAM que, ao

aterriçar, atravessou a pista e colidiu contra um prédio numa avenida ao lado do aeroporto. Gelei quando soube que o voo partira de Porto Alegre. Haveria alguém conhecido a bordo? Liguei para alguns amigos que viajavam com frequência para São Paulo e recebi chama-



Recordar onde estávamos é entender que fazemos parte até do que não nos acontece diretamente

Onde você estava quando...?

das também: formou-se uma corrente de afeto e solidariedade.

Os três acidentes aéreos citados acima foram dissecados no livro *Perda Total*, de Ivan Sant'Ana, que já havia escrito o ótimo *Caixa Preta*. É uma leitura emocionalmente difícil, mas que relata algo que faz parte da rotina de um número crescente de pessoas – voar. Cada vez que entramos num avião, estamos 100% entregues ao destino, o que não acontece num carro, onde podemos manobrar, frear, saltar, enfim, interferir de alguma forma. Dentro de um avião, só nos resta a inércia. Talvez por isso as vítimas de acidentes aéreos nos comovam tanto.

Mas nada se compara à tragédia de 11 de setembro de 2001. Um assassinato premeditado e transmitido ao vivo através de imagens que até hoje parecem efeitos de computador. Onde você estava naquele dia? Eu estava escrevendo em casa quando minha funcionária chegou para trabalhar e sugeriu que eu ligasse a

tevé. “Está acontecendo alguma coisa nos Estados Unidos.” Liguei a tempo de ver os prédios do WTC virem abaixo. Era uma terça-feira, e eu já havia mandado para Zero Hora o texto da minha coluna de quarta, que tratava de um assunto idiota. No dia seguinte, qualquer assunto que não fosse o atentado seria idiota. Telefonei para o editor e pedi que ignorasse, em poucos minutos enviaria outro, mesmo que eu não tivesse a menor ideia sobre o que escrever. Com um notebook no colo e o olhar grudado na tevê, só me ocorreu refletir sobre nossa vulnerabilidade.

É praxe perguntar: onde você estava quando mataram Kennedy? Onde você estava quando mataram Lennon? Recordar onde estávamos é entender que fazemos parte até do que não nos acontece diretamente. Onde estávamos? Estávamos vivendo o cotidiano de um dia que havia começado comum, como começam todos os dias, até que fomos atingidos – também.

ANEXO C – Crônica “A farra dos sentidos”



**Martha
Medeiros**

Acompanhe a colunista
[www.donna.zerohora.com.br/
 marthamedeiros](http://www.donna.zerohora.com.br/marthamedeiros)
marthamedeiros@terra.com.br



A farra dos sentidos

Porto Alegre está sediando dois eventos culturais, a Bienal do Mercosul e o Em Cena, e não demora começa a Feira do Livro. É um convite irrecusável para mergulhar num universo que tem sido tão pouco prestigiado: o dos sentidos.

Em tempos de deslumbre com a tecnologia, de consumismo descontrolado e da cultura do descartável, vale lembrar que o que nos dá conteúdo, de fato, é a valorização dos sentidos. Estar bem informado e bem sintonizado com as tendências do nosso tempo é importante, mas há diferença entre o que é importante e o que é vital. Vital é o sentir, mais do que o pensar. É o que, em meio ao trânsito, às discussões, às filas, à pressa e às intermináveis reuni-

ões de trabalho, nos faz transcender e nos instala num patamar mais sublime, inalcançável para quem se dedica apenas à vidinha besta diária.

Comer, dormir e transar são prazeres necessários, que se tornam ainda mais prazerosos quando estamos viajando e podemos nos dedicar a eles com mais calma e desfrute. Viajar oferece novidade aos olhos, sabores inéditos ao nosso paladar, uma percepção mais elástica do tempo. Recondiciona nosso papel: passamos a ser estrangeiros para nós mesmos. É um instante rico em descobertas. Mas não se pode viajar toda hora, então o jeito é trazer a beleza do mundo para dentro da nossa rotina. É preciso despertar, diariamente, aqueles outros sentidos aparentemente desnecessários.

Há quem não re-

A vida
precisa
de uns
**respingos
de laranja,
vermelho
e verde**
para
provocar
estímulo,
senão
caímos
em sono
profundo

verencie as cores, as flores, estampas, misturas, audácias. O nude é elegante na moda, mas a vida nua e crua precisa de uns respingos de laranja, vermelho e verde para provocar estímulo, senão caímos em sono profundo, e sono profundo é a morte. Estou falando do tom com que colorimos a nossa história. Lamento por quem vive em sépia, deixando-se desbotar.

Beleza, aromas, sensações, ritmos, sabores, arte. Alimentos pra alma. Quem faz dieta de teatro, música, cinema, literatura, dança e artes plásticas morre magro, define. E dinheiro pra isso? O Em Cena traz ingressos populares, na Bienal a entrada é franca, na Feira do Livro há os descontos e os sebos: ainda assim, nem todos podem. Então, quem pode, deve. Pelo privilégio que tem. É

desfeita recusar-se à grandeza de abstrato, do onírico, da poesia e do encantamento. Desfeita e burrice.

Qual o sentido da vida? Que graça tem armazenar um milhão de “amigos” numa rede virtual, se envaidecer da própria conta bancária, buscar beleza em centros cirúrgicos, investir apenas no que é útil e rentável – ou então no supérfluo que dá status? Qual o sentido de acordar de manhã sem paz de espírito, caminhar por uma casa que não sorri de volta, passar o dia em frente ao computador sem olhar uma única vez pro céu? Qual o sentido de correr tantos riscos (violência, desamor, frustração, doenças) se não se tem uma vida interior protegida da miséria existencial?

O sentido está nos sentidos. Nada mais óbvio, nem mais bonito.

ANEXO D – Crônica “O medo de errar”



Martha Medeiros

Acompanhe a colunista
www.donna.zerohora.com.br/marthamedeiros
marthamedeiros@terra.com.br



Não somos apenas a soma das nossas escolhas, mas também das nossas renúncias

“A gente é a soma das nossas decisões.”

É uma frase da qual sempre gostei, mas lembrei dela outro dia num local inusitado: dentro do súper. Comprar maionese, band-aid e iogurte, por exemplo, hoje requer expertise. Tem maionese tradicional, light, premium, com leite, com ômega 3, com limão, com ovos “free range”. Band-aid, há de todos os formatos e tamanhos, nas versões transparente, extra-transparente, colorido, temático, flexível. Absorvente com aba e sem aba, com perfume e sem perfume, cobertura seca ou suave. Creme dental contra o amarelamento, contra o tártaro, contra o mau hálito, contra a cárie, contra as bactérias. É o melhor dos mundos: aumentou a diversificação. E com ela, o medo de errar.

Assim como antes era mais fácil fazer compras, também era mais fácil viver. Para ser feliz, bastava estudar (magistério para as moças), fazer uma faculdade (Medicina, Engenharia ou Direito para os rapazes), casar

(com o sexo oposto), ter filhos (no mínimo dois) e manter a família estruturada até o fim do dias. Era a maionese tradicional.

Hoje, existem várias “marcas” de felicidade. Casar, não casar, juntar, ficar, separar. Homem com mulher, homem com homem, mulher com mulher. Ter filhos biológicos, adotar, inseminação artificial, barriga de aluguel – ou simplesmente não tê-los. Fazer intercâmbio, abrir o próprio negócio, tentar um concurso público, entrar para a faculdade. Mas estudar o quê? Só de cursos técnicos, profissionalizantes e universitários, há centenas. Computação Gráfica ou Informática Biomédica? Editoração ou Ciências Moleculares? Moda, Geofísica ou Engenharia de Petróleo?

A vida padronizada podia ser menos estimulante, mas oferecia mais segurança, era fácil “acertar” e se sentir um adulto. Já a expansão de ofertas tornou tudo mais empolgante, só que incentivou a infantilização: sem saber ao certo o que é melhor para si, surgiu o medo

de crescer.

Todos parecem ter 10 anos menos. Quem tem 17, age como se tivesse 7. Quem tem 28, parece ter 18. Quem tem 39, vive como se fossem 29. Quem tem 40, 50, 60, mesma coisa. Por um lado, é ótimo ter um espírito jovial e a aparência idem, mas até quando se pode adiar a maturidade?

Só nos tornamos verdadeiramente adultos quando perdemos o medo de errar. Não somos apenas a soma das nossas escolhas, mas também das nossas renúncias. Crescer é tomar decisões e, depois, conviver pacificamente com a dúvida. Adolescentes prorrogam suas escolhas porque querem ter certeza absoluta – errar lhes parece a morte. Adultos sabem que nunca terão certeza absoluta de nada, e sabem também que só a morte física é definitiva. Já “morreram” diante de fracassos e frustrações, e voltaram pra vida. Ao entender que é normal morrer várias vezes numa única existência, perdemos o medo – e finalmente crescemos.

ANEXO E – Crônica “Carla Bruni e o rock’n’roll”



Martha Medeiros

Acompanhe a colunista
www.donna.zerohora.com.br/marthamedeiros
marthamedeiros@terra.com.br

Carla Bruni, ex-top model, cantora, compositora e atual primeira dama da França, declarou em entrevista, dia desses, que seu casamento com o presidente Nicolas Sarkozy foi muito rock’n’roll, usando uma expressão pouco usual para definir um relacionamento. Geralmente, as relações amorosas estão mais para tango argentino.

A comparação com o rock veio do fato de ela, que sempre teve uma vida agitada, independente e fora dos padrões, ter se atrevido a um envolvimento fomal com um chefe de Estado, cuja convivência exige o cumprimento de protocolos bem convencionais. E a recíproca é verdadeira, pois não são muitos os mandatários de uma nação que se divorciam e depois se casam com uma artista que já é mãe e que tem no currículo namorados como Eric Clapton e

Carla Bruni e o rock’n’roll

A rebeldia do rock nada mais tem a ver com cortes de cabelo, modos de vestir ou hábitos ilícitos, e sim com a **liberdade de fazer o que se quer** a despeito do que os outros vão pensar



Mick Jagger. Às favas com o bom-mocismo, o casal bancou o arranjo inusitado e parece levar muito bem sua relação.

O conceito “rock’n’roll”, ao menos da forma como foi utilizado por Carla Bruni, nada tem a ver com noitadas, bebedeiras e drogas. Diz ela que sua rotina com o marido é bastante tranquila e discreta, e o que a fez se apaixonar por Sarkozy foi a descoberta de que ele, um dos homens mais poderosos do mundo, era um dedicado amante da jardinagem. Como se explica esse bolero em lugar do heavy metal?

Por muito tempo, o rock sobreviveu de sua má fama. O músico Frank Zappa certa vez disse que um repórter de rock é um jornalista que não sabe escrever, entrevistando gente que não sabe falar, para pessoas que não sabem ler. Ajudou a colocar uma laje sobre qualquer sofisticação que o rock viesse a almejar – ainda bem que o rock nunca teve essa pretensão, mas teve outras e parece que as realizou.

O rock’n’roll deixou de ser apenas um gênero de música. Dizer que ele simboliza atitude virou um clichê intragável, mas

foi o que Carla Bruni tentou exprimir com sua declaração, só que sob um enfoque ampliado. A rebeldia do rock nada mais tem a ver com cortes de cabelo, modos de vestir ou hábitos ilícitos, e sim com o que lhe amparou os primeiros passos, lá atrás, nos tempos de Chuck Berry e Elvis Presley: a liberdade de fazer o que se quer, a despeito do que os outros vão pensar. Criar música não só para a alma, mas para o corpo. Provocar reações físicas, despertar os ânimos, desafiar o silêncio. Acordar.

Não é preciso guitarras para fazer barulho. As pessoas mais roqueiras que conheço são apreciadoras de jazz, bossa nova e música clássica. Um casamento rock’n’roll nada mais é do que um compromisso entre um homem e uma mulher com facilidade em aceitar mudanças, coragem para sair das zonas de conforto, capacidade de surpreender e autoconfiança para ser quem verdadeiramente são, estejam no palco em que estiverem. É por isso que o rock, até então um substantivo que designava um estilo musical, expandiu-se. Analisado como postura de vida, foi promovido a adjetivo.

ANEXO F – Crônica “Medianeras”



Martha Medeiros

Acompanhe a colunista
www.donna.zerohora.com.br/marthamedeiros
 marthamedeiros@terra.com.br

Medianeras

Medianeras é o nome do novo filme argentino que está em cartaz no Brasil. Corri pra ver e descobri o significado do título: medianera, em espanhol, é aquela parte do edifício que não tem janela. É a lateral de concreto sem serventia pro morador, que o deixa sem comunicação com a cidade e que só é utilizada para a colocação de anúncios publicitários. Pois esse paredão é o símbolo do filme, que conta a história de Mariana, uma garota que vive sozinha num pequeno apartamento de Buenos Aires, e de Martín, que vive sozinho em outro pequeno apartamento na mesma rua. São vizinhos de prédio, mas nunca se viram.

Nunca
 foi tão
 cômodo
 ser
 solitário,
 e o ermitão
 deixou de
 ameaçar:
 agora, ele é
 cool

O que seria impensável num pequeno vilarejo – dois vizinhos que não se conhecem –, nas grandes cidade se tornou banal. O diretor Gustavo Taretto acredita na influência das metrópoles na vida de seus habitantes e criou uma fábula cinematográfica sobre a ambiguidade dos tempos de hoje: o que nos une é, ao mesmo tempo, o que nos separa. Estamos todos conectados, mas pouco nos comunicamos. A fatura de redes sociais e a superpopulação urbana dão a impressão de que convivemos com nossos pares, mas o que a tecnologia e a arquitetura fazem, cada uma a seu modo, é oferecer um certo conforto para a nossa clausura. Nunca foi tão cômodo ser solitário. Tudo conspira para que tenhamos uma boa vida em nossa própria companhia: o computador, os celulares e a variedade de serviços de tele-entrega, que trazem à porta comida, DVDs, revistas, medicamentos, livros e até sexo. Sair de casa pra quê? Antigamente, o ermitão era uma anomalia da sociedade, desconfiava-se dele: qual será sua tara? Hoje, pesquisas apontam para uma quantidade cada vez maior de pessoas moran-



do sozinhas. O isolamento virou tendência. E o ermitão deixou de ameaçar: agora, ele é cool. Para fugir da resignação – a solidão pode ser prazerosa, mas é uma resignação –, é preciso atravessar paredes. Mariana e Martín são dois jovens beirando os 30 anos que estão se desacostumando a se relacionar com gente de carne e osso. Têm dificuldade de conversar em primeiros encontros e só se sentem eles mesmos no refúgio de seus cafófos. É uma vida escura. É um filme escuro. Que só começa a se iluminar quando, cansados da claustrofobia física e também emocional, resolvem abrir uma janela

na medianera. Um buraco clandestino naquele paredão inútil, para que permitam a entrada de um pouco de luz e possam enxergar o que acontece lá fora. É comum os solitários justificarem sua solteirice dizendo: os homens são todos iguais, as mulheres são todas malucas, não há ninguém interessante. De fato, encontrar alguém que seja o nosso número é mesmo uma espécie de “Onde está Wally?”. Mas com um pouco de romantismo, muita sorte e fazendo a sua parte – quebrando a parede e inventando uma janela –, o happy end pode ser avistado lá embaixo, caminhando pela calçada.



ANEXO G – Crônica “Artistas anônimos”



Martha Medeiros

marthamedeiros@terra.com.br

Ter um espaço para escrever em jornal e uma editora para publicar meus livros é uma sorte, e não apenas consequência do talento. Cada vez que leio um texto num blog, que vejo uma pintura de alguém que expõe na rua ou ouço um cara tocando num boteco sombrio, sei que é quase certo que eles não encontrarão mercado para expandir seu público, não terão a chance de viver do seu dom. E, inevitavelmente, penso na loteria que é essa tal de vida artística.

Assisti dias atrás ao filme *Riscado*, de Gustavo Pizzi, que já recebeu alguns prêmios em festivais. É a história de uma atriz, interpretada pela ótima Karine Teles, que sobrevive de bicos na noite de uma metrópole. Ora ela interpreta Marilyn Monroe cantando *Happy Birthday* para octogênários, ora ela se fantasia para distribuir panfletos em bares, ora canta na calçada para atrair fregueses para um salão de beleza, ora faz telegramas ao vivo. Tudo muito digno – e deprimente. Ela é uma atriz. Uma boa atriz. Mas como saberão que ela é uma boa atriz? No filme, ela integra o elenco de uma peça precária, a que só os amigos foram assistir. O seu palco, mesmo, é na festinha dos outros, onde ela faz uma breve aparição e depois some sem que ninguém mais lembre dela. Terminado o “expediente”, ela acende um cigarro e vai para a fila do ônibus, enquanto aguarda o telefone tocar com alguma proposta mais animadora, que a tire desse

Artistas anônimos

Uma carreira sólida (não os 15 minutos de fama) se constrói também com um fator aleatório que faz toda a diferença: sorte



mundo da figuração. Até o dia em que surge a oportunidade de trabalhar numa produção internacional, com papel fixo e importante. Mas será que existe mesmo conto de fadas?

Há os que poderiam bailar lindamente, se pudessem frequentar uma escola. Os que poderiam cantar, pintar, ser atletas, estilistas ou músicos, não tivessem que se dedicar a um “trabalho normal” para ajudar nas despesas da casa. E há os que, mesmo frequentando periféricamente o mundo em que sonham entrar, como a personagem do filme, mantêm-se à margem até o fim dos dias, sem um minuto de protagonismo, sem jamais ver seu nome nos créditos.

O que é que define a trajetória de um artista? Levando-se em conta que ele entende mesmo do riscado (daí o título do filme) e que é um sujeito responsável e de caráter, o que mais precisaria

acontecer? É uma pergunta que milhares de candidatos ao reconhecimento se fazem, mas não há uma resposta exata. Uma bailarina do Faustão será chamada um dia para o elenco de um musical? E estando nesse musical, evoluirá depois? A primeira vez que vi Claudia Raia, ela tinha 16 anos e dançava na montagem brasileira de *A Chorus Line*. Acabou virando uma grande estrela. Pelo talento, óbvio, e por conspirações cósmicas que ninguém explica. Uma carreira sólida (não os 15 minutos de fama) se constrói com carisma, perseverança, presença de espírito, facilidade de se relacionar, inteligência, dedicação, disponibilidade, bagagem cultural e com um fator aleatório que faz toda a diferença, mencionado lá no início do texto: sorte. A sorte de alguém colocar o olho em você e apostar. Loteria.

ANEXO H – Crônica “Nadir, Euripedes e Yuri”



Martha Medeiros

marthamedeiros@terra.com.br

Nadir, Euripedes e Yuri

Quando acontece de eu receber um e-mail sem ter certeza se quem assina é homem ou mulher, geralmente descubro uma pista dentro da mensagem mesmo. Ou a pessoa diz “sou sua fã” ou termina enviando “um abraço do...”. O Nadir poderia ter feito isso, assinado “Um abraço do Nadir”,

e eu não teria passado a vergonha de ter mandado uma resposta iniciando com “Querida Nadir”.

O Nadir, meu leitor, ficou bravo comigo. Disse que eu deveria saber que Nadir é um nome árabe masculino. Desculpe, Nadir. Mas é que há muitas Nadir também. Anos atrás, quando a Luiza Brunet pensou em se dedicar à carreira de atriz, ela fez

O Nadir poderia ter feito isso, assinado “Um abraço do Nadir”, e eu não teria passado a vergonha de ter mandado uma resposta iniciando com “Querida Nadir”

um personagem de novela que se chamava Nadir. Tem coisa mais inquestionavelmente mulher do que a Luiza Brunet?

As Nadir e os Nadir talvez passem por esse tipo de engano com alguma frequência quando o contato não é visual. Por telefone, onde não raro confundimos voz de mulher e de homem, deve ser uma bola fora atrás da outra. Na hora de preencher cadastro, também. Como assim, Nadir, 1m89cm, 97 quilos, treinador de jiu-jitsu e casado com a Leila? Mas quem garante que uma Nadir não possa ser alta, forte e casada com uma moça? Ah, os tempos modernos. De qualquer forma, os pais, ao registrarem seus filhos, podiam ser mais facilitadores.

Euripedes concorda. A dona Euripedes. Ela conta que seus três filhos já ouviram muita piada por terem como pais Roberto e Euripedes. E a Donizete fica furiosa quando não reconhecem seu nome como sendo de mulher. Diz que a família das “etes” não deixa dúvida: Elizabete, Claudete, Bernadete, Janete. Pelo visto ela nunca ouviu falar daquele jogador que chegou à Seleção e foi campeão brasileiro pelo Botafogo.

A Yuri, que é cabeleireira, também não gosta

de dar explicação, mas se conformou. Sabe que existiu um Yuri Gagarin que foi mais famoso do que ela. As Yuri passaram a ser confundidas com os rapazes.

Nomes estrangeiros, uma sinuca. Kim Novak, Kim Basinger, Kim Kardashian: várias gerações de Kim glamurosas, e aí surge o belo Kim Ricelli, filho da Bruna Lombardi, pra mostrar que é tão Kim quanto. Se for nome francês, então. Pergunte a um Renê ou a uma Etienne. Ou a uma Renê e um Etienne.

Sasha, todos sabem, é filha da Xuxa, e não filho, mesmo com um nome russo masculino. E admito, envergonhada, que a primeira vez que ouvi falar de George Sand, nome expressivo da literatura francesa do século 19, nem me passou pela cabeça que pudesse ser mulher. Chamava-se na verdade Amandine-Aurore, mas passou a assinar seus livros como George Sand e assim ficou eternizada. Diferentemente do Nelson Rodrigues, que publicou alguns folhetins como Suzana Flag, mas que nunca chegou a ser tratado por “senhorita”.

Do que se condui que assinar e-mail com Abraço, Nadir é provocação. Do Nadir, da Nadir. E assim seremos todos felizes.



ANEXO I – Crônica “Mamografia”



Martha Medeiros

marthamedeiros@terra.com.br

Fiz minha primeira mamografia aos 39 anos. Cheguei na clínica sem saber direito do que se tratava. Achei que o exame era parente das tomografias computadorizadas e que eu ficaria à disposição dos médicos por muitas horas. Coragem.

Foi quase uma decepção. O exame leva poucos minutos. A funcionária da clínica tira duas radiografias do seio esquerdo e depois duas do seio direito. Mais uns minutos aguardando para avaliarem se o procedimento foi bem realizado ou se será preciso repetir, e, não precisando, pode colocar sua roupa e adeusinho, passe bem.

Só isso?

É rápido e indolor, mas não é só isso. É tudo isso. Tudo o que uma mamografia signi-

fica: a diferença entre a vida e a morte, por mais dramática que essa frase possa soar. Em pouco tempo, o resultado estará em suas mãos e, com sorte, você não terá nada, saúde perfeita. Eu fiz umas quantas mamografias depois da primeira, e o resultado foi sempre positivo.

Com menos sorte, mas com sorte ainda, você talvez descubra um pequeníssimo nódulo, e o fato de tê-lo descoberto tão cedo dará a você a chance de extraí-lo sem maiores traumas e tocar sua vida normalmente.

Mulheres que têm condições de marcar hora numa clínica particular não o fazem por preguiça, pois informação temos tido bastante, inclusive estamos encerrando o Outubro Rosa, uma iniciativa da Federação Brasileira de Instituições Filantrópicas de Apoio a Saúde da Mama (Femama), que visa conscientizar as mulheres da importância de se prevenir contra um dos cânceres que mais mata no Brasil, em especial no Rio Grande do Sul.

Mas, infelizmente, a maioria das mulheres não pode ir a uma clínica, tendo que recorrer ao SUS. Por isso, reivindicamos aos órgãos públicos maior sensi-

bilização quanto à necessidade de se adquirir novos equipamentos e consertar aqueles que estão estragados, a fim de que a mamografia seja um exame tão corriqueiro quanto tirar sangue num laboratório. Mamografia não é luxo. É um direito.

São esses os passos para diminuirmos os índices alarmantes de mulheres que morrem de um câncer que poderia tranquilamente ser curado. Primeiro: que todos os hospitais e postos de saúde tenham o equipamento funcionando para que possam atender dezenas de pacientes todos os dias, já que é um exame que não toma muito tempo. Segundo: que as próprias mulheres se interessem mais pelo assunto e não entreguem seu destino nas mãos de Deus. Há diversas razões que levam ao óbito, e a pior delas é a morte por ignorância.

Outubro Rosa é só o nome de uma campanha, mas pode se estender para novembro, dezembro, janeiro. E você nem precisa gostar de cor-de-rosa. Mais importante do que ser identificada como uma mulher feminina é ser identificada como uma mulher inteligente. Faça já.

Mamografia

Tudo o que uma mamografia significa: **a diferença entre a vida e a morte**, por mais dramática que essa frase possa soar



Sábado, dia 5, estarei na Feira do Livro de Porto Alegre, autografando Feliz por Nada, às 16h30min. Apareça.

ANEXO J – Crônica “O dono do livro”



Martha Medeiros

marthamedeiros@terra.com.br

O dono do livro



Li outro dia um fato real narrado pelo escritor moçambicano

Mia Couto. Ele disse que certa vez chegou em casa no fim do dia, já havia anoitecido, quando um garoto humilde de 16 anos o esperava sentado no muro. O garoto estava com um dos braços para trás, o que perturbou o escritor, que imaginou que pudesse ser assaltado. Mas logo o menino mostrou o que tinha em mãos: um livro do próprio Mia Couto. “Esse livro é seu?” perguntou o menino. “Sim”, respondeu o escritor. “Vim devolver”. O garoto explicou que horas antes estava na rua quando viu uma moça com aquele livro nas mãos, cuja capa trazia a foto do autor. O garoto reconheceu Mia Couto pelas fotos que já havia visto em jornais. Então

perguntou para a moça: “Esse livro é do Mia Couto?”. Ela respondeu: “É”. E o garoto mais que ligeiro tirou o livro das mãos dela e correu para a casa do escritor para fazer a boa ação de devolver a obra ao verdadeiro dono.

Uma história assim pode acontecer em qualquer país habitado por pessoas que ainda não estejam familiarizadas com os livros – aqui no Brasil, inclusive. De quem é o livro? A resposta não é a mesma de quando se pergunta: “Quem escreveu o livro?”. O autor é quem escreve, mas o livro é de quem

lê, e isso de uma forma muito mais abrangente do que o conceito de propriedade privada – comprei, é meu. O livro é de quem lê mesmo quando foi retirado de uma biblioteca, mesmo que seja emprestado, mesmo que tenha sido encontrado num banco de praça. O livro é de quem tem acesso às suas páginas e através delas consegue imaginar os personagens, os cenários, a voz e o jeito com que se movimentam. São do leitor as sensações provocadas, a tristeza, a euforia, o medo, o espanto, tudo o que é transmitido pelo autor, mas que re-

O autor é quem escreve, mas o livro é de quem lê

flete em quem lê de uma forma muito pessoal. É do leitor o prazer. É do leitor a identificação. É do leitor o aprendizado. É do leitor o livro.

Dias atrás gravei um comercial de rádio em prol do Instituto Estadual do Livro em que falo aos leitores exatamente isso: os meus livros são os seus livros. E são, de fato. Não existe livro sem leitor. Não existe. É um objeto fantasma que não serve pra nada.

Aquele garoto de Moçambique não vê assim. Para ele, o livro é de quem traz o nome estampado na capa, como se isso sinalizasse o direito de posse.

Não tem ideia de como se dá o processo todo, possivelmente nunca entrou numa livraria, nem sabe o que é tiragem. Mas, em seu desengano, teve a gentileza de tentar colocar as coisas em seu devido lugar, mesmo que para isso tenha roubado o livro de uma garota sem perceber. Ela era a dona do livro. E deve ter ficado estupefata. Um fã do Mia Couto afanou seu exemplar. Não levou o celular, a carteira, só quis o livro. Um danado de um amante da literatura, deve ter pensado ela. Assim são as histórias escritas também pela vida, interpretadas a seu modo por cada dono.

ANEXO L – Crônica “Adeus ao general”



Martha Medeiros

marthamedeiros@terra.com.br

Adeus ao general

Conforme comentei no texto da última quarta-feira, estive no Peru recentemente numa viagem em grupo, modalidade de turismo que adotei uma única vez, quando fui para o Marrocos, dois anos atrás. Com essa dupla experiência, acho que agora posso engolir todos os “nunca viajarei de excursão” que já pronunciei na vida. Claro que há excursões e excursões: encontrei minha tumba. E descobri algo ainda mais importante: nada como tirar férias do nosso generalato.

Costumo estar no controle de tudo, é meu jeito. Não tenho agente, assessora, assistente, motorista,

nenhum staff que faça as coisas por mim. Sou minha própria secretária executiva, gasto 80% do dia gerenciando minha vida profissional, pessoal e a da minha família. Nos 20% que sobram, quando sobram, escrevo um pouquinho.

Logo, quando viajo, sou aquela que reserva hotéis pela internet, planeja os voos, agenda serviços de traslado, pesquisa restaurantes, se informa sobre a programação cultural da cidade, lê matérias de revistas, compra um guia se for um destino desconhecido, enfim, não saio de casa desprevenida – o tempo geralmente é curto, e não convém dar espaço para roubadas.

Então surgiu essa oportunidade de ir ao Peru numa viagem de sonhos onde tudo estava previamente organizado. Não precisei resolver nada. Decidir nada. Escolher nada. Preocupação zero. Tudo o que me coube foi preparar uma mala enxuta e levar alguns trocados para o caso de querer comprar algum pano colorido, um pratinho de cerâmica ou uma garrafa de pisco. O resto estava tudo acertado. E tudo era tudo mesmo.

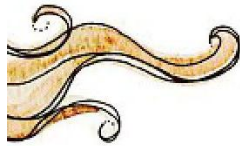
Na chegada aos aeroportos, uma van esperando. Hotéis incríveis com o check-in já feito. Restaurantes escolhidos a dedo, os mais charmosos, e que cardápio. Passeios com entrada livre, tudo foi liberado antecipadamente. Eu não olhava para o relógio. Não entrava

em filas. Não reservava mesas. Não dava telefonemas. Não esperava para ser atendida. Não conferia a conta. Não deixava gojetas. Não interpretava mapas. Não procurava os endereços dos museus. Descobri finalmente o significado da palavra mordomia. O mundo funcionando à perfeição sem minha ingerência. Tudo o que tinha que fazer era me permitir ser conduzida e curtir a paisagem. Obedeci.

Por uma semana, adeus, general. Aqui você não manda nada.

Porém, um general que se preze não abandona o posto, apenas descansa com um olho fechado e outro aberto. Cá estou, de volta ao quartel, executando as atividades em que me reconheço: decidindo, escolhendo, experimentando, duvidando, dizendo sim, dizendo não, errando e acertando por conta própria. E, com secreto prazer, me concedendo a liberdade de me perder pelas ruas desse labirinto chamado vida real.

Agora posso engolir todos os “nunca viajarei em excursão” que já pronunciei na vida



ANEXO M – Crônica “Alguém quem?”



Martha Medeiros

marthamedeiros@terra.com.br

Alguém quem?



Faz muitos anos. Eu estava assistindo a um show do Living Colour, som pesado que fazia tremer as paredes de um pequeno ginásio da cidade. Guitarras, sonzeira, mal dava para se falar com a pessoa ao lado. Foi quando resolvi dar uma espiada na tal pessoa ao lado: era uma mulher com um bebê de colo que não deveria ter mais do que quatro meses. Fiquei maluca. O que aquela criança fazia em meio a uma poluição sonora que era atordoante até para adultos? Sem falar que na época se fumava à vontade em ambientes fechados. Não resisti e, entre uma música e outra, perguntei: você acha que

Seja o motivo que for, estamos sempre esperando que Alguém se apresente para a tarefa que julgamos não ser nossa

esse é um local adequado para um bebê? Ela poderia ter me mandado longe, já que eu estava me metendo onde não devia, mas foi educada e respondeu que sabia que não, porém ela era muito fã do Living Colour e não tinha quem pudesse ficar em casa cuidando da sua filhinha. Respondi: que tal você mesma?

Ela me deu as costas e trocou de lugar.

Essa história me veio à lembrança depois que li no blog de uma leitora um caso semelhante. Ela e a mãe estavam passando de carro por uma rua, quando viram um senhor de cabelos brancos ajoelhado junto à sua bicicleta, tentando consertá-la. As duas viram a cena e ficaram com pena do homem. Comentaram: “Coitado, alguém tem que ajudá-lo”. Rodaram mais uns metros e então frearam bruscamente. “Ora, por que não nós?”

Deram meia-volta e descobriram que o senhor de cabelos brancos não era tão senhor, e sim um rapaz precocemente grisalho, e que ele estava com quase tudo já resolvido. Recusou a ajuda, agradeceu a gentileza e ofertou às duas seu melhor sorriso. O sorriso de quem sabe que pode contar com alguém, seja esse alguém quem for.

Alguém. Uma entidade a quem confiamos a solução de todos os nossos problemas. Alguém tem que dar um jeito no país. Alguém tem que mandar arrumar a máquina da lavar. Alguém tem que pensar no futuro das crianças. Alguém tem que se mexer, alguém tem que providenciar, alguém tem que ver o que está acontecendo. Mas como ele fará isso por você, sendo alguém tão ocupado?

Na hora de falar, nos anunciamos como muito capazes, mas quando a teoria necessita ser posta em prática, somos os primeiros a transferir responsabilidades. Talvez porque preservamos uma certa arrogância de senhor do engenho, que acredita que o servilismo de seus criados é que faz a roda do mundo girar. Talvez por egoísmo: para que sujar minhas mãos se outro pode fazer o mesmo? Talvez tenha a ver com pouca autoestima: canto de galo, mas no fundo não presto para nada. Seja o motivo que for, estamos sempre esperando que Alguém se apresente para a tarefa que julgamos não ser nossa. Abrimos mão do protagonismo em prol de uma coadjuvância acomodada e maléfica para a sociedade. Pois é, e agora? Alguém tem que fazer alguma coisa.



ANEXO N – Crônica “De vestido de oncinha e plumas”



Martha Medeiros

marthamedeiros@terra.com.br

De vestido de oncinha e plumas



Temos o direito de ficar ressabiados por postarem nossas fotos pré-históricas sem nos consultar?

Outro dia aconteceu algo que me deixou sem saber direito o que pensar. Um caso corriqueiro, mas novidade pra mim. Quando era publicitária, trabalhei por três meses numa agência. Estamos falando do ano de 1984 – ou seja, 27 anos atrás. Pois uma ex-colega da agência postou essa semana, no blog de uma confraria da qual faz parte, uma foto daquela época na qual apareço numa festa à fantasia. Uma homenagem que ela me fez, sem nenhuma intenção difamatória. Nem estou tão medonha na foto, apesar do cabelo estilo Dallas, do vestido de oncinha e da echarpe de plumas negras. Foi a primeira festa à fantasia a que fui. E a última.

Me garantiram que o blog

é acessado por pouquíssimas pessoas. As confrades estavam crentes de que eu iria me comover. Mas, nascida com vários defeitos de fabricação, não me comovi. Em vez disso, considerei que a titular do blog poderia ter pedido autorização para publicar uma foto minha de 27 anos atrás. Seria atencioso da parte dela. Mas devo estar variando: quem pede licença antes de postar foto dos outros?

Lembrei de uma discussão que testemunhei entre duas amigas: uma delas havia ficado chateada por a outra ter postado a foto do seu chá de panela, em que ela aparecia completamente descomposta, mas descomposta de uma maneira que só quem já foi a um chá de panela sabe que é possível.

Já a outra amiga defendia o seu direito de postar o que

quisesse, e de julgar ela mesma o que era descompostura e o que era apenas uma foto engraçada. De fato, era uma foto engraçada. Lembro que pensei: “Quá, quá, quá, que engraçado – ainda bem que não sou eu”.

Agora sou eu. E, se ainda não chegou sua vez, aguarde.

Tenho plena consciência de que, cada vez que tiro foto com um leitor numa sessão de autógrafos, aquela foto estará no Facebook em poucos segundos. Tudo bem. Meu trabalho faz com que me exponha, e sei que não há controle sobre a propagação de imagens. E, mesmo quando não é um evento profissional, tudo bem também: ao viajar com amigos ou ir a um churrasco, sei que serei fotografada junto ao grupo e logo estarei num álbum virtual, pra quem quiser espionar. Qualquer pessoa que se deixe

fotografar, hoje, sabe que é assim. Se quiser discrição, melhor evaporar na hora do clique.

Não tive essa prerrogativa em 1984. Naquela época, nem em meus sonhos mais premonitórios poderia supor que o conceito de privacidade em breve estaria condenado à morte e que o “cá entre nós” seria substituído pelo “cá entre todos”. Por isso, a dúvida: temos o direito de ficar ressabiados por postarem nossas fotos pré-históricas sem nos consultar ou dá no mesmo se a foto foi tirada 27 anos atrás ou ontem à noite? Suspeito que estou sendo precosista. Vaidosa. Tá bom: chata. Mas queria compartilhar essa indagação.

Quanto à ex-colega, sem mágoas. Assimilei. Nenhum problema de eu circular pela internet de oncinha e plumas. Ao menos estou vestida, ufa.

ANEXO O – Crônica “O que acontece no meio”



Martha Medeiros

marthamedeiros@terra.com.br

Vida é o que existe entre o nascimento e a morte.

O que acontece no meio é o que importa.

No meio, a gente descobre que sexo sem amor também vale a pena, mas é ginástica, não tem transcendência nenhuma. Que tudo o que faz você voltar pra casa de mãos abanando (sem uma emoção, um conhecimento, uma surpresa, uma paz, uma ideia) foi perda de tempo. Que a primeira metade da vida é muito boa, mas da metade pro fim pode ser ainda melhor, se a gente

O que acontece no meio

aprendeu alguma coisa com os tropeços lá do início. Que o pensamento é uma aventura sem igual. Que é preciso abrir a nossa caixa preta de vez em quando, apesar do medo do que vamos encontrar lá dentro. Que maduro é aquele que mata no peito as vertigens e os espantos.

No meio, a gente descobre que sofremos mais com as coisas que imaginamos que estejam acontecendo do que com as que acontecem de fato. Que amar é lapidação, e não destruição. Que certos riscos compensam – o difícil é saber previamente quais. Que subir na vida é algo para se fazer sem pressa. Que é preciso dar uma colher de chá para o acaso. Que tudo que é muito

rápido pode ser bem frustrante. Que Veneza, Mykonos, Bali e Patagônia são lugares excitantes, mas que incrível mesmo é se sentir feliz dentro da própria casa. Que a vontade é quase sempre mais forte que a razão. Quase? Ora, é sempre mais forte.

No meio, a gente descobre que reconhecer um problema é o primeiro passo para resolvê-lo. Que é muito nar-

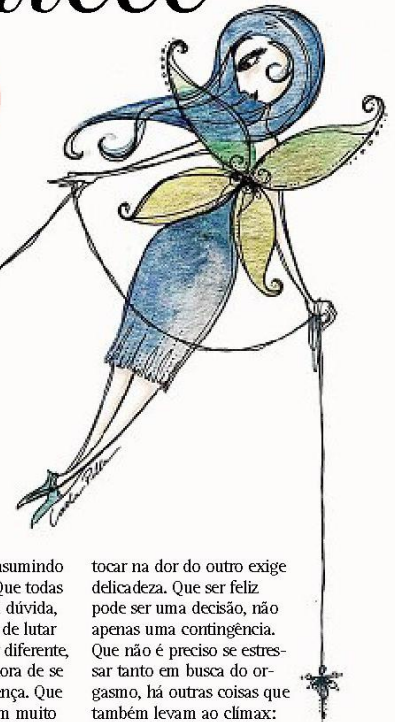
No meio, a gente descobre que **precisa guardar a senha** não apenas do banco, mas a que nos revela a nós mesmos

cista ficar se consumindo consigo próprio. Que todas as escolhas geram dúvida, todas. Que depois de lutar pelo direito de ser diferente, chega a bendita hora de se permitir a indiferença. Que adultos se divertem muito mais do que os adolescentes. Que uma perda, qualquer perda, é um aperitivo da morte – mas não é a morte, que essa só acontece no fim, e ainda estamos falando do meio.

No meio, a gente descobre que precisa guardar a senha não apenas do banco e da caixa postal, mas a senha que nos revela a nós mesmos. Que passar pela vida à toa é um desperdício imperdoável. Que as mesmas coisas que nos exibem também nos escondem (escrever, por exemplo). Que

tocar na dor do outro exige delicadeza. Que ser feliz pode ser uma decisão, não apenas uma contingência. Que não é preciso se estressar tanto em busca do orgasmo, há outras coisas que também levam ao climax: um poema, um gol, um show, um beijo.

No meio, a gente descobre que fazer a coisa certa é sempre um ato revolucionário. Que é mais produtivo agir do que reagir. Que a vida não oferece opção: ou você segue, ou você segue. Que a pior maneira de avaliar a si mesmo é se comparando com os demais. Que a verdadeira paz é aquela que nasce da verdade. E que harmonizar o que pensamos, sentimos e fazemos é um desafio que leva uma vida toda, esse meio todo.



ANEXO P – Crônica “Sem querer interromper, mas já interrompendo”



Martha Medeiros

marthamedeiros@terra.com.br

Sem querer interromper,



Não é um defeito que mereça entrar no rol dos crimes hediondos, mas é bem chato: pessoas que falam em cima da fala da gente. Ainda nem terminamos a frase, e o nosso interlocutor já está falando junto, numa demonstração clara de que não importa o que estamos dizendo, ele próprio tem algo mais importante a dizer.

Pode parecer uma crítica, mas é, na verdade,

uma autocrítica: entre essas pessoas, estou eu mesma. Minha família é ótima, alegre, desinibida, mas tem essa mania incontrolável: todos falam em cima dos outros. Não somos italianos, e sim ansiosos (nascidos e criados num país fictício chamado Ânasia). É um costume que passa de geração para geração. Mães, pais, avós, tios, primas, todos praticam essa esquizofrenia de não permitir que ninguém termine uma fala, ninguém. A conversa é de doidos, mas as festas são animadas.

Fui incorrigível, desse mesmo jeito, por muito tempo, até que comecei a perceber o quanto a

situação é desagradável para quem não faz parte da nossa árvore genealógica. Levei uns puxões de orelha das amigas, o que me salvou. Hoje, se não estou 100% curada, posso dizer que já consigo me conter um pouco. Procuro não sair falando junto, em cima, atrapalhando o trânsito das palavras. Ouço o que o outro tem a dizer, mas ainda cometo o pecado de terminar a frase por ele. Basta que o coitado vacile na conclusão da sua argumentação, buscando uma palavra que não vem, e eu rapidamente encontro a palavra que ele procurava. Quase sempre acerto, o que não me redime.

Precisamos nos dar conta de que **duas pessoas falando juntas é a anticomunicação**

Por que raios não esperei ele próprio encerrar seu discurso? Nascida em Ânasia, num lugarejo chamado Impaciência.

Nós, os acelerados de berço, não fazemos por mal, mas precisamos nos dar conta de que duas pessoas falando juntas é a anticomunicação. Sabemos como é azucrinante ter que conduzir nosso pensamento e ao mesmo tempo ouvir o que o nosso interlocutor está dizendo. Por isso me compadeço de entrevistadores que usam um ponto eletrônico no ouvido, aquele dispositivo que permite que se receba instruções do diretor do programa. Que sufoco ouvir duas vozes ao mesmo tempo, a do

entrevistado falando sobre sua obra e a do diretor avisando: “Arruma o cabelo que caiu no rosto”, “Não esquece de perguntar sobre o escândalo do ano passado”, “Corta esse chato e chama o comercial”.

Duas vezes simultaneamente: adeus, diálogo. Faz alguns anos que prometi a mim mesma: não vou mais me atravessar. Vou aguardar minha vez. Esperar a amiga falar, o namorado conduzir. Vou escutar. Vou respeitar. Quieta, deixa ele acabar. Ai, que aflição, não vou conseguir. Putz, não me segurei. Falei em cima, de novo.

Desculpe, desculpe. Termine o que você estava dizendo.

ANEXO Q – Crônica “A vida da gente”



Martha Medeiros

marthamedeiros@terra.com.br

A vida da gente



Desde que estreou, assisto a *A Vida da Gente* sempre que posso. Primeiro, porque já estava habituada a ligar a tevê no horário das 18h para ver *Cordel Encantado*, que foi uma obra de arte. Segundo, pela autora, Lícia Manzo, cujo trabalho segue a linha da excelente Maria Adelaide Amaral. E, por fim, por baírrimo mesmo: fiquei curiosa em ver como retratariam Porto Alegre, onde a trama ficcional se passa.

A Vida da Gente tem a medida da realidade. Por mais que saibamos que existem, na sociedade, vilões que mandam matar, mulheres que se vendem barato, familiares que se sacaneiam e barracos que acabam em delegacias, tudo isso é sempre over nas novelas – ninguém presta. E as motivações são fúteis, maniqueístas e sem respaldo psicológico.

A trama principal da novela: uma tenista entra em coma por quatro anos e, ao acordar, depara com uma filha crescida e um namora-

do que já não é seu. Foram transferidos para sua irmã, que não é uma cobra, e sim um doce de garota que apenas respondeu às exigências da continuidade da vida: criou a filha da irmã desacomodada e acabou se apaixonando pelo pai da garotinha. Incomum, mas verossímil, até porque todas as nuances são abordadas sem simplificações. O público apenas testemunha as urdiduras do destino.

Em paralelo, um pai cuida das filhas em casa enquanto a mãe trabalha. Outro pai e sua esposa fútil não cuidam do filho, terceirizando-o para uma babá. A dificuldade de se relacionar com enteados. Uma mulher sequelada se anula para viver a vida da filha favorita. O amor na terceira idade. A aproximação de uma filha adotiva com o pai biológico. Uma mulher com urgência para procriar busca um pai compatível, em vez de um amor de verdade. Pais, pais, pais. Eles nunca tiveram tanto protagonismo numa novela – finalmente, os papéis masculinos ganharam humani-

dade, em vez de se dividirem entre bandidos inescrupulosos ou galãs insípidos.

Não há apelos sensacionalistas – os homens não andam sem camisa, as mulheres não são periguetes, os diálogos não são vulgares, o humor é sutil, e não caricato. A canastrice foi abolida. E ainda que as atuações sejam discretas, pouco mobilizantes, não há como não se render ao trabalho de Ana Beatriz Nogueira, Nicette Bruno, Gisele Froes, Marjorie Estiano e Fernanda Vasconcellos – sem desprezar nenhum dos não citados.

Mas, de tudo, o que mais me anima é o bom gosto. Não só o bom gosto da luz, da trilha sonora, da fotografia, do texto, mas da conduta. Não há grandiloquência no heroísmo nem na vilania. O que existe é a vida de todos nós: frágeis, inseguros, divididos, carentes, buscando acertar sem cometer muitos erros. Não que Terezas Cristinas sejam totalmente irreais, mas como é bom se reconhecer em personagens menos alegóricos e voltar a acreditar que não somos tão cafonas.

Como é bom se reconhecer em personagens menos alegóricos e voltar a acreditar que não somos tão cafonas



ANEXO R – Crônica “Natal para ateus”



Martha Medeiros

marthamedeiros@terra.com.br

A semana que antecedeu o Natal foi de caixa de e-mails lotada: diversas mensagens chegaram, algumas bem alegres, outras com apelos um pouco melodramáticos, em especial as que recrutavam Jesus, o aniversariante esquecido. De fato, vivemos numa época megaconsumista e muitos não dão valor à data, mas a tragédia não é absoluta. De minha parte, não festejo o aniversário de Jesus, mas nem por isso minha casa se transforma num iglu habitado por abomináveis corações de gelo. Me emociono, confraternizo, abraço, beijo e brindo à paz, acreditando que essa abertura sincera para o afeto é uma espécie de religião também.

Recentemente, o escritor e filósofo suíço Alain de Botton esteve no Brasil

lançando *Religião para Ateus*, livro em que ele defende a tese de que, mesmo sem acreditar em Deus, é possível ter fé. E mesmo sem ter fé, é possível encontrar na religião elementos úteis e consoladores que suavizam o dia-a-dia. Botton condena a hostilidade que há entre crentes e ateus, e diz que em vez de atacar as religiões, é mais salutar aprender com elas, mesmo quando não compactuamos com seu aspecto sobrenatural.

Não é de hoje que admiro esse autor, e mais uma vez ele me empolga com sua visão. Fui criada numa família católica, mas já na adolescência minha espiritualidade se divorciou dos rituais de celebração, já que deixei de acreditar em fatos bíblicos que me pareciam implausíveis. Nem por isso fiquei órfã dos valores éticos que as religiões pregam.

Solidariedade, gentileza, tolerância, princípios morais, nada é furtado daqueles que descartam a existência de Deus.

Claro que, se não houver o hábito constante da reflexão, podemos

nos tornar materialistas convictos e acabar exercendo a bondade só em datas especiais. É nesse ponto que Alain de Botton defende o lado prático e benéfico das religiões: elas funcionam como lembretes sobre a importância de nos introspectarmos e de fazermos a coisa certa todos os dias. Quem prefere não buscar esses lembretes na igreja, pode buscar na arte, no contato com a natureza ou onde quer que sua alma se revitalize.

Do que concluo que é possível encontrar o sentido do Natal sem montar presépio, sem assistir à missa do Galo e sem servilismo religioso. Basta que sejamos uma pessoa do bem, consciente das nossas responsabilidades coletivas e que passemos adiante a importância de se ter uma conduta digna. Nós todos podemos ser os pequenos “deuses” de nossos filhos, de nossos amigos e também de desconhecidos.

Dentro desse conceito, posso afirmar que o Natal é frequente aqui em casa: hoje, amanhã, depois de amanhã.

Natal para ateus



A diferença é que nos outros dias estamos de moletom em vez de vestido de festa, e a ceia vira uma torrada americana, mas o espírito mantém-se em constante estado de alerta contra o vazio e a superficialidade da vida.

Feliz Natal – para todos.

ANEXO S – Crônica “2012, me surpreenda”



Martha Medeiros

marthamedeiros@terra.com.br



2012, me surpreenda



Ano-Novo é uma convenção. Os dias correm em sequência. De 31 de dezembro para 1º de janeiro ocorrerá apenas mais uma sucessão de 24 horas em que nada mudará, tudo seguirá do mesmo jeito. Pois é, sei disso, mas é um ponto de vista sem nenhuma alegria. Sou das que compram o pacote de Ano-Novo com tudo que ele traz em seu imaginário: balanço de vida, reafirmação de votos, desejos manifestos e esperança de uma etapa promissora pela frente. Faço lista de projetos e tudo mais. Só que, quando

chega o fim do ano e avalio o que consegui cumprir, descubro que o inesperado superou de longe o esperado. As melhores coisas do ano sempre foram aquelas que eu não previ. Então tomei uma decisão: nessa virada, não vou planejar coisa alguma e aguardar as resoluções que 2012 tomará para mim, à minha revelia.

Mas poderia dar algumas sugestões?

2012, anote aí: que as coisas mudem, mas não alterem meu estado de espírito. Não deixe que eu me torne uma pessoa ranzinza, mal-humorada, desconfiada, sem tolerância para as diferenças. Aconteça o que acontecer, que eu

me mantenha aberta, leve e consciente de que tudo é provisório.

Não quero mais. Quero menos. Menos preocupações, menos culpa, menos racionalismo. Pode cortar os extras. Mantenha apenas o estritamente necessário para me manter atenta.

Está anotando?

Espero que você esteja com ótimos planos para sua amiga aqui. Lançarei livro novo? Permita que eu seja abusada: dois. Sendo que nenhuma coleção de crônicas, nem romance. Me ajude a variar.

Que lugares conhecerei que ainda não conheço? Que pessoas entrarão na minha vida que, quando cruzo com elas na rua, ainda não as identifico? Que boas notícias ouvirei das minhas filhas? Quantos shows terei o prazer de assistir? Estou curiosa para saber o que você está aprontando para incrementar os meses que virão.

Prometo que estarei preparada para receber o abraço afetuoso de quem

antes me esnobava, para a frustração por tudo o que for cancelado, para voltar atrás nas minhas teimosias, para me dedicar a algo que nunca fiz antes. Estarei disposta a tirar de letra os espíritos de porco e assumir a responsabilidade pelas asneiras que eu mesma cometer. E estarei pronta também para uma grande surpresa, ou até duas. Três, meu coração não aguenta.

Se a dor me alcançar, que me encontre com energia e sabedoria para enfrentá-la. Que eu não me torne dura diante dos horrores, nem sentimentalmente diante das emoções. 2012, os acontecimentos são da sua alçada. Da minha, cabe recepção-los com categoria.

Quais são seus planos para mim, afinal? Talvez nem todos sejam do meu agrado, portanto, que eu não tenha constrangimento em dizer “não, obrigada”, caso seja preciso. Mas que eu me sinta mais predisposta para o sim.

Se estamos de acordo, pode vir.

As
melhores
coisas
do ano
sempre
foram
aquelas
que eu
não previ



ANEXO T – Crônica “Esquecimento e memória”



Martha Medeiros

marthamedeiros@terra.com.br

Esquecimento e memória



O outro dia li um ensaio interessante sobre a arte de esquecer. Dizia que a memória até pode ajudar a conservar nossa história, mas que o esquecimento é fundamental para a regeneração da vida, que só esquecendo o passado podemos nos dedicar a planejar o futuro, algo assim. É uma tese controversa. Avanços históricos, sociais e tecnológicos estão intimamente ligados ao conhecimento do que já se fez antes. Já nas questões pessoais, um pouquinho de esquecimento pode, realmente, ajudar a desatar nós e a seguir em frente, mas isso em se tratando de pessoas que possuem mesmo um futuro. Para pessoas mais idosas, não pode haver velhice pior do que aquela em que se está mergulhado no breu.

Inúmeras doenças degenerativas corromem a memória, deixando a pessoa enredada no presente instantâneo. Ela esquece o que comeu no almoço, esquece com quem estava conversando há meia

Quero
olhar
para as
fotos e me
reconhecer
no sentido
mais
amplo,
enxergar
o que eu
sentia
naquele
momento
do clique

hora e sobre o quê. Menos mal que, mesmo com esse esquecimento de fatos imediatos, consegue produzir flashbacks, lembrar da infância, de acontecimentos remotos. Mas se a memória for inteirinha para o brejo, de que adiantou ter vivido?

Não consigo imaginar chegar lá adiante, velhinha, depois de ter atravessado tantos conflitos, tantos amores, cometido tantos erros e tantos acertos, e não poder comemorá-los, todos. O que justifica uma vida não são nossas boas intenções, nossas ideias jogadas ao vento, nossos quases: vida é a coisa realizada. O que se fez e o que se sentiu. Se elas forem esquecidas, esvaziam-se nossos 80 anos, nossos 90 ou cem anos. Qualquer longevidade passará a valer um segundo.

Quero olhar para as fotos e me reconhecer no sentido mais amplo, enxergar o que eu sentia naquele momento do clique, dizer “parece que foi ontem” sem sofrimento. Quero lembrar de sabores, de sorrisos, de gestos, esses flashes que

vêm e povoam a estrada atrás de nós. Quero inclusive lembrar dos arrependimentos e das dores, que vistos de longe parecerão menores, e essenciais. Quero rir muito do meu passado. Rir muito de mim, me recordando de trás pra frente.

Porque se não for assim, nossa vida terá valido para os outros, os que nos lembram, mas não terá valido para nós mesmos. Seremos uns desmemoriados sem alicerces, vagando num presente ilusório, desaparecendo a cada minuto que passa.

O esquecimento é um anestésico que não me tenta. Se temos que morrer um dia (que jeito), que seja abraçados às nossas recordações. A integridade de uma vida está em seu reconhecimento, mesmo que se reconheça, junto às boas lembranças, a proximidade do fim. É o preço. Pior é morrer com a bênção de não se dar conta da morte iminente, mas com o destino cruel de não poder avaliar, através da memória, se valeu ou não a pena.

ANEXO U – Crônica “Vinte segundos de insanidade: por que não?”



Martha Medeiros

marthamedeiros@terra.com.br

Vinte segundos de insanidade: por que não?



Fui assistir a *Compramos um Zoológico* nem tanto pelo casal protagonista, Matt Damon e Scarlett Johansson, e sim porque gosto muito do trabalho do diretor Cameron Crowe e sabia que ao menos a trilha sonora estaria garantida, nisso ele é craque. O filme não tem a pegada dos trabalhos anteriores dele, mas não foi perda de tempo. É um filme tenso, leve, bem família, ao estilo Walt Disney, com todos os elementos que caracterizam esse tipo de produção: orfãos, bichos, romance, uma garotinha que é um encanto e a confortadora previsibilidade protegendo contra qualquer susto.

Além da trilha sonora, que realmente não desapontou, o filme vale pela bela cena final e por uma pequena frase interrogativa que se destaca no roteiro. Mas, antes, a história do filme: um homem na faixa dos 30-40 anos fica viúvo e resolve dar uma mexida na rotina. Ao buscar uma nova casa, acaba adquirindo uma residência abandonada de 18 hectares que abriga um zoológico prestes a ser desati-

vado caso o novo dono da propriedade não invista pesadamente no negócio. Você tem ideia de como se administra um zoológico? Matt Damon também não, e os filhos dele, muito menos. Por que alguém se disponibilizaria para esse fracasso anunciado?

Ao ser questionado sobre a roubada em que se meteu, o personagem de Damon não encontra uma resposta plausível. Só lhe resta devolver a pergunta com outra pergunta: por que não?

É um filme sobre possibilidades nunca antes cogitadas. É sempre mais confortável transitar em terreno conhecido, mas que transformação advém da comodidade? Nenhuma. No filme, o pai ensina para o filho adolescente: há um momento na vida – ou até mais de um – em que é preciso reunir 20 segundos de coragem, sem pensar nas consequências. Bastam 20 segundos para se declarar a alguém sem nenhuma segurança de reciprocidade, ou 20 segundos para dizer a um corretor: fico com essa casa estropiada. Vinte segundos de ousadia, por que não?

Perguntar-se “por que não?” me parece estimulante para come-

Qual é o problema de se aventurar? Mesmo os ponderados – dos quais sou representante de turma – reconhecem que chega uma hora em que o convite para arriscar merece ser atendido



çar um novo ano. Exigem tanta explicação para nossas escolhas, tantas teorias e argumentações que justifiquem nossas atitudes, que se toma libertador devolver aos nossos inquisidores um “por que não?”. Qual é o problema de se aventurar? Mesmo os ponderados – dos quais sou representante de turma – reconhecem que chega uma hora em que o convite para arriscar merece ser atendido. O pior que pode acontecer é tudo dar errado. Pior em termos. Dar errado não é tão ruim diante da alternativa de nunca ter tentado.

Eu não compraria um zoológico nem sob a mira de um rifle automático, mas a história aconteceu de verdade e, bem, o resto o filme conta. Se você prefere um cinema mais adulto e palpante, assista ao ótimo *Tudo pelo Poder*, que mostra por que os idealismos são tão frágeis nos dias de hoje, mas se o objetivo for diversão, comoção e uma pitada de incentivo para se viver de uma forma menos burocrática, *Compramos um Zoológico*, por que não?

ANEXO V – Crônica “Não canse quem te quer bem”



Martha Medeiros

Não canse quem te quer bem



Foi durante o programa Saia Justa que a atriz Camila Morgado, discutindo sobre a chatice dos outros (e a nossa própria), lançou a frase: “Não canse quem te quer bem”. Diz ela que ouviu isso em algum lugar, mas enquanto não consegue lembrar a fonte, dou a ela a posse provisória desse achado.

Não canse quem te quer bem. Ah, se conseguíssemos manter sob controle nosso ímpeto de apoquentar. Mas não. Uns mais, outros menos, todos passam do limite na arte de encher os tubos. Ou contando uma história que não acaba nunca, ou pior: contando uma história que não acaba nunca cujos protagonistas

ninguém ouviu falar. Deveria ser crime inafiançável ficar contando longos causos sobre gente que não conhecemos e por quem não temos o menor interesse. Se for história de doença, então, cadeira elétrica.

Não canse quem te quer bem. Evite repetir sempre a mesma queixa. Desabafar com amigos, ok. Pedir conselho, ok também, é uma demonstração de carinho e confiança. Agora, ficar anos alugando os ouvidos alheios com as mesmas reclamações, dá licença. Troque o disco. Seus amigos gostam tanto de você, merecem saber que você é capaz de diversificar suas lamúrias.

Não canse quem te quer bem. Garçons foram treinados para te querer bem. Então não peça para tro-

**Uns mais,
outros
menos,
todos
passam
dos limites
na arte de
encher os
tubos**

car todos os ingredientes do risoto que você solicitou – escolha uma pizza e fim.

Seu namorado te quer muito bem. Não o obrigue a esperar pelos 20 vestidos que você vai experimentar antes de sair – pense antes no que vai usar. E discutir a relação, só uma vez por ano, se não houver outra saída.

Sua namorada também te quer muito bem. Não a amole pedindo para ela posar para 297 fotos no fim de semana em Gramado. Todo mundo já sabe como é Gramado. Tirem duas, como lembrança, e aproveitem o resto do tempo.

Não canse quem te quer bem. Não peça dinheiro emprestado pra quem vai ficar constrangido em negar. Não exija

uma dedicatória especial só porque você é parente do autor do livro. E não exagere ao mostrar fotografias. Se o local que você visitou é realmente incrível, mostre três, quatro no máximo. Na verdade, fotografia a gente só mostra pra mãe e para aqueles que também aparecem na foto.

Não canse quem te quer bem. Não faça seus filhos demonstrarem dotes artísticos (cantar, dançar, tocar violão) na frente das visitas. Por amor a eles e pelas visitas.

Implicâncias quase sempre são demonstrações de afeto. Você não implica com quem te esnoba, apenas com quem possui laços fraternos. Se um amigo é barrigudo, será sobre a barriga dele que faremos piada. Se

temos uma amiga que sempre chega atrasada, o atraso dela será brindado com sarcasmo. Se nosso filho é cabeludo, “quando é que tu vai cortar esse cabelo, guri?” será a pergunta que faremos de segunda a domingo. Implicar é uma maneira de confirmar a intimidade. Mas os íntimos poderiam se elogiar, pra variar.

Não canse quem te quer bem. Se não consegue resistir a dar uma chateada, seja mala com pessoas que não te conhecem. Só esses poderão se afastar, cortar o assunto, te dar um chega pra lá. Quem te quer bem vai te ouvir até o fim e ainda vai fazer de conta que está se divertindo. Coitado. Prive-o desse infortúnio. Ele não tem culpa de gostar de você.

ANEXO X – Crônica “fakebook”



Martha Medeiros

marthamedeiros@terra.com.br

O Facebook tem rendido muitas risadas entre mim e minhas amigas. Temos um grupo que se reúne com certa frequência (da maneira antiga: ao vivo), e volta e meia surge o assunto. Claro que todas estão na rede social, com exceção de duas. Duas mulheres de Neanderthal, entre as quais, eu. Antes não estávamos no Facebook porque não nos fazia a menor falta, mas agora não estamos porque virou questão de honra. Tem sido uma diversão resistir à insistência de quem alega que estamos “fora do mundo”.

A Danuza Leão afirma, em seu último livro, que é um mico a gente tornar público que não entende nada de rede social. É mais moderno dizer que está por dentro, mesmo que não saiba ligar um computador. Ai, Danuza, tarde demais. Já pendurei na parede meu diploma de pré-histórica. Tenho mestrado e doutorado em

alienação virtual.

O que não me impede de estar no Face. Não, não estou me contradizendo, tenho uma meia-dúzia de perfis na rede. Se você procurar, vai encontrar gente que extrai frases das minhas crônicas e faz uma gentil colaboração, melhorando-as, e também gente que se faz passar por mim, trocando ideias com seus adicionados como se fosse eu. A generosidade desse pessoal não tem limite. Antigamente, isso seria considerado crime, agora está enquadrado como “homenagem”. Eu agradeço pra quem?

“É uma terrível calamidade, para uma época, não saber mais a quem estimar.” Essa frase eu não tirei da internet, e sim de *O Eterno Marido*, de Dostoiévski, livro escrito em 1869, quando, por incrível que pareça, eu ainda não era nascida. E você, está seguro de que seus estimados são realmente quem dizem ser?

O Facebook é uma ferramenta dinâmica, agregadora, mobilizadora e tomou o e-mail obsoleto. Pena que possua algumas contra-indicações, como, por exemplo, fazer com que

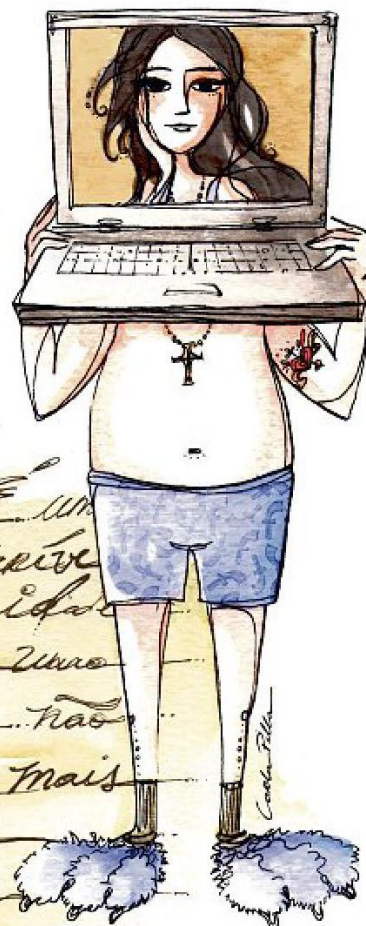
não sejamos mais donos nem da nossa memória. No último encontro com as amigas, fomos às gargalhadas por causa de uma discussão a respeito de uma moça chamada (vou trocar o nome dela para manter sua privacidade, espero que ela não me processe por isso) Zezé Velasques. Segundo minhas amigas que estão no Face, Zezé diz ter sido minha querida amiga do colégio. Eu nunca fui colega de nenhuma Zezé Velasques, esse nome nunca constou da minha agenda de telefones, nunca coleei uma prova dessa menina, tenho certeza de que nunca disse nem oi para qualquer Zezé Velasques, mas há quem diga que estou delirando, que claro que fui colega dela no Anchieta, onde, segundo também dizem, estudei a vida toda, mesmo que no meu histórico escolar conste que dos 6 aos 17 anos eu tenha sido aluna do Bom Conselho. Em quem acreditar? Não olhe pra mim, há muito que deixei de apitar na minha própria história.

Aqui, de fora do mundo, meu beijo pra Zezé e pra todos que ainda conseguem lembrar dos amigos sem a ajuda de aparelhos.

fake book

O Facebook é uma ferramenta dinâmica e tornou o e-mail obsoleto.

Pena fazer com que não sejamos mais donos nem da nossa memória



ANEXO Z – Crônica Empregadas ou secretárias?”



Martha Medeiros

marthamedeiros@terra.com.br

Ouvi em algum lugar que o número de empregadas domésticas tem diminuído de ano a ano no Brasil. É uma boa notícia. A oferta de empregos aumentou e essas profissionais estão buscando colocação em outros setores, onde possam ganhar mais e alinhar um plano de carreira. Pode ser bom inclusive para seus empregadores, que terão que se adaptar a um novo estilo de vida: eles próprios farão os afazeres domésticos, convocando a família inteira para colaborar. Ninguém morre se tiver que cozinhar e lavar uma louça, e me parece digno que os filhos entrem nesse mutirão, se preparando melhor para a vida. Hoje não mexem um dedo porque tem uma Maria que faz tudo por eles.

Pois a Maria, segundo estatísticas, não quer mais ser empregada doméstica, e sim ter um status mais elevado. Quem sabe, ser uma secretária. De fato uma secretária. Muitas pessoas chamam suas empregadas de secretárias, na boa intenção de presti-

Empregadas ou secretárias?

Uma não substitui a outra; **uma não é melhor do que a outra.** Ambas são indispensáveis, cada uma em seu ambiente de trabalho



giá-las. Acho estranho. Então devemos chamar as verdadeiras secretárias de quê? Empregadas?

Pessoas que promovem verbalmente suas funcionárias acreditam estar valorizando-as, mas parece o contrário: demonstram que ser empregada doméstica não é honroso, a ponto de fingirem que elas são outra coisa. Se eu me referisse à minha empregada como “secretária”, creio que estaria revelando desdém a sua real função. Seria o mesmo que chamar o peão-de-obra de engenheiro ou a garçonete de chef de cozinha. Um upgrade de mentirinha.

Algumas empregadas domésticas ainda não são totalmente alfabetizadas. Não dominam o uso do computador. Não controlam a agenda profissional de seus patrões. São exímias cozinheiras, arrumadeiras, braços direitos das famílias, mas não fazem o que uma secretária faz. Assim como secretárias podem não saber fritar um ovo e nem passar direito uma camisa. Uma não substitui a outra. Uma

não é melhor que a outra. Ambas são imprescindíveis, cada uma em seu ambiente de trabalho.

Se a palavra “empregada” parece pejorativa, pode-se chamá-la de funcionária, que é o que ela é também. Já chamá-la de secretária apenas expurga a culpa do patrão, que não quer parecer um senhor do engenho, do tipo que tem escravos. Ou seja, ele se utiliza de um eufemismo para provar que respeita todos os direitos trabalhistas da sua funcionária. Nem se dá conta de que esse pudor com a palavra empregada talvez desmereça as profissionais que tiveram a chance de estudar mais e que fizeram cursos preparatórios para trabalhar numa empresa, e não numa casa de família. Secretárias não fazem trabalho doméstico, e sim de escritório. Apesar de eu nunca ter lido nenhuma pesquisa a respeito, tenho a impressão de que elas devem se sentir desconfortáveis ao verem as duas funções confundidas.

Eu, às vezes, me confundo. Outro dia me disseram: vou te levar lá em casa para provar o suflê de queijo que a minha secretária preparou. Logo pensei: coitada, fazendo hora extra.

ANEXO AA – Crônica “A geladeira e o livro”



Martha Medeiros

marthamedeiros@terra.com.br

Fazia dois dias que minha geladeira havia entrado em pane. Não deixou de resfriar, mas as luzes do painel piscavam o dia inteiro, como se fosse uma bomba a ponto de explodir, e o alarme disparava de tempo em tempo, mesmo a porta estando bem fechada. Sou otimista, achei que tudo se resolveria num passe de mágica, mas o coelho não saiu da cartola e acabei tendo que chamar um técnico, que agendou a visita para a manhã seguinte, às 9h30. Quando eram 9h25, as luzes do painel, antes esquizofrênicas, apagaram. O alarme já não disparava desde a noite anterior. Eu não queria mágica?

A primeira coisa que disse ao técnico: “Acredite, há dois dias que esta geladeira está tendo chilikie, só parou quando o senhor começou a subir pelo elevador”. Ele me deu um olhar compreensivo, fez um check up no aparelho

A geladeira e o livro



e descobriu um pequeno defeito. Alívio. Morri com R\$ 300, mas a geladeira ganhou uma sobrevida. E minha neura, também.

Ninguém gosta de passar por exagerado. Ao saímos do cinema, somos capazes de listar um sem-número de elogios ao filme que assistimos, mas basta alguém se empolgar com a nossa descrição e resolver assisti-lo por nossa causa que a responsabilidade começa a pesar: “Olha, eu gostei, mas talvez não seja seu tipo de história. Vá sem expectativas. É meio longo. Tem uma partezinha devagar, mas, sei lá, acho que vale a pena”.

Um amigo me recomendou um livro sensacional. Segundo ele, a melhor coisa que leu no último ano. Bom, então quero ler também. No dia seguinte, ele largou o livro na portaria do meu prédio, e quando liguei pra agradecer, ouvi: “Talvez tu não goste tanto assim. Comprei pra ti uma edição diferente da minha, o tradutor não sei se é tão bom. Tu não é obrigada a gostar, tá?”

Os episódios da geladeira e do livro, cada um a seu modo, demonstram o quanto ficamos inseguros ao viramos

referência. No caso da geladeira, a única prova que eu tinha de que ela estava amarelado eram as luzes piscantes. Quando elas pararam de piscar, passou a valer apenas a minha palavra. Que solidão.

Quando meu amigo incentivou a leitura do livro, estava expondo sua erudição, já que o autor era um filósofo. Mas no momento em que demonstrei interesse em ler também, ele passou a duvidar do próprio entusiasmo. E se o livro não fosse tão bom no meu parecer? De repente, não era mais o livro que estaria em julgamento, e sim ele. Solidão, também.

Outra: uma amiga resolveu ir a Machu Picchu depois que comentei coisas incríveis sobre a viagem que fiz para lá recentemente. Ai, ai, ai. E se ela passar mal com a altitude? E se achar a comida muito apimentada? E se voltar pensando que me empolgo por qualquer ruína de cartão-postal? Já era: terá perdido a chance de ir para outro lugar mais encantador a seus olhos. Por que fui emprestar os meus?

No fim das contas, tudo o que queremos é ser amados. Por aqueles

No fim das contas, tudo o que queremos é ser amados



a quem recomendamos um livro, por quem resolveu viajar incentivado por nós, e, sim, pelo técnico que confirmou que nossa geladeira estava mesmo estragada, contra qualquer evidência. Fa-

lando na geladeira, passa bem. As luzes nunca mais piscaram nem o alarme disparou. A não ser o meu: “não se leve tão a sério, não se leve tão a sério, não se leve tão a sério”.